

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

ANTONIA DA SILVA SANTOS

**FORMAS DE INTERAÇÃO COLETIVA NUM UNIVERSO DE
DESEJOS DE LIBERDADE E LIBERTAÇÃO NO AMBIENTE
VIRTUAL – ANÁLISE CRÍTICA E SEMIÓTICA**

Salvador

2021

ANTONIA DA SILVA SANTOS



**FORMAS DE INTERAÇÃO COLETIVA NUM UNIVERSO DE
DESEJOS DE LIBERDADE E LIBERTAÇÃO NO AMBIENTE
VIRTUAL – ANÁLISE CRÍTICA E SEMIÓTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento

SENAI
Sistema FES
Linha TTI – Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi

Salvador

2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, Antonia da Silva.

Formas de interação coletiva num universo de desejos de liberdade e libertação no ambiente virtual - análise crítica e semiótica / Antonia da Silva Santos. - 2021.

140 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.

1. Preconceitos. 2. Ambiente virtual. 3. Relações sociais. 4. Facebook (Rede social on-line) - Discursos. 5. Semiótica. 6. Emoções. 7. Tensão. 8. Análise crítica do discurso. I. Galeffi, Dante Augusto. II. Programa de Pós-Graduação Multi- institucional em Difusão do Conhecimento. III. Título.

CDD 305 - 23. ed.

ANTONIA DA SILVA SANTOS

**FORMAS DE INTERAÇÃO COLETIVA NUM UNIVERSO DE
DESEJOS DE LIBERDADE E LIBERTAÇÃO NO AMBIENTE
VIRTUAL – ANÁLISE CRÍTICA E SEMIÓTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do
Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do
Conhecimento.

Aprovada em: 19 de outubro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi – Orientador

Profa. Dra. Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara – Coorientadora e Examinadora – UAb –
Lisboa – Portugal

Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi – Examinadora – Instituto Federal de São Paulo – IFSP

Prof. Dr. José Wellington Marinho Aragão – Examinador – Universidade Federal da Bahia –
UFBA/PPGDC

Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira – Examinador – Universidade Estadual de Feira de Santana
– UEFS/PPGDC

À minha filha, minha Deusa de Amor.

Agradecimentos

Agradeço, de modo especial, ao Pai, que me concedeu uma vida maravilhosa com saúde, paz e harmonia constantes e oportunidades incontáveis de enriquecer com este momento de quase quatro anos: conhecendo pessoas, participando com pessoas, trocando com pessoas, vivendo com pessoas.

Agradeço, com carinho especial, à Universidade Federal da Bahia – UFBA, em vários espaços e pessoas, à Faculdade de Educação da UFBA, em destaque, ao Prof. Dr. Cleverton Silva, à Profa. Dra. Dinéia Sobral, à Profa. Dra. Noemi Santana, ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Linguagem – GELING, que me concedeu a oportunidade de participar efetivamente desta etapa de aprendizado.

Agradeço à Universidade de São Paulo – USP, que me acolhe, carinhosamente, há um bom tempo... Bons tempos... E foram renovados os tempos, sobretudo, na pandemia... Não somente à USP, mas outras universidades ligadas... Agradeço aos Grupos de Pesquisa...

Agradeço à Universidade Aberta de Portugal – UAb, em Lisboa, que, de modo singular, me permitiu dar um grande salto, um salto além-mar, mesmo em tempos de pandemia e o que estava muito longe e era pouco se tornou próximo e bastante.

Agradeço, profundamente, ao meu querido professor-orientador Dr. Dante Augusto Galeffi que, de modo cortês e em alto estilo, atravessou esse momento de convívios diversos, à sua maneira, se fez presente com tantos outros professores, colegas, funcionários, amigos, parentes, familiares em geral e comigo.

Agradeço, do fundo do coração, à Profa. Dra. Maria Célia Lima que, certamente, foi conduzida por sentimentos nobres de outras galáxias, porque encontros mais do que não casuais proporcionaram essa parceria de estudos, pesquisas e amizade.

Agradeço à Profa. Dra. Isabel Roboredo Seara, a qual reúne tantos encantos, sobretudo, virtudes ocultas e encorajadoras, que me fogem as palavras. Muitíssimo grata!

Agradeço ao Prof. Dr. José Wellington Marinho Aragão, maravilhoso, alegre, competente e animador.

Agradeço ao Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira pela atmosfera que emana tranquilidade, alegria, rigor na educação e um pouco de timidez (quem sabe?).

Agradeço à Profa. Dra. Fernanda Massi que, nos bastidores, me acompanha com os meus escritos, com competência, ética e fidelidade, desde um pouco antes do início desta caminhada.

Agradeço aos colegas que, sem dúvida alguma, serviram de anjos para que eu não desanimasse, nem muito menos mostrasse qualquer motivo para me aborrecer. Aos que se transformaram em amigos, aos que se transformaram em irmãos...

Agradeço, profundamente, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente participam deste momento.

Promessa é compromisso. Juntos honramos nosso compromisso.

“A Semiótica diz o seguinte: que a paixão é uma dimensão importante do discurso e o sujeito da enunciação é sempre um sujeito apaixonado. A paixão é, para a Semiótica, um arranjo de elementos lingüísticos, dado que é uma paixão de papel, uma paixão representada. Ela é um arranjo de modalidades, que são moduladas.”

José Luiz Fiorin (2007b, p. 60)

“A Universidade tem lá suas ambiguidades. Pode ser apenas um espaço das elites, de reprodução, de competição, até de preconceitos. Mas nós sabemos que essa não é sua verdade. Ela é, sobretudo, e hoje mais que nunca, o espaço da ampliação de direitos, o lugar de enfrentamento dos preconceitos, o lugar da colaboração e da criatividade. É lugar de ciência, cultura e arte. E incomoda muito por isso”.

João Carlos Salles (2021)

SANTOS, Antonia da Silva. **Formas de interação coletiva num universo de desejos de liberdade e libertação no ambiente virtual – análise crítica e semiótica**. 140 p. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa discute a questão da tensão nas relações políticas e sociais provocada por diferentes manifestações preconceituosas, sua significação e sua estrutura, bem como a atividade formativa dos sentidos, impulsionando novas conexões em uma dimensão semiótica. A partir do acesso às informações, permitido pela tecnologia, pretendeu-se alcançar o objetivo central, que é descobrir meios para diminuir a disseminação de preconceitos no ambiente virtual, especificamente, na rede social Facebook. Ao constatar a continuidade e até mesmo a ampliação de traumas interligados entre as pessoas em provocações de seus sentimentos e suas emoções, bem como o prosseguimento da violação de seus direitos, foram destacados, através de Greimas e Fontanille (1993), na *Semiótica das Paixões*, os sentimentos de ódio, indignação, ira, raiva, insatisfação, ressentimento, resistência. Assim, decidiu-se averiguar as variadas palavras e expressões maledicentes, sobretudo, aquelas oriundas dos sentimentos de cada ser e manifestadas pelos chefes de Estado, tendo como sujeito principal o então presidente da República, haja vista a sua representatividade, não só pelo cargo que ocupa no momento, mas como pessoa detentora de poder, que influencia ou representa os Outros. A investigação ocorreu com a utilização de notícias e *charges* que foram postadas no Facebook, com as quais pôde ser mostrada a possibilidade de descoberta de outros meios implícitos que justificassem reflexões, mudanças, transformações no ser humano ou que conduzissem à produção de novos sentidos e estes evidenciassem as subjetividades e/ou identidades em construção de uma rede de interação de novos sujeitos e pela leitura de suas emoções e/ou sentimentos. Foi realizada uma discussão bibliográfica ao longo da tese, na medida em que foram avaliados os diferentes aspectos relacionados ao problema, incluindo comentários sobre a situação atual do Brasil e a ampliação do processo das tensões ocasionadas aos respondentes observados e confirmadas através dos questionários, bem como os sentimentos e as emoções manifestadas pela leitura dos textos e imagens selecionados. A pesquisa mantém uma abordagem de natureza qualitativa, comunicativa e participativa, sendo ilustrados os parâmetros, a dinâmica, os preconceitos e a hierarquização e resistência nos textos e imagens estudadas, na medida em que foram avaliados os elementos conjugados. O método analítico oferece a oportunidade de serem observados perfis similares e/ou posições distintas, porém, complementares à análise. As estratégias de investigação nas abordagens qualitativa, quantitativa ou multi-métodos, por serem auxiliares da exploração da realidade e da compreensão de fenômenos sociais ou humanos, proporcionam perspectivas teóricas que podem ser testadas e/ou analisadas na prática (MASSUKADO, 2008).

Palavras-chave: Discurso; Semiótica; emoções; tensão; Análise Crítica do Discurso.

SANTOS, Antonia da Silva. **Forms of collective interaction in a universe of freedom and liberation desires in the virtual environment – comparative and semiotic analysis.** 140 p. 2021. PhD Thesis – 2021. Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

The research discusses the issue of the tension in the political and social relations provoked by the different prejudiced manifestations, its meaning and its structure, as well as the formative activity of the senses, driving new connections in a semiotic dimension. From the access to the information allowed by technology, it is intended to achieve the central objective of this research, which is to find ways to reduce the spread of prejudice in the virtual environment, specifically on the social network Facebook. Noting the continuity and even the expansion of interconnected traumas between people in provoking their feelings and emotions, as well as the continuing violation of their rights, were highlighted through Greimas and Fontanille (1993) in the *Semiotics of Passions*, the feelings of indignation, anger, rage, hate, dissatisfaction, hurt, resentment, resistance. Thus it was decided to find out the various words and slanderous expressions, especially those expressed by the Heads of State, having as the main subject, the President of the Republic, given its representativeness, not only by the position it currently holds but as a person who has the power to influence or represent other people. The investigation takes place through the use of news and cartoons posted on Facebook, which may show the possibility of favoring the discovery of other implicit means that justify reflections, changes, transformations in the being or that lead to the production of new meanings. It evidences the subjectivities and/or identities in building a network of interactions of new subjects and the reading of their emotions and/or feelings. A bibliographical discussion is intended throughout the thesis, as the different aspects related to the problem are evaluated, including comments on the current situation in Brazil and the expansion of the process of tensions caused by prejudice and feelings expressed in the texts and images published on the Facebook dating site. Through a qualitative, communicative, comparative, and participatory approach, the parameters, the dynamics, the prejudices, and the hierarchy and resistance in the texts and images studied were illustrated, as the conjugated elements were evaluated, since when Comparative method offers the opportunity to observe similar profiles and/or different positions, but complementary to the analysis. The research strategies in qualitative, quantitative or multi-method approaches, as they assist in exploring the reality and the understanding of social or human phenomena, provide theoretical perspectives that can be tested and/or analyzed in practice (MASSUKADO, 2008).

Keywords: Discourse; Semiotics; emotions; tension; Comparative Discourse Analysis.

SANTOS, Antonia da Silva. **Formes d'interaction collective dans un univers de désirs de liberté et de libération dans l'environnement virtuel – analyse critique et sémiotique**. 140 p. 2021. Thèse (Doctorat) – Doctorat multi-institutionnel et multidisciplinaire en diffusion des connaissances, Faculté de l'Éducation, Université Fédérale de Bahia, Salvador, 2021.

RÉSUMÉ

Cette recherche aborde la question des tensions dans les relations politiques et sociales causées par différentes manifestations de préjugés, leur signification et leur structure, ainsi que l'activité formative des sens, stimulant de nouvelles connexions dans une dimension sémiotique. De l'accès à l'information, permis par la technologie, nous entendions atteindre l'objectif principal, qui est de découvrir des moyens de réduire la propagation des préjugés dans l'environnement virtuel, en particulier dans le réseau social Facebook. En vérifiant la continuité et même l'expansion des traumatismes interconnectés entre les personnes dans les provocations de leurs sentiments et émotions, ainsi que la poursuite de la violation de leurs droits, des sentiments de haine, indignation, colère, insatisfaction, ressentiment, résistance ont été mis en évidence, à travers Greimas et Fontanille (1993) dans *Sémiotique des passions*. Ainsi, il a été décidé d'enquêter sur les différentes paroles et expressions calomnieuses, notamment celles exprimées par les chefs d'État, avec le président de la République de l'époque comme sujet principal, compte tenu de sa représentativité, non seulement en raison de la fonction qu'il occupe actuellement, mais en tant que personne détentrice de pouvoir, qui influence ou représente les Autres. L'enquête s'est déroulée à l'aide de nouvelles et de dessins humoristiques publiés sur Facebook, auxquels on pouvait montrer la possibilité de découvrir d'autres moyens implicites qui justifient des réflexions, des changements, des transformations dans l'être humain. Ou encore qui conduisent à la production de nouveaux sens et ceux-ci témoignent de la subjectivité et/ou identités dans la construction d'un réseau d'interaction de nouveaux sujets et par la lecture de leurs émotions et/ou sentiments. Une discussion bibliographique a été menée tout au long de la thèse, au fur et à mesure que les différents aspects liés au problème ont été évalués, y compris des commentaires sur la situation actuelle au Brésil et l'expansion du processus de tensions causées aux répondants observés et confirmés à travers des questionnaires, ainsi que les sentiments et émotions exprimés par la lecture des textes et images choisis. La recherche maintient une approche qualitative, communicative et participative, mettant en évidence les paramètres, la dynamique, les préjugés, la hiérarchie et la résistance dans les textes et images étudiés qui seront illustrés au fur et à mesure que les éléments combinés dans la recherche ont été évalués. La méthode analytique comparative offre la possibilité d'observer des profils similaires et/ou des positions distinctes, cependant, complémentaire à l'analyse. Les stratégies de recherche dans les approches qualitatives, quantitatives ou multi-méthodes, car elles aident à explorer la réalité et à comprendre les phénomènes sociaux ou humains, ont fourni des perspectives théoriques qui peuvent être testées et/ou analysées dans la pratique (MASSUKADO, 2008).

Mots-clés: Discours; Sémiotique; émotions; tension; Analyse Critique du Discours.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Significados de preconceito	25
Quadro 2. Características do preconceito	33
Quadro 3. Indignação	43
Quadro 4. Raiva	44
Quadro 5. Revolta	44
Quadro 6. Ira	45
Quadro 7. Medo	46
Quadro 8. Resistência	47
Quadro 9. Ressentimento	48
Quadro 10. Polarização	49
Quadro 11. Ódio	51
Quadro 12. Notícias, reações e sentimentos	55
Quadro 13. Análise das charges	56
Quadro 14. Características do comportamento narcisista	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - TEXTOS, PESQUISA E SUAS RAMIFICAÇÕES	16
1.1 Textos multimodais – o objeto de estudo	16
1.2 Utilidade para o tema e a temática – termos e entendimentos	19
1.3 Estrutura da tese	20
1.4 Primeiras considerações	23
CAPÍTULO 2 - UM DEVIR NAS MODALIDADES: TEXTOS, DISCURSOS E CONHECIMENTO	24
2.1 Referencial teórico	24
2.2 O preconceito ou o pré-conceito	25
2.3 O racismo no contexto atual	27
2.4 Considerações parciais	30
CAPÍTULO 3 - LÁGRIMAS NO PAPEL DA VIOLÊNCIA, DAS TENSÕES E INCERTEZAS	32
3.1 A violência do preconceito	32
3.2 O preconceito e o sujeito preconceituoso	33
3.3 Sentimentos e emoções na rede	35
3.4 Considerações quase finais	38
CAPÍTULO 4 - O PERCURSO E AS CURIOSIDADES DA PESQUISA	40
4.1 Procedimentos metodológicos	40
4.2 Por que Análise Crítica do Discurso (ACD)?	41
4.3 Significação dos termos e palavras – reflexos de expressões preconceituosas	42
4.4 Apresentação do <i>corpus</i>	51
4.5 Primeiros resultados – discussão	54
4.6 Caracterização dos perfis dos sujeitos vividos individual e coletivamente – visão geral	56

4.6.1 O sujeito falante e suas manifestações caracterizadoras	57
4.6.2 De qual mundo é esse que se fala?	58
4.6.2.1 Sobre o narcisismo	58
4.6.2.2 Fala favorável à tortura	60
4.6.2.3 Fala favorável à misoginia	61
4.6.2.4 Fala favorável à xenofobia	62
4.6.2.5 Fala favorável ao genocídio	62
4.6.2.6 Fala favorável à discriminação dos indígenas	63
4.6.2.6.1 Sobre a Resolução nº 04	63
4.6.2.7 Fala favorável à homofobia	64
4.6.2.8 Fala favorável ao racismo	65
4.7 Resultados	66
CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES – Questionários 1 e 2	78
ANEXOS – <i>Corpus</i> de pesquisa: reportagens e charges	120

INTRODUÇÃO

O paradigma do desenvolvimento humano como um processo de expansão das liberdades desfrutadas pelas pessoas é ressaltado e intercala os passos de mais de uma década de pensamentos sobre diferentes reflexões ligadas ao tema do preconceito. Talvez haja pontos diferenciais no que se refere a espaço ou período. O preconceito existe e é estudado há algum tempo, mas vem se alastrando com a expansão das redes sociais. Dito isso, há diferentes manifestações contra os mais variados tipos de preconceito: linguístico, racial, social, de gênero, de idade.

Longe de finalizar... Trata-se de um recomeço e sempre. O recomeço dos ciclos da relação com estudos sobre a temática dos escravizados e, portanto, sobre as pessoas consideradas “diferentes”, que aconteceu a partir do ano de 2008. As situações vividas trouxeram a mim vários estudiosos do assunto. Os desafios começaram, inclusive, com a formação de atividades que não fizeram o silêncio triunfar. De lá para cá, vem sendo apresentados diversos trabalhos que envolvem o tema, um paralelo entre o Brasil e África, uma revisão de como estão os brasileiros nesse trajeto, um retrospecto de mim mesma, enfim, uma oportunidade de crescimento impagável.

Falar que tomar decisões, optar por definições no rumo de nossa existência é o que faz dizer que as nossas decisões na vida são ações delas decorrentes e que nos fazem ser o que somos. Embora o preconceito estivesse no ar, adentrei, principalmente na academia, com diversos olhares, com um olhar multidisciplinar, já que os relacionamentos com as diversas áreas não só me provocaram, como também me deram força e as oportunidades vieram.

Dentre as oportunidades, nenhuma melhor do que a de conhecer, de pertinho, o querido Prof. Dr. Kabengelê Munanga, o qual serviu de exemplo através da sua fala, da postura, das dicas, dos trabalhos, dos escritos, dos livros, do carinho, da afetividade, da história de brilho. Tivemos vários encontros, atravessamos vários caminhos e sempre movidos a muitas emoções.

Apresentei uma comunicação oral intitulada “Vínculos, representações e imagens em textos e contextos da internet: linguagens e usos preconceituosos”, em 2016, no IV ELEGE – IV Encontro de Leitura e Escrita do GELING – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Linguagem, evento realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Na apresentação, reflexionava-se que não seria possível contestar a estimativa de que quase toda a humanidade sofresse algum tipo de exclusão, seja cultural ou por opção de gênero, orientação

sexual, classe social ou outros motivos relacionados às diferenças. Era mais um registro de que a tecnologia estava deixando marcas.

Naquela ocasião, foram apontadas as redes sociais, que são utilizadas para disseminar ideias e valorizar pessoas, tornando-as mais conhecidas ou mais populares, ou ainda, arruinando reputações, apesar de a internet ser um ambiente social. Ainda assim, ao contrário do que se pensa, a rede não acoberta anonimato, pois, aquele que se esconde atrás de um pseudônimo pode ser rastreado e identificado.

Falar que tive expectativas que negaram algumas verdades é o mesmo que afirmar que os cursos à distância são essenciais. Às vezes, são monótonos, noutras vezes, perpassam imagens e ideias de frieza ou até de separação, mesmo com o distanciamento de várias formas. Há algum tempo, o ensino à distância vem se destacando e hoje se torna uma válvula protetora que permite a permanência da oportunidade da fala, da escrita e da visão.

Diante da pandemia e do isolamento social, a partir de março de 2020, todos se mobilizaram e se curvaram ao ensino remoto, à comunicação *on-line* e à utilização das redes sociais. O realce está para o estágio doutoral – doutorado sanduíche vinculado à Universidade Aberta de Portugal, que abriu um grande horizonte para apresentações, contatos e parcerias internacionais, ao tempo em que fez aumentar a valorização do trabalho à distância.

O advento desta perspectiva multidisciplinar e multirreferencial segue com o roteiro acompanhado pela problemática do preconceito, o *corpus* e sua constituição, diferentes sujeitos – sujeito-falante dos textos de cunho preconceituoso postados na internet, o atual presidente da República do Brasil e sujeitos-participantes das enquetes, com inspirações na semiótica greimasiana. Isso sem deixar de ter envolvimento com a Análise do Discurso, com a Análise Crítica do Discurso (ACD), destacando os sentimentos, as emoções e as reações das pessoas, bem como os objetivos desta pesquisa, inclusive, sendo apresentados diversos artigos. Alguns desses foram publicizados e/ou divulgados em congressos de várias instituições nacionais e do exterior e foram conjugados junto à discussão na pesquisa.

Os capítulos desta tese foram delineados a partir da introdução que, preliminarmente, relembra fatos e memórias de forma individual, agrupados por artigos publicados ou não e sua ampliação:

- a. o primeiro capítulo se refere ao problema – questão que norteou o estudo, aliado à sua temática – o preconceito e o objeto de estudo (as charges e reportagens selecionadas);
- b. o segundo capítulo se estende ao referencial teórico, ou seja, traz reflexões sobre o tema central – preconceito – e apresenta diversas impressões a respeito do que acontece, do que é demonstrado ou revelado em relação às manifestações de preconceito;

c. ao deduzir-se que o preconceito está ligado diretamente às relações de poder, no terceiro capítulo se procura demonstrar as diferentes expressões faladas e provocadas nos sentimentos e, conseqüentemente, as suas reações pouco investigadas. Assim, são percebidas as emoções, alargando-as à leitura dos textos coletados e às entrevistas realizadas, sendo mostradas as ilustrações com *charges* e *emojis* ao longo do trabalho;

d. o percurso metodológico, as entrevistas e enquetes, bem como a caracterização dos sujeitos – sujeito falante e sujeitos participantes – são apresentadas e refletidas no quarto capítulo, bem como o reflexo de suas histórias de vida, motivado, também, pelas observações e críticas referentes aos sujeitos, sobretudo, ao sujeito-falante. Neste capítulo, são mostradas as considerações metodológicas e suas entrelinhas, ou seja, o enfoque psicanalítico do sujeito-falante e a atuação dos sujeitos participantes e viventes no país, diante de suas vivências e (com) vivências, da situação emocional de cada um;

e. na conclusão, é apresentada a constatação e a confirmação das respostas dadas à questão norteadora da pesquisa e aos novos sentidos que caracterizam um dado sentimento percebido. Ou seja, há um comodismo ou uma acomodação que firma uma inércia entre as pessoas, principalmente, entre os brasileiros, mesmo que participem de um grupo letrado.

Hoje, é ventilado em/para toda humanidade o desejo forte de que a questão do intelecto seja transformada em sentimento, do lógico ao psicológico, da cognição aos processos pedagógicos, do esforço ao interesse, da disciplina à espontaneidade, da quantidade à qualidade, modificando, inclusive, o cenário de sentimentos. Ao se realçar o *pathos*, passa-se, assim, de um aspecto sombrio, velado, disfarçado, silencioso, às vezes, e de paredes opacas, revelando o desejo de que haja um ar alegre, amoroso, movimentado, barulhento e multicolorido (SAVIANI; DUARTE, 2012).

CAPÍTULO 1 – TEXTOS, PESQUISA E SUAS RAMIFICAÇÕES

O objetivo deste capítulo é elucidar características de preconceito e tensão na vida das pessoas, tendo por base as manifestações preconceituosas presentes nos diferentes textos coletados e a compreensão dos sentidos nas diferentes palavras e/ou expressões. Para tanto, é justificada a escolha do objeto de estudo – textos que foram selecionados a partir das postagens do Facebook – reportagens de diferentes jornais – e *charges* que complementam a leitura dos textos. São mostradas as gravuras dos *emojis* correspondentes a cada emoção percebida.

Vale destacar aqui o conceito de texto como aquilo que é dito ou escrito, de forma única, exclusiva e no singular. Ainda, para diferenciar texto e discurso, é visto o conceito de discurso, a partir do contexto, ou seja, através do modelo mental e que é argumentado pela interação como resultado daquilo que foi comunicado, ou seja, um rol ou uma coleção de significados apropriados ao seu contexto como um objetivo comunicativo (SANTOS, 2020).

Os modelos mentais apresentam um cenário espaço-temporal, segundo Van Dijk (2016, p. s12), com participantes das diferentes identidades, papéis e relações. É reforçado o argumento daquilo que evidencia um lugar de encontros, um local de partilhas e compartilhamento de experiências, de interações com meios que favorecem a construção de novos sentidos.

O envolvimento emocional de cada ser perpassa caminhos e tensões não só pelos textos apresentados e seu caráter preconceituoso, como pelo sujeito principal, o sujeito falante. Também, é ressaltado o momento que a humanidade atravessa, ou seja, a pandemia de Covid-19. Mais adiante, as diferentes emoções percebidas com a leitura dos textos são apresentadas e buscam ser amenizadas com a observação dos *emojis* equivalentes às diversas paixões, o que permite o enriquecimento da pesquisa.

1.1 Textos multimodais – o objeto de estudo

Por acreditar que, atualmente, é importante promover uma investigação com textos multimodais ou multissemióticos, que têm imagens, imagens em movimento ou áudios, são apresentadas as postagens de textos, gravuras e *emojis*. Esse material de análise tem características qualitativas e permite o estudo do contexto inserido, sua percepção e interpretações sobre a aplicação dos usuários e como eles absorvem ou interagem com a interface e os dispositivos digitais. Reforçando a utilização dos textos, segundo Nascimento, Bezerra e Heberle (2011), as práticas corriqueiras e diárias da sociedade contemporânea e o

espaço concedido à imagem ampliaram-se sobremaneira. Os documentos textuais presentes nas práticas cotidianas carregam a linguagem verbal escrita e, também, um amplo contingente de recursos visuais. Os recursos visuais foram destacados com suas representações e definições.

O objeto de estudo, isto é, o *corpus* selecionado para este estudo não é estático e tem suas peculiaridades, pois permite a identificação de elementos visuais e/ou verbais, ou seja, a sua significação, conforme afirmação de Gatti (2002). A palavra *corpus*, em latim, significa *corpo*. Utilizada para indicar a junção de partes, a expressão se tornou corrente no âmbito da cultura latina. No campo do Direito Romano, *corpus* se consagrou para designar a ideia de conjunto. A formulação latina *corpus civitatis*, o conjunto dos cidadãos, mostra a expressão *corpus* com a ideia de conjunto. Na Análise do Discurso, o *corpus* tem uma posição central e constitui uma materialidade discursiva na qual os sentidos se reúnem e se dispersam de forma efetiva, ocorrendo um jogo interminável da língua.

Segundo Moraes (2007), a composição textual está cada vez mais calcada na junção da escrita e a imagem, sendo que tais elementos fazem parte de uma relação quase inseparável. Essa junção é propiciada pela propagação tecnológica, que tem sido deflagrada nos últimos anos em consonância com uma intensa adesão ao plano visual. Esse contexto marcado pela difusão tecnológica tem carreado a efervescência de novos formatos textuais. O texto assume, hoje, a multimodalidade.

Texto multimodal é definido por Dionísio (2007) como um processo de construção textual aliado a distintos modos de representação. Isso remete não apenas aos textos escritos, mas também aos orais. Diante dessa acepção, a multimodalidade discursiva abarca não só a linguagem verbal escrita, como também, neste caso, as *charges* contidas nesse estudo e em registros outros, tais como, palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. É nesse encontro, nessa junção que reside a multimodalidade textual.

Conciliando Dionísio (2007) e Silva (2015), o uso de elementos e recursos multimodais colabora com a extensão das potencialidades de produção e, em especial, de compreensão do texto. A compreensão textual não é algo resultante apenas do texto verbal, mas abarca um grande leque de elementos semióticos, ou seja, é permitida a leitura com sentidos dos signos alfabéticos, quais sejam, letras, palavras, frases, e dos elementos imagéticos e visuais, signos semióticos que constroem, materialmente, múltiplas e diversas semioses.

É garantida uma nova forma de ler, marcada por documentos textuais materializados por elementos verbais e/ou visuais. A leitura e a escrita vêm adquirindo um novo formato e uma nova moldagem. A escrita, nesses documentos, está imersa em um amplo contingente de

elementos imagéticos. Isso torna o texto multimodal ou multisemiótico. As novas tecnologias vieram confirmar essa afirmativa, pois, elas funcionam o tempo todo de forma conjunta. A partir daí é configurada a questão norteadora desta pesquisa – é possível diminuir a disseminação dos preconceitos na internet? Textos postados no Facebook serviram como objeto analítico, especialmente, aqueles que têm como sujeito-falante o atual presidente do Brasil.

Remetendo-me aos elementos vindos da linguagem imagética e visual, estes favorecem uma nova forma de ler, neste caso, com as charges e os *emojis*, o que não significa que são eliminados os elementos alfabéticos. Com essa nova forma de ler, a discursividade dos elementos semióticos alcança um papel de nova motivação para leitura. Em se tratando de leitura de textos longos, em sua maioria, acreditamos que pode vir a ser um estímulo para serem lidos, lembrando Silva e Valdemarin (2010).

O Facebook oferece condições para que o usuário possa entender o que as pessoas estão realmente fazendo nos registros, pois, a rede social possui um imenso banco de imagens postadas pelos seus milhares de usuários ao redor do mundo, ou seja, a descrição dos eventos e as marcações contribuem para o aprendizado do novo recurso (Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/.../114000-facebook-permite-pesquisas-imagens-com.br>).

Tornou-se possível a observação e a identificação de relações estabelecidas pela linguagem, as diferentes manifestações preconceituosas encontradas no Facebook, pelas expressões e palavras contidas nos discursos de pessoas ligadas à política brasileira, que possibilitam a leitura e a interpretação dos elementos pragmáticos, que são as relações entre o objeto e o interpretante, atingindo o nível de leitura do simbólico e do cultural.

Num total de onze notícias e nove imagens – *charges* encontradas no Facebook (em Anexo) e utilizadas como questionário-base (Apêndices A e B) para a primeira etapa de entrevistas, que objetivou a percepção das reações dos informantes, foram favorecidas as possibilidades interpretativas estabelecidas pela linguagem e pelos significados gerados na mente do intérprete. Isso garante uma análise semântica e psicológica, a partir da abordagem semiótica, bem como a utilização de imagens que permitem a descrição de seu conteúdo. Neste sentido, é salientado por Rojo (2016) que o ideal é todos trabalharmos de forma colaborativa, tendendo a sermos interdisciplinares e não mais ficarmos restritos ao estudo exclusivo da língua.

1.2 Utilidade para o tema e a temática – termos e entendimentos

A questão de se discutir as diversas manifestações de sentimentos, tais como, a ira, a indignação ou a raiva torna-se relevante, pois, com a recorrência de traços que venham revelar o caráter das pessoas, aliado ao temperamento, se associa, assim, o sujeito da enunciação. Esse caráter foi definido em função do percurso, da sua história de vida ou de momentos vividos, ou seja, do roteiro executado à estratégia adotada para se dizer ou para não ser dito algo (GREIMAS, 1983). São apresentados quadros com as diferentes significações dos sentimentos e reações detectados. A partir das discussões dos textos selecionados e de outros que complementaram o trabalho, decidiu-se incluir os conceitos de narcisismo e suas características.

O dito ou o não dito podem ser configurados como instrumentos de humilhação, neste caso, tidos como preconceito e revelados os sentimentos e a reprodução da fala nos textos, o objeto de estudo desta tese. São percebidos nos textos os discursos opressor e opressivo do sujeito alvo da humilhação, que pode ocorrer em vários contextos. Comumente, a humilhação social ocorre quando a sociedade rebaixa aqueles que são considerados inferiores, geralmente, argumentando em relação ao insultado através de uma reação apaixonada e remetida a uma posição estabelecida ao longo da história por um processo de subordinação (GREIMAS, 1983).

A análise discursiva é classificada por dois tipos de *corpus*:

- a. experimental, obtido pela entrevista e, conseqüentemente, as respostas e
- b. de arquivo.

Aquele é obtido por materiais de resposta à entrevista, a questionários ou a outras maneiras de recolher dados/fatos. A delimitação do arquivo é feita por recolha de determinado assunto. Neste sentido, o *corpus* digital pode ser considerado por Guilhaumou e Maldidier (1997, p. 164) dada a complexidade do fato arquivista, ao passo que “não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social”. Os autores afirmam ainda que o *corpus* “não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivo e configurações significantes” (*Op. cit.*, p. 164). O arquivo permite não apenas a retirada dos referentes, mas está aberto a uma leitura interpretativa, garantindo a emergência de “dispositivos e configurações significantes” possíveis, à materialidade da língua e à memória no discurso.

Foi utilizada a técnica de entrevista em dois momentos: o momento da aplicação dos formulários Google Docs demonstrou o seu aspecto motivacional com a ilustração pelas *charges* ligadas aos sentimentos expostos no Questionário 1. Isso ocorreu não apenas pela oferta

de dados relativos às leituras dos textos e às reações dos leitores que se submeteram às entrevistas, mas também pela demonstração de imagens nas *charges* e nos *emojis* apresentados, permitindo maior exploração e demonstração teórica. No segundo momento, questões abertas trouxeram informações pessoais que envolveram as histórias de vida dos informantes, principalmente, com fatos ligados ao preconceito. Não são apresentados nomes de pessoas.

1.3 Estrutura da tese

A tese foi elaborada no formato *Multipaper*, a fim de facilitar a difusão do conhecimento intuído e produzido durante esse período de três anos e um pouco mais, observando-se as diversas formas de interação e de apresentação dos textos trabalhados. Este formato salienta a construção de uma coletânea de artigos (publicados ou não), um capítulo de apresentação da ideia do projeto e as considerações finais gerais.

Os artigos foram divulgados (ou não) em eventos acadêmicos, nas publicações de capítulos em livro ou registro em vídeos, envolvendo variadas discussões permeadas pelo tema do preconceito e dos sentimentos interligados ao fenômeno, ou seja, marcando o reflexo das emoções e as reações advindas do processo, a partir do ofendido ao ofensor. Na sequência, foi feito o encadeamento do método e dos procedimentos utilizados para que fossem alcançados os objetivos.

Segundo Barbosa (2015), a dissertação ou tese *Multipaper* permite a socialização dos resultados, tendo em vista que, pela publicação de seus artigos, é conduzida e ampliada a visibilidade e a disponibilidade para outros pesquisadores. Reconhece-se, contudo, algumas dificuldades na escrita desse formato, haja vista nem sempre coincidir a ocasião da feitura dos textos e o roteiro da escrita vindo a ser discutida, gerando uma tendência de leitura repetitiva em alguns pontos.

Ainda, por vezes, houve o estranhamento por parte do corpo docente e/ou discente do programa no qual esta tese se insere. Mesmo assim, o grande ponto motivador é a interação em cada comunicação, em cada intervenção, em cada momento de discussão, conduzindo não só aos resultados da pesquisa, mas seguindo o caminho a se percorrer. Frank e Yukihiro (2013) explicam que se trata da elaboração da dissertação ou da tese no formato de um conjunto de artigos científicos e ainda que:

[...] a principal característica da tese em formato de artigos é que cada artigo tem suas próprias características de individualidade. Isto significa que cada artigo terá

seu próprio objetivo, revisão da literatura, método de pesquisa, resultados, discussões e conclusões, de maneira que ele possa ser submetido e aprovado em um periódico acadêmico A independentemente dos demais artigos, ou baseado nos resultados parciais obtidos no artigo anterior.

Garnica (2011, p. 8) explica que o formato *multipaper* consiste em uma coleção de textos de multiautoria e publicações que, de alguma forma, “guardam, entre si, certa independência, mas configuram algo que se pretende coeso, com cada um dos textos auxiliando na formação de um “objeto”. Também é realçado que os textos dialogam e, muitas vezes, revisitam momentos e temas já visitados: algo como que uma independência que complementa e, complementando, talvez organize informações de modo a permitir, sempre, reconfigurações e ressignificações (GARNICA, 2011, p. 8).

Esta pesquisa teve como objetivo geral descobrir meios para diminuir a disseminação de paixões justificadas como preconceitos na internet. Os objetivos específicos foram os seguintes:

- a. elucidar características de preconceito e tensão na vida das pessoas, tendo por base as narrativas e a compreensão dos sentidos nas diferentes palavras e/ou expressões;
- b. esclarecer os elementos influenciadores no/do desejo de liberdade e libertação através da manifestação de variados sentimentos em textos postados no ambiente virtual – sítio de relacionamento Facebook;
- c. identificar os diferentes fatores caracterizadores do sujeito-falante, a importância do lugar dos sujeitos-participantes como pessoa em relação ao outro e resultantes do reconhecimento de suas subjetividades e identidades tendo como sujeito reflexivo o leitor.

Baseada nas reflexões sobre o tema, foram firmadas as seguintes hipóteses:

- a. a intolerância linguística se manifesta na época atual apesar das manifestações veladas ou ostensivas de ressentimentos – preconceitos e resistência;
- b. há elementos que distinguem, diferenciam ou separam as pessoas ou as aproximam através de manifestações públicas de sentimentos, emoções e/ou reações no ambiente virtual;
- c. (até que ponto) o anonimato favorece a propagação do preconceito na internet.

A estratégia metodológica foi criada para um estudo de natureza qualitativa e quantitativa, tendo sido utilizados questionários em entrevistas em duas etapas. Além da introdução e das considerações finais – a conclusão, este estudo apresenta artigos referentes às comunicações ou intervenções que foram apresentadas em vídeos e/ou publicadas durante todo o percurso de elaboração da tese. Os textos agrupados como artigos foram citados nos capítulos da tese e constam da lista final de referências.

Mediante a análise empreendida, foram discutidos aspectos relevantes sobre a Análise do Discurso, que se manteve como arcabouço teórico, tendo como suporte referencial Greimas (1983), Greimas e Fontanille (1993), Van Dijk (2008, 2010, 2012, 2021a e 2021b) e Sawaia (2013) e decidindo pela Análise Crítica do Discurso.

O diálogo percorre o caminho de várias disciplinas, como a Linguística, a Sociologia, a História, a Psicologia e a Psicanálise, bem como a Antropologia e as Novas Tecnologias, por permitirem a focalização de um aspecto temporal – o Brasil desde o ano de 2018 à época atual, sobretudo, os anos de 2020 e 2021. Dessa forma, este texto compreende:

a. a introdução, que traz uma visão geral do tema do preconceito e sentimentos, a partir do ódio e suas nuances, os quais foram interpretados e apresentados com sua significação, tais como, ira, revolta, ressentimento, resistência, medo e polarização em manifestações proclamadas por chefes de Estado, em destaque, pelo presidente da República do Brasil;

b. o objetivo geral, que consiste em descobrir meios para diminuir a disseminação de preconceitos na internet, foi desenvolvido pelas apresentações de comunicações orais em instituições do Brasil e do exterior em congressos, publicações e registros em vídeos, assim como nas reflexões resultantes do estágio doutoral realizado na Universidade de São Paulo – USP, no período de 01 a 11 de dezembro de 2019, sobretudo, em relação às questões próprias ao desenvolvimento de um *software*. Por questões financeiras, trocou-se a ideia, embora estivesse aprovada desde o início da pesquisa;

c. o *corpus* da pesquisa, que foi selecionado no sítio de relacionamento Facebook e constituído para coleta de dados e posterior análise, atendendo aos seguintes critérios:

- Textos postados no sítio de relacionamento Facebook;
- A reprodução escrita da fala do presidente do Estado brasileiro;
- Expressões de caráter preconceituoso reproduzidas na escrita pronunciadas pelo sujeito enunciador;
- Apresentação de diversos tipos de preconceito;
- Reportagens – notícias.

As imagens representativas das emoções – *emojis* – e as *charges* relacionadas ao sujeito da pesquisa complementaram a leitura com a finalidade de motivação e envolvimento dos leitores e, daí, objetivaram o alcance das respostas das questões apresentadas no formulário. Assim, passaram a ser verificadas as reações dos sujeitos entrevistados. Os textos e as charges têm como sujeito principal, sujeito-falante, o atual presidente da República do Brasil. São

apresentadas, ao longo da pesquisa, as adjetivações recebidas pelo sujeito principal. Neste sentido, são consideradas três entidades por Ducrot (1987, p. 164):

- a. sujeito-falante: “indivíduo do mundo” que pronuncia o enunciado;
- b. sujeito-locutor: entidade abstrata responsável pela enunciação; tem como correspondente o alocutário, aquele ao qual se dirige a enunciação;
- c. sujeito-enunciador: responsável pelos atos ilocutórios cumpridos na enunciação; tem como correspondente o destinatário.

1.4 Primeiras considerações

A leitura e análise de textos multimodais têm um efeito combinatório entre o verbal e o visual, um dos principais propósitos deste texto, para que viessem a ser percebidos os diferentes modos de reagir das pessoas. Neste sentido, será apresentada uma visão dos conceitos e significações provocadas pelos sentimentos, emoções, ações e reações manifestadas nos/pelos textos.

Seja de forma escrita, impressa ou digital, há de ser oferecida uma alternativa para uma leitura mais rápida, já que os leitores reagem de maneira diferente a textos com vários modos semióticos. Há, ainda, de ser modificada a postura de conscientização diante dos problemas sofridos, em especial, aqueles que envolvem preconceito, pois, depois de enraizados há longas datas, parece comum, parece que o ser vive na normalidade.

A investigação de doutorado apresentada nesta tese tem como objetivo maior e além dos muros da intelectualidade mostrar às pessoas que existe algo motivador para seguir em frente, a partir das observações críticas e seguir com as paixões fundamentais ao bem-viver.

CAPÍTULO 2 – UM DEVIR NAS MODALIDADES: TEXTOS, DISCURSOS E CONHECIMENTO

2.1 Referencial teórico

O fenômeno do *racismo* não é o ponto principal desta pesquisa, mas, foram observadas questões relevantes sobre o assunto. É importante discutir a diferença entre racismo e racismos (MARTINS, 2012), já que as questões que desempenham diferentes formações sociais reconhecem os papéis estruturais de grupos.

O eixo norteador do problema diz respeito ao preconceito e à abordagem sobre o racismo, atualmente, o qual é encadeado na perspectiva de expressão no campo do discurso. A investigação tem como objetivo específico esclarecer os elementos influenciadores no/do desejo de liberdade e libertação através da manifestação de variados sentimentos em textos postados no ambiente virtual – sítio de relacionamento Facebook – e outros termos que se aproximam, em virtude dos sentimentos que refletem pelo ser, bem como as possíveis reações ao ato sofrido.

É dada a utilidade e pertinência das reflexões ao mostrar o racismo no singular pelo envolvimento da justificativa da diferença entre as pessoas, legitimando as relações de dominação ou as de desigualdade no acesso ao poder e a recursos materiais e simbólicos. O termo no plural – racismos – mostra a manifestação concreta de acordo com referências ou recortes diferenciados. Ou se tinha um racismo contemporâneo ou um novo em contraposição a um racismo antigo e de apelo científico (VAN DIJK, 2000).

Demonstrada uma variante do eurocentrismo, um exemplo real do racismo que atinge milhões de pessoas, Martins (2012) explica que o racismo simbólico ou discursivo está diretamente ligado ao racismo no domínio do discurso, da formulação de representações, ou seja, dos sentidos e imagens. Por outro lado, o racismo pode ser definido como um sistema social de desigualdade “étnica” ou “racial”, sendo identificado o componente social e o cognitivo. O “social” está relacionado a práticas discriminatórias diárias e o “cognitivo” está ligado a crenças, conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores, segundo Van Dijk (2000).

2.2 O preconceito ou o pré-conceito

O preconceito comporta uma dimensão cognitiva e é tido como uma atitude negativa que determinado indivíduo está predisposto a sentir, a pensar e a conduzir-se em relação a determinado grupo de uma forma negativa previsível, conforme Santos (2020c) explica. Neste sentido, são apresentados conceitos ligados ao preconceito, bem como expressões ligadas aos diversos tipos de preconceito. Preconceito não é sinônimo de pré-conceito. Esse último pode ser definido como juízo provisório que pode ser transformado após o contato e conhecimento de outro ser humano ou tema em questão. O pré-conceito pode se tornar preconceito, quando não há modificação no conceito previamente formado, mesmo após contato com outro grupo ou indivíduo (AULETE, *on-line*).

Há de se observar os textos postados e selecionados para esta pesquisa (conforme anexos), as noções de preconceito e de intolerância e os mediadores importantes da exclusão (JODELET, 2010). Ambos designam os processos mentais pelos quais são operadas a descrição e o julgamento das pessoas ou de grupos e podem ser encontrados na linguagem, nas ações e nas atitudes dos sujeitos.

O preconceito e a intolerância parecem naturalizados como são apontados por comportamentos de uma dimensão cognitiva, embora sejam tidos como atitudes negativas. Os indivíduos estão predispostos a pensar e a sentir, bem como a conduzir-se em relação a determinado grupo de forma negativa previsível. Aquilo que antes era denunciado, hoje, é curtido e compartilhado nas redes sociais e, assim, as redes sociais são propagadoras dos sentimentos tidos como negativos ou maledicentes.

Quadro 1. Significados de preconceito

<p>Substantivo masculino.</p> <p>Etimologia – origem da palavra preconceito.</p> <p>A palavra preconceito deriva da junção do prefixo pré-, que significa anterioridade, e de conceito.</p> <p>Juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; pré-julgamento.</p>
--

Repúdio demonstrado ou efetivado através da discriminação de grupos religiosos, pessoas, ideias, sexualidade, raça, nacionalidade etc.; intolerância: o racismo, a xenofobia, a homofobia são tipos de preconceito.

Comportamento que demonstra esse repúdio ou aversão. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. Forma de pensamento em que uma pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los pré-julgado.

Fonte: AULETE, Caldas. Dicionário *On-line* de Português.

Preconceito é uma opinião não baseada em dados objetivos, mas unicamente em um sentimento hostil motivado por hábitos de julgamento ou generalizações apressadas. A palavra, também, pode significar uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou com parcialidade. Preconceito é o falseamento e a deturpação da realidade pela atribuição de elementos conflitantes ao “outro”. É a projeção de aspectos negativos frente a um objeto quando não se consegue lidar com esses aspectos em si próprio, atribuindo tal fragilidade ao “outro”.

Discriminação é o enfoque dado à relação de exclusão, ponto central para o entendimento sobre a sociedade atual. É uma substituta das antigas relações de dominação e exploração, já que as novas relações de trabalho, em virtude das novas tecnologias, passaram por uma transformação. Não se torna necessária a mão de obra da mesma maneira que ocorria no sistema capitalista tradicional (GUARESCHI, 2010).

Estereótipo é um esquema simplista, mas mantido de maneira muito intensa e que não se baseia necessariamente em muita experiência direta. Ao se ter uma primeira impressão sobre uma pessoa, há uma orientação dada por um estereótipo e tende-se a deduzir coisas sobre a pessoa de maneira seletiva ou imprecisa, perpetuando, assim, um estereótipo inicial, como afirma Sawaia (2013). Neste sentido, são apresentados diversos conceitos relativos ao preconceito e diferentes tipos, tanto quanto expressões ligadas a eles. Envolvem qualquer aspecto distintivo de uma pessoa – idade, raça, sexo, profissão, gênero, local de residência ou grupo social ao qual é associada.

O conceito de exclusão social ganhou maior dinâmica ao explorar a multidimensionalidade dos dispositivos hegemônicos que bloqueavam as possibilidades de inserção social, impossibilitando aos indivíduos e aos coletivos o exercício de uma cidadania ativa. A desigualdade e a exclusão são dois sistemas de pertença hierarquizada, conforme Sawaia (2013). No sistema de desigualdade, o pertencimento ocorre pela integração

subordinada e no sistema de exclusão é deslocado o debate de desigualdade centrado no conceito de pobreza para os conceitos de capital social, comunidades ativas, políticas ativas. Se a desigualdade é um fenômeno cultural e social, a exclusão, por outro lado, é um fenômeno cultural e social, ou seja, um fenômeno civilizatório, resultante da desqualificação, conforme afirma Santos (2016).

Aprimorar o conceito de exclusão apresentando a complexidade e a contradição que constituem o processo de exclusão social é acreditar na sua possível transformação em inclusão social, como afirma Sawaia (2013). O conceito de exclusão social ganhou maior dinâmica ao explorar a multidimensionalidade dos dispositivos hegemônicos que bloqueavam as possibilidades de inserção social, impossibilitando aos indivíduos e aos coletivos o exercício de uma cidadania ativa (SAWAIA, 2013).

Ao constatar a continuidade do julgamento das pessoas e até mesmo a ampliação de traumas interligados entre as pessoas nas provocações de seus sentimentos e suas emoções, bem como o prosseguimento da violação dos seus direitos, foram detectados, com o seguimento de Greimas e Fontanille (1993), os sentimentos de indignação, ira, raiva, insatisfação, ressentimento e resistência. Assim, decidiu-se averiguar as palavras e expressões maledicentes, sobretudo, aquelas manifestadas pelo atual presidente da República em textos postados nas redes sociais, em destaque, no Facebook. Considerou-se a sua representatividade não somente pelo cargo que ocupa no momento, mas também como pessoa detentora do poder que influencia ou representa outras pessoas.

2.3 O racismo no contexto atual

O conceito de *preconceito* está diretamente ligado ao conceito de *racismo*. Para Van Dijk (2008), a negação do racismo também é uma importante forma de se disseminar o preconceito, uma vez que, por ser proibido por lei, o racismo não pode ser falado abertamente. O fato de ser negado faz com que o racismo fique isento de qualquer culpa. São apresentados por Van Dijk (2017) os quatro tipos de negação: a negação do ato, a negação do trole, a negação da intenção e a negação do propósito. Assim, pode ser observada a omissão de seus atos ou da fala pelas negações, o que vem confirmar que a reprodução dos discursos racistas se torna alastradora na sociedade, mesmo que inconscientemente.

O pensamento humano é concebido como processo de formação de signos, sendo que pensar a questão do Outro num quadro de preconceitos seria considerá-lo objeto do discurso do Outro, colocando-o como vítima de um discurso preconceituoso, como reflete Fanon (2008). É

preciso conscientizar a todos que o preconceito existe e os estudiosos dessa questão devem estar atentos para uma caminhada instável, marcada por fortes tensões, ambiguidades e contradições (SANTOS, 2013).

Os processos de subjetivação-objetivação estão constantemente sujeitos à capacidade e/ou incapacidade de apropriação dos frutos da práxis humana por parte dos indivíduos. Isso não apenas em virtude da divisão da sociedade em classes sociais, mas também pela trajetória dos contrastes e contradições de raça¹/etnia, de gênero, o que significa uma politização com o objetivo de não cair nas armadilhas do racismo biológico, segundo Poutignat e Streiff-Fernart (1998). O autor acrescenta que o termo “classe social” é utilizado como uma significação de um grupo de pessoas unidas por determinantes e interesses sociais, incluindo, especialmente, a ideologia.

O não-dito é uma técnica de dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito, resultando daí a utilização pelo discurso de uma diversidade de recursos implícitos. O que era dito é que no Brasil não havia perseguição religiosa, *apartheids* declarados ou desejos separatistas ou, ainda, manifestações outras de preconceito linguístico, racial, por idade ou por gênero. Esse foi o simulacro construído de si mesmo pelos brasileiros, um simulacro irreal, já que ocultava a discriminação racial, a exclusão social e a violência que, sem dúvida, permeia o cotidiano, segundo Fiorin (1994).

É abordado, assim, um panorama com reflexões atuais e vistas pelo sentido social e de uma cultura contextual que está em toda parte. O homem conhece e se conhece com a tradução do real, sua representação, bem como nova interpretação e nova tradução. Nesse emaranhado de reflexões, vem a questão norteadora da pesquisa: é possível diminuir a disseminação dos preconceitos nas redes sociais?

No contexto atual do país, nas relações de poder e dominação, os principais problemas que atingem a sociedade brasileira são aqueles ligados ao preconceito e à intolerância, separando os indivíduos, classificando-os, hierarquizando-os e representando-os por meio de climas de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais, conforme Santos (2020b).

Vale esclarecer que preconceito e intolerância não são palavras sinônimas, apenas. Enquanto o preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento, a intolerância é a atitude de não admitir divergência da sua opinião (LEITE, 2008). A incapacidade da convivência do indivíduo

¹ O termo “raça” ou o qualificativo “racial” não denota a hereditariedade biossomática, mas a percepção das diferenças físicas. Faz-se da raça uma construção inteiramente cultural, daí, pode-se abordar a variação fenotípica como elemento “simplesmente natural” (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998, p. 41-42).

com a diversidade de conceitos, crenças e opiniões e a construção de discursos sobre a verdade ou verdades está relacionada com a intolerância (BOBBIO, 1992).

Rememorando a injustiça, a partir dos estatutos da segregação, segundo Miranda Filho (2009), a intolerância distorce a alma, prejudica a personalidade e o segregacionista adquire um sentido físico de superioridade. Também Santos (2014, p. 4034) reforça essa ideia ao lembrar que

[...] a relação entre a construção e a expressão de uma identidade social está intimamente ligada aos usos linguísticos feitos na e pela comunidade de fala, o que pode caracterizar o desenvolvimento de preconceitos indissociáveis da percepção de diferenças nos usos linguísticos e da expressão de intolerâncias.

Neste sentido, “a sanção à língua ou variedades pode resultar numa resignação àquilo que nem tudo está dito ou, ainda, ao que nem tudo o que está dito é o que está dito” (SANTOS, 2014, p. 4034).

O conceito de preconceito está ligado ao conceito de racismo e esses conceitos ficam gravados e armazenados nos lóbulos temporais do cérebro humano e interligam os termos “negro” e “armado” a sentimentos como hostilidade, ameaça e crime, ou seja, à figura de um bandido. Por outro lado, se o mesmo acontece com um homem ou mulher “branco ou branca” e “armado”, a imagem que vem à cabeça é a de um superior ou de alguém que detêm o poder. Esse estereótipo preconceituoso caminha ao córtex médio frontal, onde é registrado e interpretado pela primeira impressão da pessoa. Isso tudo acontece rapidamente.

Quem sofre racismo enfrenta obstáculos concretos no acesso a direitos, bens e serviços, mas há outros efeitos colaterais: baixa autoestima, problemas de aceitação, de ordem psicológica e até depressão. O efeito psicológico é análogo ao que é causado pela perda do trabalho ou de um ente querido. Como se não bastasse, quando se recorre a auxílio médico, vem um novo golpe do viés inconsciente. São casos cotidianos de racismo que passam despercebidos pelas pessoas por causa de um fenômeno que a psicologia social chama de *unconscious bias*, ou, em português, “viés inconsciente”. Sem perceber, processos neurais e cognitivos tiram conclusões antecipadas sobre as pessoas e aí entra a discriminação disfarçada.

A parte frontal do cérebro está ligada também à empatia, mas, pesquisas no campo da neurociência indicam que há uma redução da atividade dessa área quando se pensa em pessoas consideradas de menor *status* social. Aquela ser passa a ser visto como objeto e não como ser humano. Os racistas acreditam que a inteligência, a engenhosidade, a moralidade e outros traços valorizados são determinados biologicamente e, portanto, não podem ser mudados. O racismo

leva ao pensamento de que só existe um dos dois caminhos: “ou você é um de nós ou é um deles”. (Disponível em: [Você é racista - só não sabe disso ainda – Geledés. https://www.geledes.org.br › voce-e-racista-so-nao-sabe](https://www.geledes.org.br/voce-e-racista-so-nao-sabe). Acesso em: 15 ago. 2021).

Por outro lado, a reflexão é ligada aos termos *estereótipo* e *desumanização*, que conspiram para ser criada a impressão de que alguém é livre de preconceito ou não é preconceituoso. Sugere-se a empatia, a capacidade de ouvir e sentir a dor do outro, como melhor forma de conectar e entender o ponto de vista de quem está passando por uma situação desprivilegiada, isto é, aquele que se sente, de alguma forma, em situação inferiorizada ou desprestigiada (Disponível em: [https://revistagalileu.globo.com › noticia › 2020/06](https://revistagalileu.globo.com/noticia/2020/06). Acesso em: 14 ago. 2021).

São discutidas causas e projetos relacionados com o tema do racismo. As sanções referentes ao racismo ainda são alteradas ou abandonadas, o que promove outras discussões. Entretanto, o que se sabe em relação às notícias atuais é que, na Câmara, o Projeto de Lei 4791/20 altera diversas leis com o objetivo de coibir a violência racista no Brasil e reduzir a subjetividade da interpretação quanto ao caráter racista ou não do ato violento. “Cria-se a definição do crime de ódio racial, que é aquele cometido em razão da raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional do ofendido” ou ainda que “a pena prevista para o homicídio cometido por ódio racial é reclusão de 12 a 30 anos”, conforme justificativa na reportagem (Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/educacao-para-a-cidadania/parlamentojovem/agencia-de-noticias>. Acesso em: 15 ago. 2021).

2.4 Considerações parciais

O crime de injúria racial ocorre quando são ditas ou expressas ofensas a determinados tipos de pessoas, tendo como exemplo chamar um negro de “macaco”, impedir que alguém ocupe determinado espaço. A acusação de injúria racial permite fiança e a pena pode ser de até oito anos, mesmo que comumente não ultrapasse os três anos. Entretanto, o racismo é mais grave, considerado como um crime sem direito à fiança e sem prescrição.

O crime de injúria racial está previsto no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal e o crime de racismo está previsto na Lei n. 7.716/1989. Contrariamente ao crime de injúria racial, o crime de racismo é inafiançável e imprescritível. Apesar de existirem diferenças normativas entre os dois termos, os dois crimes são deveras desprezíveis do ponto de vista moral.

Para que seja considerado crime de racismo, é preciso que apresentem diversos motivos que causem constrangimento ou impedimento de qualquer natureza que excluam ou discriminem por questões de ódio às diferenças.

CAPÍTULO 3 - LÁGRIMAS NO PAPEL DA VIOLÊNCIA, DAS TENSÕES E INCERTEZAS²

3.1 A violência do preconceito

A violência do preconceito, além de promover o isolamento entre as pessoas, semeia a desconfiança entre os pares e conduz aos moldes de uma severa autopunição ou do sentimento de culpabilidade. Allport (1954/1962, p. 9) afirmou que “preconceito étnico é uma antipatia baseada em generalização errônea e inflexível. Pode ser sentido ou expresso. Pode ser direcionado a um grupo ou a um indivíduo que faz parte de um grupo”. Neste sentido, o preconceito é visto como uma atitude negativa que um indivíduo está predisposto a pensar, a sentir e a conduzir-se em relação a determinado grupo, de uma forma negativa e de maneira previsível.

O objetivo deste momento é identificar os diferentes fatores caracterizadores do sujeito-falante, a importância do lugar dos sujeitos-participantes como pessoa em relação ao outro e resultantes do reconhecimento de suas subjetividades e identidades, tendo como sujeito reflexivo o leitor. São reflexionados os conceitos de preconceito e estereótipo, bem como as possíveis reações do ser humano ao sofrer em situações e manifestações de cunho preconceituoso. Tem-se como definição que “preconceito é uma atitude de nível individual (subjetivamente positiva ou negativa), dirigida a grupos e a seus membros, que cria ou mantém relações hierárquicas de *status* entre os grupos” (LIMA, 2020).

Os estereótipos são estruturas cognitivas – esquemas – que contêm conhecimentos e expectativas de/sobre os grupos humanos e seus membros, e que podem determinar juízos de valor e avaliações sobre eles. Os estereótipos cumprem funções psicológicas e sociais. As funções psicológicas são:

- a. sistematizar e simplificar as informações para dar sentido ao mundo e
- b. resguardar os valores do indivíduo, protegendo sua identidade através da

manutenção das imagens dos outros.

As funções sociais são:

- a. explicar acontecimentos sociais;
- b. justificar/legitimar ações sociais e

² Esse mesmo título foi utilizado no seguinte capítulo de livro: SANTOS, A. da S. Lágrimas no papel da violência, das tensões e incertezas. In: FLORES, J.; OYARCE, J.; RODRIGUEZ-GARAY, G. (org.). *Reflexões sobre internet, tecnologia e comunicação*. Aveiro: Ria Editorial, dezembro, 2020d. p. 150-164.

c. diferenciar o próprio grupo em relação ao grupo dos outros.

São reflexionadas as expressões que respondem à causa de haver o preconceito, a partir da especificidade de suas definições, conforme Lima (2020, p. 16):

[...] é finalizada com uma discussão sobre os processos automáticos ou inconscientes vinculados à expressão do preconceito, sendo destacados os processos cognitivos e algumas das formas de pesquisa sobre as expressões mais veladas e mais abertas do preconceito. O leitor perceberá que a abordagem proposta tem como centro o preconceito de cor. Não obstante, em vários momentos, procuramos elencar elementos gerais e específicos do preconceito, de forma a tornar as análises aplicáveis ao entendimento de outros tipos de preconceito.

A palavra *preconceito*, também, pode significar uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Preconceito é uma opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos, mas, sim, unicamente em um sentimento hostil motivado por hábitos de julgamento ou generalizações desenfreadas.

3.2 O preconceito e o sujeito preconceituoso

“Nascemos e vivemos em um mundo já significativo, no qual o problema do sentido não se coloca, o sentido é colocado, se impõe como uma evidência” (GREIMAS, 1975, p. 13). Reflexionando com as possíveis observações em relação às mudanças de cada ser atingido historicamente, caracteriza-se o fenômeno de acordo com o seguinte:

Quadro 2. Características do preconceito

<p>É um fenômeno histórico e difuso.</p> <p>A sua intensidade leva a uma justificativa e legitimização de seus atos.</p> <p>Há grande sentimento de impotência diante do preconceituoso.</p> <p>Vê-se nos outros e raramente em si mesmo.</p>

Fonte: Elaboração própria

Segundo Allport (1954), o preconceito é o resultado das frustrações das pessoas, que, em determinadas circunstâncias, podem se transformar em raiva ou hostilidade. As pessoas que se sentem exploradas e oprimidas não podem manifestar sua raiva contra um alvo identificável ou adequado e, assim, transferem sua hostilidade para aqueles que estão na escala social.

Por outro lado, Adorno (1950) afirma que a fonte do preconceito é uma personalidade autoritária ou intolerante. Pessoas autoritárias tendem a ser rigidamente convencionais. Trata-se de pessoas partidárias do seguimento às normas e do respeito à tradição, são hostis com aqueles que desafiam as regras sociais, respeitam a autoridade e submetem-se a ela, bem como se preocupam com o poder da resistência.

Ao olharem o mundo através de uma lente de categorias rígidas, essas pessoas não acreditam na natureza humana, temem e rejeitam os grupos sociais aos quais não pertencem e não aceitam os seus.

Segundo Adorno *et al.* (1950), há, também, fontes cognitivas de preconceito. Os seres humanos são “avarentos cognitivos”³ que tentam simplificar e organizar seu pensamento social o máximo possível. A simplificação exagerada leva a pensamentos equivocados, estereotipados, ao preconceito e à discriminação. Além disso, o preconceito e a discriminação podem ter suas origens nas tentativas que as pessoas fazem para se conformar – conformidade social – ou se acomodarem, conforme é sugerido após reflexões geradas pelas entrevistas na enquete realizada e apontadas no final deste trabalho. Possivelmente, por se ter uma convivência larga com pessoas preconceituosas, há maior probabilidade de que haja uma aceitação dos acontecimentos do que uma resistência.

Em heurística, o conceito de avareza cognitiva/*cognitive miser* é muito utilizado e significa que indivíduos apresentam uma tendência geral para uma certa economia mental, é o que revela Paixão (2019, p. 3):

A vaga de investigação sobre vieses de atribuição de Kahneman, Tversky, e outros, efectivamente acabou com a teoria do “cientista ingénuo” da Teoria da Escolha Racional dentro da psicologia social. Fiske e Taylor, baseando-se na prevalência de heurísticas na cognição humana, ofereceram a teoria da avareza cognitiva. É, em muitos aspectos, uma teoria unificadora que sugere que os seres humanos envolvem-se em processos de pensamento economicamente prudentes, em vez de agir como cientistas que racionalmente avaliam custos e benefícios, testam hipóteses, e actualizam as suas expectativas com base nos resultados das experiências que são as nossas acções do dia-a-dia. Ou seja, os seres humanos estão mais inclinados a agir utilizando atalhos mentais para fazer avaliações e decisões sobre questões e ideias sobre as quais sabem muito pouco, bem como questões de grande relevância. Fiske e Taylor argumentam que actuar com avareza cognitiva é racional devido ao volume e à intensidade da informação e estímulos a que os seres humanos estão expostos. No entanto, outros psicólogos também argumentam que esta tendência dos seres humanos é a principal razão pela qual estes muitas vezes são menos que racionais.

³ Em 1984, os psicólogos Susan Fiske e Shelley Taylor fizeram referência ao conceito de avarento cognitivo. Eles o usaram para definir “aquelas pessoas que têm uma capacidade limitada de processar informações, então tomam atalhos sempre que podem”. A verdade é que todos nós somos avarentos cognitivos em certas situações, uma vez que nosso cérebro tem uma tendência de escolher os caminhos mais curtos, diariamente.

As pressões para a conformidade social ajudam a explicar a razão das pessoas absorverem, rapidamente, os preconceitos de seus pais e colegas, quando crianças, mesmo antes de formarem suas próprias crenças e opiniões com base na experiência. A pressão das pessoas mais próximas faz com que se torne aceitável a expressão de determinadas visões tendenciosas, ao invés de ser mostrada pelo oprimido a tolerância aos membros de outros grupos sociais. A convivência, através de uma atitude comunitária é, possivelmente, a forma mais adequada de se reduzir o preconceito.

3.3 Sentimentos e emoções na rede

Para se entender as emoções humanas, é importante refletir sobre as atitudes. Toda atitude é composta pela cognição, pelo afeto e pelo comportamento. Em relação à cognição, o termo “atitude” é sempre empregado com referência a um objeto. Esse objeto pode ser uma abstração, uma pessoa, um grupo ou uma instituição social.

Segundo Boch (2019), as emoções não variam muito nas diferentes culturas. Sendo assim, as emoções mais frequentes são a raiva, a alegria, a tristeza, o nojo, o medo e a surpresa. Entretanto, elas podem dar origem a outras, misturando-se entre si, a exemplo da decepção que é resultante da união da tristeza com a surpresa. Referindo-se ao comportamento, a predisposição, ou seja, os sentimentos positivos levam à aproximação e os negativos podem levar ao esquívamento, ao escape (ALLPORT, 1954/1962).

Apresenta-se um rol de conceitos que podem ser vistos na análise de sentimentos, bem como um conjunto representativo e manifestado pela sua grande diversidade, tais como, a ira, a raiva, a indignação, o ressentimento, o ódio, a revolta ou a resistência, refletidos e revelados nos desejos de liberdade e libertação em manifestações textuais e caracterizadoras dos variados sujeitos, em destaque, o atual presidente da República do Brasil. É importante compreender os diferentes protocolos disponíveis, atentando ao mais apropriado para sua rede.

Rede é um sistema promotor de relações. Pensamento é um processamento de ideias e são as ideias que chegam à reflexão. Os sentimentos são conhecidos e inerentes ao ser humano. A emoção é uma reação a um estímulo, não envolve pensamento. Já o sentimento envolve um alto grau de componente cognitivo, de percepção e avaliação de algo. Emoção é reação enquanto sentimento é construção (MEDEIROS, 2016).

Segundo Damásio (2015), as emoções trazem significados e conexões à vida de cada ser e servem como uma forma de comunicação entre as pessoas. As emoções são conjuntos

complexos de reações químicas e neurais, formam um padrão e têm um tipo de papel regulador que desempenha, de algum modo, a criação de circunstâncias vantajosas ao organismo, cujo papel é auxiliar e conservar a vida.

Jaggar (1997, p. 163) afirma que “o caráter aparentemente individual e involuntário da experiência emocional” é “freqüentemente considerado como prova de que as emoções são respostas pré-sociais, instintivas, determinadas por nossa constituição biológica”. As emoções são resultado de processos socialmente produzidos. Para tanto, é realçado o aprendizado do que pode ser chamado de respostas daquilo que sua cultura define como respostas apropriadas a certas situações, a partir das quais são construídos julgamentos e predisposições emocionais. Segundo Jaggar (1997, p. 164):

Se as emoções envolvem necessariamente julgamentos, requerem obviamente conceitos que possam ser vistos como maneiras socialmente construídas de organizar e compreender o mundo. Por essa razão, as emoções são simultaneamente tornadas possíveis e limitadas pelos recursos conceituais e lingüísticos de uma sociedade. Essa afirmação filosófica é corroborada pela observação empírica da variabilidade cultural da emoção.

Pode-se dizer que as questões que envolvem a dinamicidade e, sobretudo, a capacidade de compreender os pensamentos, os sentimentos e as emoções por meio das interpretações oferece a elucidação de aspectos relacionados ao comportamento das pessoas, bem como daqueles que são injuriados ou sofrem a ação. Nesse jogo de troca de injúrias, persegue-se a caminhada entre afetos, tais como, rancor, raiva, maldade, malícia, ódio, ressentimento, cólera, mágoa. Dito isso, porque as emoções maledicentes prevalecem. Nessa orientação e (re)orientação de impulsos agressivos, são estabelecidos sujeitos ressentidos, modalizados por um querer e um não saber (ZILBERBERG, 2004).

À luz dessas questões, as paixões, o *pathos*, vêm sendo apresentadas e baseadas nas modulações tensivas do lugar de nível semântico em intensidade, no lugar daquele que é sensível e na ordem do inteligível na extensividade, conforme Zilberberg (2004), sendo na proporção de intensividade, os estados de alma e na dissensão da extensividade, os estados de coisas.

Na época atual, o que é apresentado em termos de conduta ou mascaramento ou, até mesmo, de apagamento de valores e intenções que são consideradas impróprias é o juízo de valor dado ao comportamento, mesmo que haja um julgamento velado ou disfarçado. É o que acontece na internet. As tentativas das diversas maneiras de julgamentos são veladas ou

alteradas, conforme a circunstância e, segundo Souza e Virginio (2017, p. 23), “o querer está associado a um dever fazer.”.

Greimas e Fontanille (1993) denominaram as paixões de estados d’alma, o que pode ser mostrado em diferentes reflexões com os termos *afeto*, *sentimento* e *paixão* que, no sentido mais amplo, não são sinônimas. Se fossem sinônimas, seria designado um estado d’alma em geral. Neste sentido, as significações atribuídas a afeto, emoção, paixão e sentimento garantiriam o mesmo lugar teórico, o mesmo objeto teórico, já que, na língua, não há sinônimos perfeitos (FIORIN, 2007a). O que se pode mostrar é que, relativo à emoção ou ao afeto, basta um corpo que sinta. Emoção é algo rápido, embora intenso.

As paixões podem ser definidas como modalizações do ser dos sujeitos de estados narrativos, que, no nível discursivo, aparecem concretizadas por lexemas e podem ser compreendidas como o resultado de uma sequência de “estados de alma”, segundo Greimas e Courtés (1986, p. 162):

Paixões são “estados de alma” e a literatura sobre o assunto mostra que um “estado de coisas” leva a um “estado de alma”. Assim, se a Semiótica estuda a busca do sujeito por objetos-valores, pode-se dizer que os “estados de alma” aparecem porque esses sujeitos, tentando entrar em conjunção com seus objetos-valores, criam “conflitos”, “polêmicas” entre si ou, então, estabelecem entre si “situações de cumplicidade”, “de benevolência”. As paixões podem ser definidas como modalizações do ser dos sujeitos de estados narrativos, que, no nível discursivo, aparecem concretizadas por lexemas.

As paixões dependem de uma estrita relação entre corpo e alma. Nesse sentido, para Descartes (1973), pode-se denominar paixão aos sentimentos que são experienciados pela alma sem o seu consentimento, mas que são gerados por um movimento do corpo.

De acordo com Barros (1990), a paixão é um efeito de sentido de qualificações modais, que, na narrativa, modificam a relação do sujeito com os valores. O querer-ser, por exemplo, pode produzir o efeito de sentido da ambição.

A Semiótica distingue dois tipos de paixões, as simples e as complexas (BARROS, 1990):

- a. as paixões simples são derivadas do arranjo modal oriundo da relação entre sujeito e objeto;
- b. as paixões complexas são aquelas derivadas de toda uma organização narrativa patêmica anterior. “As modalidades⁴ se organizam em uma configuração patêmica e

⁴ São apresentadas diversas definições do termo “modalidade” em Santos (2019, p. 105-111).

desenvolvem percursos. Os percursos modais sofrerão a variação tensiva própria da organização narrativa e caminharão da tensão ‘passional’ a seu relaxamento e vice-versa”, acrescenta Barros (1990, p. 61).

São apresentados por Benevenuto, Ribeiro e Araújo (2015), devido à ampliação de pesquisas sobre o tema de análise de sentimentos, alguns termos e conceitos que vêm sendo estudados, a partir da detecção de sentimentos (disponível em *Análise dos sentimentos expressos na rede social Twitter* em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/AnaliseSent>. Minicurso. Acesso em: 20 ago. 2021):

i. **Polaridade** – indica os pontos positivos e negativos de palavras ou expressões contidas no texto. Alguns métodos são tratados como resultado discreto binário positivo ou negativo – ou ternário – positivo, negativo ou neutro;

ii. **Sentimento e emoção** – indicam um reflexo contido numa mensagem, o qual pode ser identificado como raiva, ira, surpresa, tristeza, ódio, alegria, representado como um sentimento específico;

iii. **Força de sentimento** – trata-se de um ponto flutuante, capaz de separar, de modo eficaz, ao usuário notícias contrastivas, boas ou ruins; notícias agradáveis ou desagradáveis;

iv. **Análise de sentimentos** – tem como objetivo a identificação de sentenças que contêm as opiniões a serem comparadas.

Ressalta-se o crescimento do estudo da análise de sentimentos nas redes sociais na área de Ciências Sociais, em virtude da popularização da internet e do desenvolvimento das novas tecnologias. Esse avanço é justificado pela ampliação de diversos conhecimentos e pela inclusão de elementos informativos sobre localização, engajamento e *links*. Neste sentido, são destacadas a relevância e a facilidade da análise por meio do Facebook, a partir da disponibilidade de dados, de sua acessibilidade e popularidade de ferramentas favorecidas pela plataforma (MEDEIROS *et al.*, 2016).

3.4 Considerações quase finais

A emoção e a paixão são forças que condicionam o comportamento individual-social do homem. Enquanto a emoção é um movimento súbito da alma, da afetividade, a paixão apresenta a sua forma contínua e duradoura.

As palavras *sentimento* e *emoção* não são sinônimas. No campo da psicologia, elas são consideradas diferentes, apesar de terem uma forte relação. São as emoções que geram os sentimentos e, eles, por sua vez, podem despertar outros tipos de emoções.

Emoções ocorrem nas regiões subcorticais do cérebro e criam diversas reações no corpo, através da liberação de hormônios e alterando o estado no qual o indivíduo se encontra. São reações instantâneas que se tem perante os acontecimentos da vida. Elas podem ocorrer por desencadeamento de fatos; acontecimentos acompanhados por reações orgânicas do corpo, a exemplo do suor ou do choro; são desencadeadas para o exterior e têm relação com a comunicação, por expressarem algo; são intensas e de curta duração.

Emoção e sentimento são coisas variadas. A emoção é uma reação imediata a um estímulo, é algo que mexe com a pessoa, mas não envolve pensamento. Já o sentimento envolve um alto grau de componente cognitivo, de percepção e avaliação de algo. Emoção é reação, Sentimento é construção.

CAPÍTULO 4 – O PERCURSO E AS CURIOSIDADES DA PESQUISA

4.1 Procedimentos metodológicos

Direcionada pela investigação com as paixões e com o desejo de estudos mais aprofundados, promovi uma motivação para tal realização. Com este projeto, intitulado *Formas de interação coletiva num universo de desejos de liberdade e libertação no ambiente virtual – análise crítica e semiótica*, foi feito um jogo de união entre os autores Greimas e Fontanille (1993) e Van Dijk (2008, 2012, 2016, 2017, 2021a e 2021b), incluindo, depois, Sawaia (2013). Ao mesmo tempo, tornou-se possível ativar o processo polêmico e aproveitar os impactos de cada momento de interação. O desenho mental surgiu de uma proposta de leitura de algo original, envolvente, apaixonante e de apaixonados, concretamente. Já há algum tempo, o caminho estava “escrito nas estrelas”.

Num cenário de problemas sociais, econômicos, financeiros e culturais envolvendo a questão do preconceito no país, a população brasileira se perde e a dúvida é o que vem a ser priorizado. Os sentimentos e suas formas de demonstração, segundo Bauman (2004), são ocultados e o que se observa, por um lado, são manifestações de variadas formas de violência ou agressão. Por outro lado, a perspectiva de relacionamentos e construção de afetividades está cada vez mais dinâmica. É incentivada a individualidade, busca-se o agrupamento e o compartilhamento. Neste sentido, o homem deixa de ser um animal racional para se transformar num ser de sentimentos (HAN, 2015a).

A leitura de emoções e sentimentos dos sujeitos, especificamente as paixões, reforça a compreensão de textos, expressões, imagens e noções que circulam pelas experiências pessoais e sociais da realidade de cada um, a fim de que sejam devolvidas ao contexto social as trocas simbólicas, afirmam Greimas e Fontanille (1993). As emoções, reações aos estímulos de ambientes ou cognitivos, por produzirem experiências relativas às subjetividades, bem como à personalidade, ao temperamento e às motivações, segundo Bauman (2004), podem ser vistas como um assunto apaixonado e envolvente.

Mesmo que as emoções sejam ignoradas por filósofos e cientistas outros, há quem as considere como processos relevantes, primitivos ou de indicadores patológicos (BAUMAN, 2004). É definido o universo passional, a partir da relação ou da ação, depreendendo outras significações, novos efeitos de sentido que possam ser abordados no sentido de compatibilidades ou incompatibilidades de qualificações modais e modificadoras dos sujeitos,

argumenta Fiorin (2007a) ou, em última instância, não se consome coisas, mas emoções. Aquelas não podem ser consumidas, infinitamente, mas, estas, sim, realça Han (2015a).

4.2 Por que Análise Crítica do Discurso (ACD)?

Van Dijk (2001, p. 352) afirma que a Análise Crítica do Discurso (ACD) – aborda “[...] um tipo de pesquisa analítica do discurso que estuda primariamente a maneira pela qual o abuso de poder, dominação e desigualdade social são promovidos, reproduzidos e resistidos, por meio do texto e da fala, no contexto social e político”. Trata-se de um estudo transdisciplinar.

Nesta perspectiva, os estudos de discurso críticos são aqueles que se concentram em problemas sociais e não em paradigmas acadêmicos, além de tentar entender e resolver tais questões, a partir de diferentes métodos ou teorias, levando-se em conta as experiências e perspectivas dos participantes (VAN DIJK, 1985).

Os estudiosos dessa área estão social e politicamente comprometidos com a igualdade e justiça sociais, interessados em problematizar a (re)produção discursiva do abuso de poder e em articular mecanismos de resistência contra tal dominação (VAN DIJK, 2015, 2016). As análises empíricas nos estudos de discurso críticos devem movimentar-se entre o linguístico e o social, pois o discurso está diretamente relacionado à prática social, ao modo de ação sobre o mundo e a sociedade.

São ressaltadas as observações de Van Dijk (2012) ao mostrar que a análise crítica do discurso não é um método de análise de discurso, mas trata-se de uma interação entre teorias, métodos de observação, descrição e análise e suas aplicações. Os métodos empregados são diferentes e variam de acordo com as especificidades das pesquisas e dos interesses dos pesquisadores.

A ACD alterna entre a ênfase na estrutura – nas mudanças na estruturação da diversidade semiótica – ordens de discurso – e a ênfase na ação – no trabalho semiótico produtivo que acontece nos textos e interações. Nas duas perspectivas, são validadas as articulações em mudança entre gêneros, discursos e estilos. A mudança da estruturação social entre esses elementos se dá na estabilidade e permanência nas ordens do discurso e na continuidade do trabalho das relações entre eles em textos e interações (FAIRCLOUGH, 2012).

Na presente pesquisa, a preocupação principal foi a análise semântica do *corpus* coletado, refletindo com material semelhante – reportagens, sem, contudo, desprezar a

contextualização das falas e, principalmente, mostrar as respostas, criticamente, com igual valor. Não será o ponto focal a análise linguística.

As imagens – *charges* e os *emojis* – utilizadas nos formulários para enquete da primeira etapa são consideradas pertinentes aos esclarecimentos e/ou elucidações do tema, bem como tem função motivadora e ilustrativa ao acesso dos textos postados. Também fazem parte da apreciação semântica de cada sentimento detectado e podem ser vistas no interior desta pesquisa.

É favorecida a capacidade de compreensão da dinâmica de acontecimentos no espaço e ambiente escolhidos, no ambiente virtual e, sobretudo, no tocante à comunicação com as redes sociais. As relações semântico-conceituais funcionam como redes complexas, o que garante debates e aprofundamento em questões sociais e humanísticas analisáveis na Análise Crítica do Discurso.

Vale lembrar que, para que a pesquisa em Análise Crítica do Discurso se torne alcançável, ela deve ser contemplada, principalmente, com os grupos de pessoas consideradas oprimidas, dominadas ou diferentes (SANTOS, 2018) e, mais decisivamente, com a formulação de alternativas de resistência com a criação de caminhos possíveis ao enfrentamento dos discursos dos dominadores (VAN DIJK, 2010).

4.3 Significação dos termos e palavras – reflexos de expressões preconceituosas

As duas etapas de entrevistas marcaram o sentimento de revolta por parte dos entrevistados. Seguindo esse resultado, decidiu-se um alargamento da significação das palavras, bem como o aproveitamento e engajamento em relação aos *emojis* e um diálogo com as demais figuras – as *charges* (já que as pessoas as utilizam com mais contentamento). Também foi feita a demonstração dos sentimentos relacionados com a revolta, sentimento norteador da leitura do *corpus*. É feita, portanto, uma apreciação semântica e etimológica das palavras representativas dos sentimentos e emoções, bem como os *emojis*.

O sentimento de indignação surge quando o sujeito se considera com um direito violado, infringido ou quando é vítima ou testemunha de uma ação considerada imoral ou injusta. É um sentimento negativo que se refere essencialmente a um conteúdo moral que estaria em jogo – a justiça. (Disponível em: O jovem e o sentimento de indignação. <https://www.fclar.unesp.br> > Psicologia da Educação. Acesso em: 25 ago. 2021).

O indignado olha para si mesmo, objetivamente, examinando seus acertos e/ou erros e a vontade de correção de si mesmo. Entretanto, egoisticamente, o revoltado só vê a culpa de

todos os problemas nos outros. A indignação serve de impulso para uma melhoria coletiva, ao passo que a revolta tem aspecto destrutivo e desolador.

Quadro 3. Indignação

Indignação (substantivo feminino)



Etimologia (origem da palavra *indignação*) – Indignar + ção

Revolta; sentimento de oposição, de cólera, provocado por uma circunstância injusta, indigna ou revoltante: a indignação do povo diante do preço das passagens. [Por Extensão] Raiva; excesso de ódio: a indignação provocada pela corrupção. Ação ou efeito de indignar, de sentir ou de causar raiva, revolta.

Fonte: <https://aulete.com.br/> Facebook

Adorno (1996, p. 34) afirma que a raiva e a revolta estão presentes no momento em que as pessoas se sentem enclausuradas na sociedade. A irracionalidade desse comportamento repousa no fato de que o ser humano é constituído pelas suas relações sociais e logo se perde quando se distancia delas. Isso é chamado de “claustrofobia da humanidade” no “mundo administrado”, uma sensação de clausura num contexto dito socializado, densamente estruturado. Quanto mais apertada a rede, mais se quer sair dela, muito embora sua própria estreiteza o impeça. Isso faz com que a raiva cresça diante da civilização, resultando numa revolta contra a raiva de forma brutal e irracional.

Quadro 4. Raiva

Raiva (substantivo feminino [Medicina])



Etimologia (origem da palavra *raiva*). Do latim *rabia*; *rabies*.ei,

Sentimento de irritação; ódio: tinha raiva de baratas. Expressão de aversão ou relutância; frustração: raiva do trabalho! Sensação de repugnância; repulsão.

Excesso de apetite; vontade intensa.

Fonte: <https://aulete.com.br/Facebook>.

Quadro 5. Revolta

Revolta (substantivo feminino)

Etimologia (origem da palavra *revolta*). Feminino de revoltar.



Rebeldia; comportamento de quem se rebela, de quem é rebelde. [Por Extensão] Desordem; confusão causada por um grande número de pessoas. [Por Extensão] Indignação; sentimento de ódio, de náusea, de raiva, demonstrado por meio de comportamentos ou opiniões geralmente agressivas.

Fonte: <https://aulete.com.br>

Ira e raiva são dois termos diferentes entre os quais podemos identificar certas diferenças, mesmo que se refiram ao desprazer ou à raiva que uma pessoa sente. De acordo com o

Cristianismo, a ira pertence aos sete pecados capitais. Isso destaca que, ao contrário da raiva, a ira é muito mais forte em sua forma. A raiva é um desprazer, entretanto, a ira não é um mero desagrado, mas trata-se de um sentimento com motivos vingativos. Uma pessoa pode ficar com raiva, gritar ou nutrir sentimentos negativos em relação a outra, mas aprende a superar isso. Em se tratando da ira, não é tão simples, pois, com o passar do tempo, a ira só aumenta. (Disponível em: Raiva, Ira ou Ódio? – Recanto das Letras. Disponível em: [https://www.recantodasletras.com.br > artigos-de-relig](https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-relig). Acesso em: 20 jul. 2021).

Quadro 6. Ira

Ira (substantivo feminino)



Etimologia (lat. *ira,ae* 'ira, cólera')

Raiva, sentimento intenso e permanente de ódio, mágoa e rancor que, normalmente contra uma ou algumas pessoas, é gerado.

Fonte: <https://aulete.com.br>.

O cérebro é ativado de modo involuntário quando sofre estímulos estressantes, liberando substâncias que disparam o coração, tornam a respiração ofegante e contraem os músculos. O medo está associado ao instinto de sobrevivência. Se as pessoas não sentissem medo, talvez, não vivessem por muito tempo. Isso porque, sem essa emoção, faríamos qualquer coisa, impensadamente, as atitudes seriam de forma precipitada, não haveria controle sobre as atitudes. O medo, portanto, é uma válvula que impede o risco e as consequências do que venha a amedrontar.

São atribuídas ao conceito de medo designações diferentes, a partir da angústia, da ansiedade ou da preocupação. O medo é uma reação espontânea e natural inerente à sobrevivência das espécies e que, sendo experimentado pelo homem, pode incluir diversos graus, desde uma simples insegurança até um pavor que pode levar ao terror total. É dito que o

ser humano considera o medo como um sentimento de receio em relação ao outro, seja objeto, situação ou pessoa.

O medo pode vir a ser patológico, pode afetar profundamente um indivíduo no âmbito físico, psicológico e social. Os psicólogos podem diagnosticar a pessoa como portadora de uma fobia. As pessoas podem desenvolver fobias por várias coisas, a exemplo de medo de palhaços – coulrofobia; medo de gatos – elurofobia; medo de tomar banho – ablutofobia; medo de altura – acrofobia; medo de não ter fobias – afobias; medo de ser tocado – afefobia.

A questão é que o cérebro e o corpo humano não sabem distinguir o que é uma ameaça ou um perigo real. Não se distingue uma situação na qual a sobrevivência corre risco e é algo imaginado ou “aumentado” dentro da cabeça, aquilo que parece um perigo. (Disponível em: O Medo Contemporâneo: - SciELO, <https://www.scielo.br/pdf/pcp>. Acesso em: 25 ago. 2021).

Quadro 7. Medo

Medo (substantivo masculino)



Etimologia (origem da palavra *medo*). Do latim *metus.us*.

Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência. Sentimento de ansiedade sem razão fundamentada; receio: medo de tomar manga com leite. Grande inquietação em relação a alguma coisa desagradável, a possibilidade de um insucesso etc.; temor: tinha medo de perder o emprego. [Por Extensão] Comportamento repleto de covardia: correu por medo de apanhar.

Fonte: <https://aulete.com.br>

“O termo *resistência* é utilizado nos movimentos com o desejo próprio de demonstrar força e a não aceitação à submissão. É uma reação? Sim. Não se encontra maiores detalhes sobre essa reação.”.

Quadro 8. Resistência

Resistência (substantivo feminino)



Etimologia (origem da palavra *resistência*). Do latim *resistentia*.ae.

Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir. Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição: projeto foi aprovado apesar da resistência de alguns. Tendência para suportar dificuldades, como doenças, fome, grandes esforços: atleta de muita resistência. Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. Defesa contra um ataque: opor forte resistência a assaltantes.

Ciência que tem como objetivo determinar as dimensões dos elementos de uma construção para que possam resistir à tensão que terão de suportar. Resistência passiva. A que se faz sem revide, sem apelo à violência.

Fonte: <https://aulete.com.br>

O ressentimento é uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade ou a recusa de esquecer ou superar um agravo. Na língua portuguesa, o prefixo “re” indica o retorno da mágoa, a reiteração de um sentimento, (re) sentir é sentir várias vezes.

O ódio como sentimento oposto ao amor está relacionado às pulsões de autoconservação. Induz o sujeito a enfrentar-se com o objeto e desligar-se dele. Esse desligamento promove a gênese e a manutenção da discriminação das relações de objeto. Neste sentido, o ódio pode ser transformado em ressentimento no momento em que é reforçada a regressão do amor à etapa sádica prévia (KANCYPER, 2011).

Quadro 9. Ressentimento

Ressentimento (substantivo masculino).



Etimologia (origem da palavra *ressentimento*). Ressentir + mento.

Ação ou efeito de ressentir; em que há mágoa, angústia ou rancor. Angústia ou mágoa ocasionada por uma ofensa, por uma desfeita, por um mal causado por uma outra pessoa; rancor: o rancoroso sempre carrega consigo seus ressentimentos.

Fonte: <https://aulete.com.br>

O discurso de ódio e a polarização política se tornam cada vez mais presentes nas plataformas digitais e muitas vezes extrapolam os espaços *on-line*. Frequentemente, as plataformas digitais vêm sendo acusadas de lucrarem com a promoção do ódio *on-line*, por implementarem algoritmos que visam apenas atrair mais a atenção de seus usuários.

No mundo da política, a polarização se refere à divergência ou ao aumento da divergência entre atitudes políticas de extremos ideológicos. Essa divergência pode ocorrer na população em geral ou dentro de certos grupos e instituições. A polarização crescente é promovida por aqueles que se favorecem dela: políticos, partidos ou grupos extremistas se alimentam do descontentamento e da intolerância para ganhar apoio às suas ideias.

A polarização favorece a ascensão de líderes populistas “iliberais”, ou seja, que têm pouco apreço às normas democráticas e às limitações de poder. É relevante o “se colocar no lugar do outro”, pois, além de aumentar as chances de convencimento, essa atitude também permite uma visão mais ampla de pontos positivos. Afinal, a empatia é fundamental. (Disponível em: O que é polarização e por que é prejudicial à democracia? <https://www.politize.com.br> > o-que-e-polarizacao. Acesso em: 25 jul. 2021.)

Quadro 10. Polarização

Polarização (substantivo feminino).



Etimologia (origem da palavra *polarização*). Polarizar + ção

Ação de polarizar, de atribuir potenciais eletrônicos a dois eletrodos distintos; o que resulta dessa atribuição.

[Figurado] Concentração da atenção, das atividades, das influências, num mesmo tema ou pessoa: polarização de opinião.

Fonte: <https://aulete.com.br>

Há de se fazer imprescindível a necessidade de se compreender o que caracteriza um discurso de ódio e como este é prejudicial para uma sociedade democrática. Inicialmente, reflexiona-se o que é discurso de ódio, já que não existe uma única definição, embora as definições se assemelhem.

Segundo Meyer-Pflug (2009), o discurso de ódio é a manifestação de “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. Nesta definição, são abordados apenas os pontos de discriminação racial, social ou religiosa, sem considerar os tipos de discriminação de gênero, orientação sexual, peso, algum tipo de deficiência, classe, dentre outros. Por outro lado, Sarmiento (2006) afirma que discurso de ódio pode ser caracterizado por manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos”.

Baseada nos dois conceitos, pode-se considerar o discurso de ódio como um conjunto de ações com teor intolerante direcionadas a grupos, na maioria das vezes, minorias sociais – mulheres, LGBTQIA+, gordos(as), pessoas com deficiência, imigrantes, dentre outros. O discurso de ódio é um tipo de violência verbal e a sua base é a não-aceitação das diferenças, ou seja, a intolerância.

Ao se referir ao discurso de ódio, se faz necessário falar sobre direitos humanos. De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, direitos humanos são “direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”, incluindo “o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, dentre tantos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação”.

Neste sentido, os Direitos Humanos vão de encontro ao discurso de ódio, que prega o preconceito contra seres humanos que fazem parte de alguma minoria social. Sendo assim, o discurso de ódio fere as garantias e direitos fundamentais de todo e qualquer cidadão.

A Constituição Federal de 1988 trata dos direitos e deveres individuais e coletivos: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. O discurso de ódio se configura como crime e atenta às garantias e direitos fundamentais de todo cidadão.

Dentre os direitos fundamentais, o direito à liberdade de expressão, também, é garantido pelo inciso IX do Artigo 5º da Constituição, ou seja, é uma garantia constitucional. Entretanto, isso não significa que seja uma garantia absoluta, pois, também é necessário o respeito às outras garantias constitucionais.

O cidadão tem a liberdade de expressar suas crenças e opiniões, desde que elas não firam outras leis e garantias. Neste sentido, falas racistas, homofóbicas e similares, utilizando o argumento de liberdade de expressão, além de serem um ato desrespeitoso, não são nada empáticas (CONSTITUIÇÃO, 1988).

Ainda não existe uma lei específica que trate sobre discurso de ódio na rede mundial de computadores, entretanto, o Marco Civil da Internet com a Lei n. 12.965/2014⁵ é a principal fonte a ser utilizada nesta questão. Mesmo não existindo uma

⁵ Link: Texto integral. Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014 - Legislação Federal. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos>. Acesso em: 01 set. 2021.

lei específica, não quer dizer que uma pessoa possa cometer um crime de ódio na internet e sair impune.

As redes sociais, jogos *on-line*, fóruns e a internet como um todo precisam ser atuantes no combate ao crime de ódio. Para isso, fazem-se necessárias as denúncias nas postagens e perfis com esse tipo de discurso. Mesmo sabendo que precisa ser feita uma grande conscientização, muitas pessoas ignoram o que seja discurso de ódio, o que pode ser feito para que essa prática seja reproduzida e nem ao menos sabem a gravidade desse assunto.

Quadro 11. Ódio

Ódio (substantivo masculino)



[F.: Do lat. *idium, ii*. Ant. ger.: *amor*.]

Sentimento de profundo rancor e inimizade, ger. produzido por medo, ofensa sofrida, inveja etc.

Forte aversão a algo ou alguém.

Objeto de repulsa, desgosto.

Fonte: <https://aulete.com.br>

4.4 Apresentação do *corpus*

Para compor o *corpus* desta pesquisa, foram selecionados textos e imagens retiradas do Facebook, que favorecem possibilidades interpretativas estabelecidas pela linguagem e pelos significados na mente do intérprete. Isso garantiu uma análise semântica e psicológica, a partir de uma abordagem semiótica, tendo como preparação para exposição das reações diante da

utilização de imagens que permitem a descrição de seu conteúdo, de forma interdisciplinar, transdisciplinar, colaborativa e participativa. As respostas de múltipla escolha foram representadas pelos *emojis* – ícones sociais que apresentam leveza às questões. As notícias são apresentadas por títulos e as *charges* são mostradas com o nome do autor, visto que nem todas apresentavam título. A seguir são relacionados os textos numerados de 1 a 11, disponíveis nos Anexos desta tese:

Texto 1 – As frases polêmicas de Jair Bolsonaro;

Texto 2 – Preconceito de Bolsonaro com Nordeste precisa de freio, diz ex-governador;

Texto 3 – Bolsonaro em 25 frases polêmicas;

Texto 4 – Protestos geram julgamentos: “É esse tipo de gente que está fazendo manifestação?”;

Texto 5 – Outro vídeo aponta preconceito de Bolsonaro;

Texto 6 – Como o ódio viralizou o Brasil;

Texto 7 – O desafio das “Fake news” nas eleições de 2018;

Texto 8 – Mulheres contra a opressão;

Texto 9 – Desvio de Caráter: apoiar Bolsonaro não é só “questão de opinião”;

Texto 10 – Após ofensas a Brigitte Macron, chanceler francês diz que autoridades brasileiras estão promovendo “concurso de insultos”;

Texto 11 – Bolsonaro cita Clodovil e colega negro para rebater acusações de preconceito.

O tema do preconceito é realçado por falas do atual presidente do estado brasileiro, sendo que a pergunta foi direcionada para saber a reação dos leitores a partir das gravuras. A fim de que fossem percebidos e esclarecidos os elementos influenciadores do desejo de liberdade, já que a opressão está selada nas relações de poder nas manifestações de diversos sentimentos – ódio, revolta, indignação, ira, raiva, ressentimento, medo, resistência, optou-se pela elaboração de um questionário, o qual foi aplicado em duas etapas. Pensou-se deste modo para que fosse facilitada a participação de pessoas envolvidas com o meio acadêmico e com o sítio de relacionamento.

Foi suspeitado que, embora tenham sido selecionadas onze notícias e apresentadas inicialmente, duas não mais se encontravam disponibilizadas nos *sites*. O mesmo fato ocorrera com duas *charges*, entretanto, as notícias e as gravuras, mesmo sem maior aprofundamento, não foram retiradas do Facebook, desde a etapa inicial do questionário até a presente data. Seriam *Fake News* (SANTOS, 2020b)?

As charges são relacionadas com os nomes dos respectivos autores, a seguir, e se encontram nos Anexos desta tese:

Charge 1 – Latuff;

Charge 2 – Assaz Atroz;

Charge 3 – Brun;

Charge 4 – Eliomar de Lina/Latuff;

Charge 5 – Eder;

Charge 6 – Junião;

Charge 7 – Zambi;

Charge 8 – Vitiá;

Charge 9 – Cazo.

O “dito” aqui se refere às emoções expostas, em destaque, as reações de *revolta* quanto à leitura das imagens ou o “não dito” que pode ser configurado como insulto, afronta, neste caso, tido como preconceito, objeto central dos textos aqui inclusos.

É percebido o “discurso opressor e opressivo como instrumento de humilhação, argumentado em relação ao insultado através de uma reação impregnada de paixão, revolta ou indignação e remetida a uma posição estabelecida ao longo da história por um processo de subordinação”, conforme afirmam Greimas e Fontanille (1993). Contudo, não é externada qualquer outra reação que possa configurar uma atitude que verse o contrário dos fatos, a exemplo da resistência, conforme quadro 8.

Ao se examinar a recorrência de traços reveladores do caráter das pessoas, em função de sua história de vida, bem como da vivência de momentos – quer seja de forma particular, refletindo sobre as frases e expressões preconceituosas manifestadas pelo sujeito falante, o presidente do Brasil, quer seja de forma global, a partir da coleta de informações num período de pandemia – foi apresentada uma estratégia para que fosse dito ou não fosse dito algo (GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Esse foi o objetivo pretendido nas etapas subsequentes, já que o preconceito está muito enraizado e, ainda, nos dias atuais, velado ou encoberto, tanto com a sociedade como com o ser e de maneira individualizada.

4.5 Primeiros resultados – discussão

Os sentimentos de *ódio* e suas nuances foram amenizados, pelo menos na declaração dos primeiros informantes que se manifestaram, conforme quadro 11. Apesar de terem resultados numéricos referentes aos sentimentos relacionados entre os textos e as imagens, a reação do sentimento de “indignação” atingiu a maioria dos textos.

Utilizando a modalidade virtual, o primeiro questionário foi preenchido no mês de setembro de 2020, durante o auge da pandemia, num período de quinze dias. O segundo questionário foi apresentado três meses depois e, surpreendentemente, meia hora após o lançamento, esgotou-se o número de respondentes equivalente ao primeiro formulário, finalizando, assim, a enquete.

Há de se acreditar que a colocação do tema na enquete tenha causado interesse e impacto, contudo, suponho que, por se tratar de textos longos (no primeiro questionário), o desejo foi menor e as pessoas se acomodaram em responder e ainda fizeram algumas reclamações.

No início de 2018, ano que foram extraídos os textos e imagens do *corpus* aqui constituído, o sentimento de ódio prevalecia no país, até mesmo como um alerta para uma alteração do momento histórico, ou seja, a volta do fascismo.

O fascismo é um movimento político, econômico e social que se desenvolveu em alguns países europeus no período após a primeira Guerra Mundial, principalmente, naqueles que enfrentavam graves crises econômicas, como a Itália e a Alemanha (Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/fascismo-entenda-o-conceito-e-suas-principais-caracteristicas/>. Acesso em: 04 jul. 2021).

A palavra “fascismo” vem do latim *fascio* (feixe), pois, um dos símbolos fascistas era o *fascio littorio*, um machado envolvido num feixe de varas utilizado nas cerimônias do Império Romano como um símbolo de união. O fascismo se caracterizava por ser um sistema político oposto ao socialismo e, também, imperialista, antiburguês, autoritário, antiliberal e nacionalista (SALATINI; BOBBIO, 2012).

Em uma entrevista, Bianchini (2018) reflexiona juntamente com Dias (BIANCHINI, 2018):

Esse avanço de figuras políticas fascistas é impulsionado por dois fatores fundamentais: uma forte ideia de meritocracia, ou seja, “que as pessoas nascem nos mesmos lugares e têm as mesmas oportunidades”; e a criação de

um inimigo responsável por todos os problemas do país, o que Dias chama de “outro conveniente”.

E ainda explica:

Toda vez que a extrema direita ascende, há uma ascensão da masculinidade, um culto à masculinidade, uma negação do feminino, uma ascensão da cultura do estupro, uma aversão a *gays*, a minorias. [...] Há um ódio de classe muito grande no Brasil, um ódio de gênero também, eu vejo muita gente com ódio dos LGBTs. Eu acho que ele [Bolsonaro] consegue congrega vários ódios.

Surgiram, contudo, outras questões: - Será que as máscaras que são utilizadas durante a pandemia auxiliam para a continuidade das “relações de poder na perspectiva de dominados e os seus interesses?” ou ainda: “O que foi modificado nos sentimentos das pessoas?”. A resposta pode estar no final...

Vale ressaltar que foram utilizados textos de datas diferentes daquelas do *corpus* para contribuir com a confirmação das informações coletadas e por tratar-se do mesmo tema (conforme quadros 12 e 13). As *charges* foram observadas diante das reações dos respondentes na primeira etapa da pesquisa.

Quadro 12. Notícias, reações e sentimentos

Notícias	Reações	Resultados
Texto 1	Raiva	41,7%
Texto 2	Revolta	50%
Texto 3	Revolta	27,3%
Texto 4	Revolta	33%
Texto 5	Indignação	58,35%
Texto 6	Revolta	58,3%
Texto 7	Indignação	45,5%
Texto 8	Ira	33,3%
Texto 9	Revolta	25%
Texto 10	Revolta	33,3%
Texto 11	Revolta	41,7%

Fonte: Elaboração própria

Quadro 13. Análise das charges

	Charge 1	Charge 2	Charge 3	Charge 4	Charge 5	Charge 6	Charge 7
Revolta	41,7%	25%	33,3%	33,3%	25%	16,7%	18,2%
Ódio	16,7%	-	8,3%	-	-	-	9,1%
Resistência	16,7%	16,7%	16,7%	16,7%	-	8,3%	18,2%
Medo	8,3%	8,3%	-	-	16,7%	8,3%	-
Raiva	8,3%	9,1%	-	-	16,7%	8,3%	-
Indignação	8,3%	-	-	25%	33,3%	41,7%	36,4%

Fonte: Elaboração própria

4.6 Caracterização dos perfis dos sujeitos vividos individual e coletivamente – visão geral

A partir de uma abordagem de natureza qualitativa, comunicativa e participativa, foram ilustrados os parâmetros, a dinâmica, os preconceitos e a hierarquização dos textos e imagens estudadas na medida em que foram avaliados os elementos conjugados na pesquisa. Fez-se uma discussão bibliográfica ao longo da tese, a fim de se avaliar os diferentes aspectos relacionados ao entendimento do problema, incluindo a ampliação do processo das tensões provocadas pelos diferentes tipos de preconceito detectados, divulgados no sítio de relacionamento Facebook.

As características que envolveram questões como dinâmica, preconceitos e resistência nos diversos textos relacionados no *corpus* da pesquisa foram observadas em perfis similares e/ou posições distintas, porém, complementares à análise desde quando a criticidade ofereceu essa oportunidade.

Adotada a Semiótica das Paixões como parâmetro inicial para o desenvolvimento do estudo, foi proporcionada a oportunidade de análise, não apenas de textos escritos, como também a análise de elementos tensivos e visuais, tendo as respostas advindas do Facebook, na maioria das vezes.

4.6.1 O sujeito falante e suas manifestações caracterizadoras

Ao lado do enfoque psicanalítico caracterizador da personalidade e temperamento das pessoas, o que se pretendeu foi a elucidação de elementos imagéticos e visuais a partir da apresentação de *charges* ligadas ao tema, bem como a demonstração de sentimentos com a utilização dos *emojis* como reações daqueles que leem as notícias de caráter preconceituoso pronunciadas pelo presidente da República do Brasil ou a suposição delas em relação aos sentimentos do manifestante.

Nessa perspectiva, são apresentados textos escritos, multimodais – notícias e reportagens que, postadas no Facebook, sítio de relacionamento, são caracterizados num personagem-autor que se confunde com o personagem e homem-autor ou sujeito-falante de expressões preconceituosas. Há a construção de mais uma etapa de exclusão social muito sutil e, possivelmente, por isso, perversa.

Por um lado, são criados novos sentidos na vida das pessoas, tendo por base um panorama psicanalítico do sujeito-falante e do autor-político; por outro lado, são caracterizadas as diferentes paixões e a efervescência das relações sociais com o mundo, com o Outro, em se tratando do nosso “semelhante”, do nosso “igual”, com o Outro-sujeito ou com o Outro-objeto. E, assim, podem ter sido advindas de representações de raízes da violência, em tensões ou conflitos, em desacordos pessoais ou coletivos e, sobretudo, em desrespeito aos direitos humanos.

Neste sentido, foram revelados o medo e a apreensão das pessoas diante das incertezas e o retrocesso do que se dizia progressista e crescente no que se refere a uma política de autoafirmação e defesa do ser humano e seus direitos, independentemente da cor da pele, da idade, da orientação sexual, do gênero ou classe social. Aliadas aos traumas dos indivíduos, são detectadas as reações e sentimentos de ódio e suas nuances como ira, raiva, medo, revolta, ressentimento, indignação e resistência.

Neste contexto e nesta efervescência, o homem, ao pensar, se torna construtor de signos e, ao externar seus pensamentos, promove um cenário de sentimentos que maltratam e afastam o Outro, remetendo-o, mais uma vez, à invisibilidade ou aos recalques. E a questão continua: - É possível diminuir a disseminação dos preconceitos nas redes sociais?

4.6.2 De qual mundo é esse que se fala?

Em 2018, o Brasil passou a fazer parte de manifestações ideológicas e autoritárias divulgadas em noticiários do mundo inteiro, do cultivo de valores que desmerecem a dignidade humana e os princípios da liberdade, ou seja, foram proclamados eventos favoráveis à tortura, à misoginia, à xenofobia, à homofobia e ao racismo.

O discurso do atual presidente do estado brasileiro espalhou palavras e expressões de cunho ofensivo, preconceituoso e separatista, ao passo que a democracia se fragilizou a partir da revolta do povo brasileiro; as falas preconceituosas foram expostas e, ao mesmo tempo, escondidas ou colocadas “debaixo dos tapetes” pelas *fakes News* (SANTOS, 2020b).

4.6.2.1 Sobre o narcisismo

Procurou-se investigar em relação à personalidade e caráter humanos, a partir das observações de autoridades sobre o assunto – o narcisismo – psicólogos e psiquiatras, o que pode ser levado em conta.

O termo *narcisismo* vem da figura da mitologia grega – Narciso, que, conforme descreve Lubit (2002), o mito se assemelha ao que, também, apresenta Cavalcanti (1992). Narciso era um jovem de aparência reluzente, vaidoso, desprezava a afeição de outros por sua imagem. De tamanha admiração, acabou se apaixonando por si mesmo ao vislumbrar a sua imagem espelhada na água de uma fonte. Narciso acabou morrendo à beira da fonte por encantamento à sua beleza apaixonante que viu refletida na água.

De acordo com King (2007) e Cavalcanti (1992), o termo *narcisismo* foi utilizado nos anos de 1890, através da descrição de autoadmiração, sendo que, clinicamente, o termo foi usado por psicólogos clínicos e sociais, passando por Freud para estudos sobre personalidade e comportamento narcisísticos.

Segundo King (2007), o termo “narcisista” está ligado ao comportamento dos indivíduos ou grupo de indivíduos com traços de grandiosidade e ostensividade e com preocupações de si mesmos, levando sua própria importância para um patamar acima de si mesmo, ou seja, fora do comum. Lubit (2002, p. 67) diz que “o termo narcisismo, utilizado pelos cientistas sociais de hoje, está relacionado aos sentimentos que se tem por si próprio e a maneira como se controla a autoestima”.

Cavalcanti (1992) afirma que a história de Narciso é mais complexa do que se conta. O mito possui incontáveis interpretações, o que faz com que tenha a maior importância na

psicanálise em estudos sobre a formação de Narciso, as causas e consequências que carregam maior complexidade como é proposto aqui, ao procurar entender o sujeito dos textos apresentados, sobretudo, pelo reflexo de suas manifestações à sociedade.

Podem ser vistos dois tipos de narcisismo por Lubit (2002): o narcisismo saudável que, ligado à autoestima, se mostra capaz de resistir às frustrações do dia a dia e o narcisismo destrutivo, que tem como características marcantes o sentimento de grandiosidade, o egoísta.

Cavalcanti (1992, p. 75) conduz ao conceito de *persona*, a partir de estudos de Jung, mostrando a formação da pessoa relacionada com a sua adaptação ao mundo, isto é, “o impulso natural em direção à adaptação à realidade exterior e à coletividade que envolve o desejo de ser reconhecido e de ser importante para o outro”. De acordo com Cavalcanti (1992), a *persona* é construída através de identificações e introjeções, pressupõe a elaboração da discriminação entre o eu e a imagem representativa do eu, o que se é para o outro.

A sociedade brasileira vem se afastando de seus sonhos (ou de qualquer outro ser humano) que são aqueles que os levam à felicidade, à alegria ou ao amor. É reforçado por Cavalcanti (1992) que o indivíduo projeta no outro a imagem que deseja para si, sendo que essa imagem o conduz a conhecer a si mesmo. Pode ser enfatizado com Cavalcanti (1992, p. 77):

[...] se pessoas que não foram suficientemente supridas no reconhecimento de suas individualidades e identidades procuram ser reconhecidas através dos papéis que desempenham socialmente e do senso de terem valor através das posições de prestígio que ocupam. É o que explica o sucesso social do narcisista, apesar de suas desordens e fragilidades egóicas.

Para Lubit (2002), a teoria psicodinâmica mostra que o narcisismo destrutivo tem sua raiz na infância, que vem através do comportamento dos pais com os filhos e, assim, o narcisismo é considerado um distúrbio.

Quadro 14. Características do comportamento narcisista

1. Crença e um sentimento grandioso da própria importância;
2. Idealização de próprio sucesso, poder, beleza ou amor ideal;
3. Busca pelo reconhecimento de superioridade, de ser especial ou único;
4. Busca excessiva pela admiração de outros indivíduos;
5. Espera de um tratamento diferenciado por parte dos outros, se sentindo com direito a isso;
6. Exploração, conscientemente, de outras pessoas para alcançar desejos de interesses pessoais;

- 7. Falta de empatia com os outros;
- 8. Inveja aos outros e crença de que os outros o invejam;
- 9. Arrogância, rudeza e esnobismo perante outras pessoas.

Fonte: King (2007)/Arquivo da autora

Embora possa parecer sutil, o ser humano vem atravessando um momento de sentimentos alternados, ou até mesmo, conturbados e criadores de simulacros. A realidade deixou de existir para que as pessoas viessem a acreditar ou a dar maior importância ao que é disseminado pelas mídias, cujo poder de influência é muito grande. Neste sentido, é dado o enfoque psicanalítico ao sujeito-falante, o presidente, seguindo Penney e Spector (2002), quando o indivíduo de comportamento narcisista sente alguma ameaça ao seu ego, a resposta é a hostilidade e a agressão.

4.6.2.2 Fala favorável à tortura

O presidente do estado brasileiro editou o Decreto nº 9.831, que inviabiliza o Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura – CNPCT. A ofensiva do governo federal em prol da tortura já vinha ocorrendo desde o final do ano de 2018, destacando-se a não nomeação dos membros do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura e, conseqüentemente, a paralisação das atividades daquele órgão, bem como a não recomposição da equipe do próprio MNPCT. É dito que, desde o mês de janeiro de 2019, o MNPCT vinha atuando com apenas sete peritos, ao invés dos onze previstos na Lei 12.847/2013, o que sinalizava interesse no desmonte da política de prevenção à tortura no Brasil, concretizando com a cassação da remuneração dos peritos, conforme decreto citado (Disponível em: O Governo Bolsonaro se torna oficialmente favorável à tortura. <https://www.brasildefato.com.br> › 2019/06/25 ›... Acesso em: 18 jul. 2021).

A ditadura militar no Brasil durou mais de 20 anos e foi um tempo de autoritarismo, de censura, de perseguição, de exílio, de tortura e de assassinatos. Mesmo assim, com essas memórias de dor, o presidente demonstrou homenagens ao período mais sombrio da história do país. O Tribunal Regional Federal da 5ª Região aprovou um recurso da Advocacia-Geral da União (AGU) que defendia o direito do governo de fazer atividades em alusão ao golpe militar de 1964. Como se não bastasse, é importante lembrar o ano de 1999, no qual o presidente, na época deputado federal, defendeu que, na ditadura, se "matou pouco", fazendo, portanto,

apologia à tortura (Disponível em: Relembre 7 vezes em que o governo Bolsonaro se espelhou... <https://www.brasildefato.com.br> > 2021/03/31 >. Acesso em: 18 jul. 2021).

Um dos métodos utilizados pela ditadura militar foi a tortura de opositores. Conta-se que um de seus adeptos mais cruéis era o Coronel Brilhante Ustra⁶, que chefiou o Destacamento de Operações de Informação do Centro de Operações de Defesa Interna – DOI/CODI.

4.6.2.3 Fala favorável à misoginia

Misoginia é um termo utilizado para caracterizar o ódio contra mulheres, podendo ser manifestado por meio da agressão física, moral, sexual ou psicológica. Esse fenômeno originou-se com a mitologia grega, por meio da qual se pregava que os homens viviam em harmonia com Deus ao surgimento da primeira mulher, Pandora, que trouxe consigo todos os males existentes. É um ato considerado crime e já possui uma legislação para tratar sobre o assunto. Sancionada em abril de 2018, a lei 13.642/18 atribui à Polícia Federal a responsabilidade pela investigação dos crimes cibernéticos de misoginia (Disponível em: <https://www.conteudojuridico.com.br> > consulta >. A misoginia nos crimes virtuais: “análise da...” Conteúdo Jurídico... Acesso em: 24 jul. 2021).

O presidente fez piadas sobre gordos e sobre misoginia e incentivou o trabalho infantil durante a *live* daquela ocasião (quinta-feira – dia 10.09.2020). Ao lado de membros do governo e de uma youtuber mirim, de 10 anos, ele aproveitou os últimos minutos da *live* para comentar sobre a primeira vez que foi chamado de misógino, confessando não saber o significado da palavra. “Eu confesso. A primeira vez que gritaram ‘misógino’ para mim eu não sabia. Tinha um assessor do lado: ‘Pega aí, rapidinho na internet o que é misógino para saber se estou sendo xingado ou elogiado’”, contou o presidente. “Você sabe o que é misógino? Hélio Negrão, você sabe o que é misógino? Pisou na bola. Deixa eu pegar outro pau de arara aqui. Mozart, o que é misógino? Você é misógino, Mozart? Se você não gosta de mulher, você gosta de homem, então. Eu fiquei sabendo naquele momento”, contou o presidente (Disponível em: Em live, Bolsonaro faz piadas sobre gordo e misoginia e... <https://istoe.com.br> > em-live-bolsonaro-faz-piadas-sobre...11 de set. de 2020. Acesso em: 18 jul. 2021).

⁶ Carlos Alberto Brilhante Ustra nasceu em Santa Maria – RS em 28 de julho de 1932 e faleceu em Brasília, em 15 de outubro de 2015. Foi um líder da tortura militar, coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército de 1970 a 1974, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985) (Disponível em <http://www.memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 24 jul. 2021).

4.6.2.4 Fala favorável à xenofobia

Xenofobia é um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio aos estrangeiros. Pode estar fundamentado em fatores históricos, culturais, religiosos, dentre outros. Falado nas mídias, o termo faz referência a casos “extremos” de grupos organizados que cometeram um crime contra uma pessoa de outro grupo étnico ou país. Xenofobia não é apenas uma agressão contra uma pessoa por sua nacionalidade, mas, também pelo pensamento ou julgamento que temos sobre as outras pessoas, sobretudo, no que se refere ao medo e apreensão delas (Disponível em: <https://www.geledes.org.br/> Xenofobia: definição, fatores de risco e prevenção. Acesso em: 25 jul. 2021).

A realidade é que a xenofobia implica muito mais, já que essa exclusão pode ser realizada através de comportamentos diretos ou ditos, graves, a exemplo das falas do presidente. O presidente demonstrou não conseguir entender o peso da miscigenação na formação da identidade brasileira, ao tratar com preconceito os indígenas e os caboclos da Amazônia (Disponível em <https://www.em.com.br> › luiz-carlos-azedo › Bolsonaro flerta com xenofobia, ao culpar índios e caboclos. Acesso em: 25 jul. 2021).

4.6.2.5 Fala favorável ao genocídio

Genocídio é a eliminação sistemática e intencional de um grupo por meios ativos – são aplicadas forças que resultam na morte – ou meios passivos – são negligenciadas e negadas a prestação de assistência. Em geral, os grupos de vítimas de “genocídios” apresentam indivíduos com ligações étnico-raciais, de nacionalidade e religiosas.

Ignorando a Constituição Brasileira, a qual determina a “inviolabilidade do direito à vida”, o presidente optou pela propagação da Covid-19 que atingiu o mundo, acreditando na chamada imunização de rebanho, mesmo “comandando” um país de tamanha extensão com enorme número de habitantes como é o caso do Brasil, isso representando a morte de centenas de milhares de pessoas.

“O presidente do Brasil afirmou que não adquiriria a vacina desenvolvida pelo Instituto Butantã, por ela ter sido desenvolvida na China, em sua origem. Aquela postura do presidente colocou em risco a vida dos brasileiros e atrasou a recuperação econômica no período pós-pandemia, pois, num país que detêm um conjunto de alternativas de vacina para pensar a sua estratégia vacinal de proteção, seria decisivo também para a sua recuperação econômica mais rápida”. Neste sentido, foram colocados em risco não só as vidas, mas a possibilidade de

investidores, de empresários e de trabalhadores planejarem a sua reestruturação econômica e as relações comerciais e políticas do país com a própria China, já que se trata do local criticado. É considerado, portanto, “ato genocida”. (Disponível em: Butantan afirma que ataques de Governo Bolsonaro à China... <https://brasil.elpais.com> > OMS. Acesso em: 20 jul. 2021).

4.6.2.6 Fala favorável à discriminação dos indígenas

O Conselho Indigenista Missionário – CIMI se dirigiu à 46ª sessão ordinária do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas para denunciar o governo brasileiro pela publicação da Resolução 04/2021, que estabelece “critérios de heteroidentificação” para avaliar a autodeclaração de identidade dos povos indígenas no Brasil.

A denúncia foi realizada pelo presidente do CIMI, dom Roque Paloschi, arcebispo de Porto Velho – RO, que alertou: “ao tentar trazer para si o direito de declarar quem é ou não indígena, o presidente também está decidindo quem será ou não beneficiário das políticas públicas, que são direitos constitucionalmente garantidos”.

Em face da Declaração de Durban, o CIMI⁷ se dirigiu ao Conselho para denunciar o estado brasileiro e o governo federal por promoverem a discriminação dos indígenas brasileiros e pedir a revogação imediata da Resolução 04. “Solicitamos o apoio deste Conselho”, apela o religioso.

4.6.2.6.1 Sobre a Resolução nº 04

A Resolução nº 04 foi publicada pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio – em 22 de janeiro do ano de 2021 e, desde então, tem recebido duras críticas de organizações indígenas, indigenistas e da sociedade civil por violar dispositivos da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), bem como, contrariar definições do Supremo Tribunal Federal (STF).

⁷ O CIMI é um organismo vinculado à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. Criado em 1972, no auge da Ditadura Militar, quando o Estado brasileiro adotava como centrais os grandes projetos de infraestrutura e assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como perspectiva única, o CIMI procurou favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo as grandes assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural. O CIMI está estruturado em 11 regionais distribuídas pelo país e um Secretariado Nacional, em Brasília. Cada regional tem uma estrutura básica que dá apoio, orienta e coordena o trabalho das equipes nas áreas indígenas (Disponível em: O governo de Bolsonaro está promovendo a discriminação. <https://cimi.org.br> > 2021/03 > o-governo-de-bolsonaro...25 de mar. de 2021. Acesso em: 18 jul. 2021).

A resolução foi criada sob o argumento de “padronizar e dar segurança jurídica” ao processo de autodeclaração indígena e traz o verniz de ser uma forma de “proteger a identidade indígena e evitar fraudes na obtenção de benefícios sociais voltados a essa população”. Seguramente, o interesse é a criação de dificuldades para o não reconhecimento e identificação das pessoas enquanto indígenas, na medida em que o governo não apresentou números ou casos de fraudes.

4.6.2.7 Fala favorável à homofobia

O presidente teceu comentários homofóbicos em vários momentos do seu governo, caracterizando os *gays* como cenas ou imagens dantescas. Numa de suas falas, ele afirmou: "Esse é o tal do Guaraná Jesus que deu polêmica. Eu olhei para essa cor e falei opa. O que tem nisso aí, pô. Já fiquei logo desconfiado. Mas eu tomei e confesso que não senti nada. Não teve mudança nenhuma aqui, tudo bem, gostei do Guaraná Jesus. Vou tomar mais. Brincadeiras à parte, é um bom guaraná".

Ainda assim, acrescentou os comentários, rindo, fazendo gestos com as mãos e afinando a voz. O chefe do governo brasileiro também pediu à ministra Tereza Cristina que falasse “grosso” ao tomar o refrigerante (Disponível em: Homofobia – Jornal Estado de Minas | Notícias Online. <https://www.em.com.br> > busca > tag=homofobia. Acesso em: 19 jul. 2021).

No que se refere à criminalização da homofobia, a opinião do presidente é a de que a decisão do Supremo prejudica os homossexuais. Ele argumentou que um empregador pensará "duas vezes" antes de contratar um homossexual.

"[O empregador pensa] e se der um problema aqui dentro? Ele me acusa disso ou daquilo, o que que vai acontecer, como que fica a minha empresa?". O Brasil se tornou o 43º país a criminalizar a homofobia, segundo o relatório "Homofobia Patrocinada pelo Estado", elaborado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (ILGA). E reforça: "Acho que o que mede a ineficiência de um Estado é a quantidade de lei. Quanto mais leis, pior é aquele Estado. E está transformando insuportável a nossa convivência no Brasil dada essas decisões, com todo respeito, que o Supremo Tribunal Federal tomou no dia de ontem", afirmou o presidente. (Disponível em: Bolsonaro critica STF por criminalizar a homofobia... <https://www.em.com.br> > interna_internacional,1062043. 14 de jun. de 2019. Acesso em: 19 jul. 2021).

4.6.2.8 Fala favorável ao racismo

No Brasil, o termo *racista* é definido em decorrência da discriminação de raça, reconhecido como um significado de oportunidades necessárias para a correção da desigualdade racial. É um termo dado àquele que separa, exclui e nega a humanidade a Outrem em função de sua raça. A partir dessa realidade, é dado um tratamento diferenciado aos brasileiros, em decorrência da raça, de forma separatista, mesmo que venham surgir regras que mostrem o enfrentamento dessas desigualdades, criando uma disposição para que o passado escravista seja esquecido e que as coisas sejam resolvidas por si mesma, como afirma Fernandes (2007).

O racismo, geralmente, encontra-se disfarçado na sociedade em atividades humorísticas como *charges*, anedotas ou brincadeiras, nas reuniões de amigos, através de apelidos, nos cinemas e teatros, nos supermercados, nas universidades e escolas, embora, às vezes, haja um certo cuidado que sempre deixa algo a escapar. Há quem diga que se trata de um racismo disfarçado em práticas de humor, isto é, uma das formas de reproduzir, naturalizar e silenciar o racismo. Uma vez reproduzido e naturalizado, mesmo com anos de estudo e alterações nas raízes do escravismo, no caso brasileiro, o racismo é pouco questionado pela sociedade e, quando denunciado, é normalmente negado pelo agressor.

O racismo tem raízes nos séculos de escravismo e, desde antes da abolição, os negros libertos se organizavam criando muitos clubes e atividades recreativas, assistenciais e culturais, ao lado das atividades políticas. Estas resultaram em reflexões para o conjunto de desigualdades, hierarquias, tensões e antagonismos e lutas, bem como intolerância e preconceito com diferenças, sendo que sempre existiram em sujeitos preconceituosos ou intolerantes.

Santos (2020b, p. 390) evidencia o ponto de vista do presidente da República em uma entrevista “[...] o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não faz nada! Eu acho que nem para procriador eles servem mais”, ao visitar um quilombo. Santos (2020b) argumenta que depreciar o ser humano pela cor da pele ou por características particulares provoca dores que chocam.

Neste sentido, as argumentações são construtoras de novas fases, novos métodos e registros que amenizam os preconceitos, ressurgindo novas formas, com a aceitação da identidade individual de cada ser e o alcance de um nível de igualdade entre as pessoas. É possível caracterizar as mais variadas formas de falar e de Ser, com possibilidades de Ter, de praticar ou não uma religião; podem ser abertos caminhos para uma liberdade ou para uma libertação de raízes sofridas.

4.7 Resultados

A segunda etapa desta pesquisa obedeceu aos critérios intersubjetivos, participativos e que caracterizaram diversos sujeitos, em número de doze, os quais participaram das entrevistas por livre e espontânea vontade. As respostas que foram apresentadas nos quadros são equivalentes às respostas dos chamados “respondentes”, sendo identificadas por ordem numérica. Foram intercaladas reproduções das falas do presidente ao longo da discussão.

Vale ressaltar que, na perspectiva dos estudos de discurso crítico, a possibilidade de uma ciência neutra é rejeitada, ou seja, existe um reconhecimento de que as ciências e o discurso acadêmico são influenciados pelas estruturas e interações sociais. Neste sentido, os teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD) acreditam que essas relações entre academia e sociedade devem ser reconhecidas e estudadas (VAN DIJK, 2001). Isso leva a uma agenda de pesquisa fortemente focada em problemas sociais e questões políticas, sobretudo, relativas a questões de poder e dominação entre grupos ou com a sociedade. Pensa-se, entretanto, que, no começo da pesquisa, em 2018, o presidente da República manifestava sua fala com o propósito de mostrar superioridade ou poder, talvez, poder de influência através da internet. Hoje, o quadro se apresenta diferente e decrescente (Disponível em: Pesquisa: desaprovação do governo Bolsonaro bate recorde... <https://www.correiobraziliense.com.br> > 2021/09 > 494.... Acesso em: 08 set. 2021).

Foram elaboradas as questões refletindo sobre as possíveis indagações quanto às vidas das pessoas, tentando realçar os pontos evidentes quanto aos atos sofridos em relação ao preconceito: sentimentos, reações e possíveis atos contrários. As questões poderão ser conferidas nos Apêndices A e B.

Como forma de avaliação dos procedimentos aplicados, considera-se positiva a relação das pessoas com os seus sentimentos revelados, aflorados ou ultrapassados. Neste sentido, como o tempo não para, a pesquisa, também, não para. E é incluída nova questão: - Será que foram ultrapassados os problemas de discriminação ou de preconceito?

Há de se observar que as pessoas entrevistadas, em quase sua totalidade, consideram-se com a pele parda (até “beige” [bege] ou “marron” [marrom]!!!) e respondem já terem sofrido manifestações preconceituosas. Trata-se de um grupo letrado, com idade acima de 30 anos, com nível de doutorado, o que justifica, talvez, a liberdade em se declararem vítimas de preconceito. Os preconceitos sofridos declarados foram: racismo estrutural, classismo e preconceito contra sua região e moradia, no caso, o Nordeste.

Curiosamente, os sentimentos, ao passarem pelas situações de opressão ou dor, foram os seguintes: raiva, revolta, nojo, indignação, impotência e ojeriza. Nenhum dos sentimentos se manteve em maior evidência, o que permite reforçar a constatação da acomodação, conforme a primeira etapa da pesquisa.

Finalmente, as respostas dadas às reações foram:

- a. reagiram aos atos sofridos;
- b. fizeram questionamentos;
- c. mantiveram o equilíbrio;
- d. sentiram constrangimento;
- e. ficaram calados,

Todos admitiram que o preconceito convive com a sociedade brasileira.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é a análise das relações dialéticas entre semioses, inclusive a língua e outros elementos das práticas sociais. Preocupa-se com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel da semiose nos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais na rede de práticas. A semiose pode ser mais importante em determinada ou determinadas práticas do que em outras e sua importância pode variar com o passar do tempo. A semiose, como parte da atividade social, constitui gêneros discursivos e estes são os diferentes modos de agir, de produzir a vida social, semioticamente.

Através da enquête realizada, o que se pode perceber é a insatisfação das pessoas entrevistadas em relação às suas vidas no país. É interessante observar que, embora as entrevistas tivessem ocorrido durante o período pandêmico, houve apenas uma menção ao período e à adjetivação dada ao presidente da República: genocida.

Faz-se notar que os preconceitos mais conhecidos são aqueles referentes aos grupos de pessoas que participa de diversos movimentos – os negros e os LGBTQIA+. Os preconceitos de classismo e capacitismo foram enumerados. O etarismo, isto é, o preconceito relacionado à idade ou ao idoso, não foi citado.

CONCLUSÃO

A partir do acesso às informações políticas e sociais, permitido pela tecnologia, são identificadas e interpretadas notícias postadas no Facebook por diferentes usuários, as quais revelam manifestações de preconceitos. Foi discutida a questão da tensão nas relações sociais, a significação e sua estrutura, bem como a atividade formativa do sentido que impulsiona novas conexões em uma dimensão semiótica. A partir do acesso às informações políticas e sociais, permitido pela tecnologia, são identificadas e interpretadas notícias postadas no Facebook por diferentes usuários, as quais revelam situações criadas ou vividas pelos diferentes sujeitos da pesquisa.

O período estudado, isto é, de janeiro a dezembro de 2018, corresponde ao primeiro ano de atuação do presidente da República, o qual já exercia o papel de chefe de Estado. Nesse período, garante-se a revelação do uso das modalidades do *querer ser*, do *dever ser* e do *poder ser*, permitindo uma análise de caráter interpretativo e crítico.

Foram ressaltados e caracterizados os sentimentos de ódio e suas nuances, sendo visto o termo “ódio racial” e alargando para “tristeza” e “acomodação”, os quais vinham aflorando nos últimos tempos, sobretudo, em textos pronunciados pelos chefes de Estado considerados como respostas e, também, manifestados pelo atual presidente do estado brasileiro. Tais sentimentos foram provocados por expressões preconceituosas em cada texto selecionado ou em cada imagem coletada e interpretada.

As imagens foram utilizadas nos questionários a fim de se obter uma resposta motivacional e para que fossem lidos os textos, já que têm maior extensão. Foi mostrada, a partir da constituição dos sujeitos, a possibilidade de que seria favorecida a descoberta de outros meios implícitos que justificassem reflexões, mudanças, transformações no ser ou que conduzissem à produção de sentidos e, assim, evidenciassem as subjetividades e/ou identidades em construção de uma rede de sentidos.

Pela leitura das emoções, sentimentos e reações dos sujeitos é reforçada a compreensão dos textos, expressões, imagens e noções que circulam pelas experiências pessoais e sociais da realidade de cada um e são devolvidas ao contexto social as trocas simbólicas e um contexto para criação de outros sentidos. Foram apresentadas intervenções em eventos acadêmicos, ressaltando as notícias e as manifestações preconceituosas proclamadas pelo presidente da República.

Considerou-se relevante a experiência de descoberta de formas interacionais, quer seja nos colóquios, quer seja nas comunicações orais, quer seja nos vídeos ou textos escritos, nas

lives, ou nos recadinhos nas redes sociais, sobretudo, no Facebook ou Telegram. A partir destes, justifica-se a importância da comunicação, fator primordial que atravessa um processo do período industrial, imperialista e colonialista, no qual surge um novo padrão de conhecimento cibernético, tecnológico e associativo, visto de forma exacerbada no período que o mundo atravessa – a pandemia de Covid-19.

No ano de 2020, período inicial da pandemia que assolou o mundo, surgiu o evento intitulado “I Seminário Virtual Internacional Comunicação Visual em tempos de pandemia”, favorecendo o alargamento das reflexões sobre a postura do chefe do estado brasileiro, a partir de suas ofensas à Ciência e aos pesquisadores em geral, ou seja, às Universidades. Nada mais provocante do que um exemplo vivo e vivido por tantos.

O Seminário, naquela ocasião de julho de 2020, não fazia parte concreta do projeto de tese apresentado e aprovado, mas alargou as relações com cinco instituições de ensino na América Latina, com a Universidade Aberta em Lisboa – Portugal e com o continente africano representado pela Guiné-Bissau. Foram apresentados mais de cem trabalhos acadêmicos com intervenções de pesquisadores do Brasil e exterior. Neste sentido, foi promovido o percurso de um doutoramento sanduíche com a Universidade Aberta em Lisboa, em Portugal, sendo que o estágio aconteceu num período de dez meses – de setembro de 2020 a junho de 2021, obtendo êxito.

Neste sentido, é proposta a criação e o desenvolvimento de um observatório com textos de outros autores, políticos ou não, e até mesmo do político em estudo, a fim de que mais discussões venham a ser apreciadas com a apresentação de aspectos favoráveis a partir de sua pertinência, bem como a proteção das pesquisas, sem, contudo, esquecer de destacar o desafio provocado, isto é, a diminuição do preconceito na internet.

Esse alargamento pode se tornar real e mais pertinente com os capítulos aqui apresentados, realçando as reportagens nas quais são examinadas as características do sujeito-falante, ou seja, as falas do presidente do estado brasileiro, enfocando o caráter psicanalítico de sua personalidade e possível transtorno de personalidade, bem como as adjetivações que lhe foram dadas pelos brasileiros na sua trajetória como chefe de estado na época atual: torturador, misógino, genocida, homofóbico, racista, preconceituoso.

Foi percebida a variedade de sentimentos que, embora apresentem proximidades com as emoções vividas e compartilhadas através de depoimentos de pessoas entrevistadas, revelam sujeitos esses que enfrentam ou enfrentaram problemas de discriminação, que fazem parte de suas ou de outras histórias de vida e as suas reações diante dos fatos ocorridos.

Os relatos favorecem a ampliação das posições encontradas e delinearam a tese de que o ser humano vive em busca da expressão de seus sentimentos de benquerença, os quais contrastam com aqueles que são vividos no momento atual que o mundo atravessa, mesmo envolvido com incertezas e dores. Essas dores e tensões ocasionam o comodismo com os sentimentos manifestados e, assim, as paixões passam a ser as suas reações diante dos sentimentos malévolos que afloram em si e nos outros.

Foram levadas em consideração as observações apresentadas pelos leitores, por ocasião do preenchimento dos formulários para discussão das reações:

- i. ao lerem trechos menores e que enfatizam o caráter preconceituoso do presidente do estado brasileiro;
- ii. ao lerem os textos e serem observadas a sua extensão, o uso dos *links*, embora atendam aos critérios e aos resultados esperados;
- iii. com o encaminhamento de outro formulário, totalizando em dois, embora apresentem a caracterização idêntica ao primeiro com questões abertas;
- iv. ladeados à manutenção dos *emojis* para respostas das questões apresentadas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. C. Formatos insubordinados de dissertações e teses na Educação Matemática. In: D'AMBRÓSIO, B. S.; LOPES, C. E. (org.). *Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática*. v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 347-367.
- BIANCHINI, L. Bolsonaro é fascista? Listamos 13 frases do candidato para reflexão. 17/10/2018. Disponível em: <https://osirredentosblog.wordpress.com/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao/>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- ADORNO, T. W. *et al. The Authoritarian Personality*. New York: Harper, 1950.
- ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. Tradução N. Ramos-de-Oliveira, B. Pucci e C. B. M. de Abreu. *Educação & Sociedade*, v. 56, p. 388-411, 1996 [1959].
- AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/educacao-para-a-cidadania/parlamentojovem/agencia-de-noticias>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954/1962.
- ARABASI, A. I. *Linked – a nova ciência dos networks*. Brasília: Ed. Leopordo, 2009.
- AULETE, C. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- BARROS, D. L. P. de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, Porto, n. 11/12, p. 60-73, 1990.
- BARROS, D. L. *Teoria Semiótica do Texto*. 5. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2011.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENEVENUTO, F.; RIBEIRO, F.; ARAÚJO, M. Métodos para Análise de Sentimentos em Mídias Sociais. In: *Webmedia2015* (minicurso). Disponível em: www.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/webmedia-short-course.pdf. Acesso em: 8 jul. 2019.
- BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 1992.
- BOCH, A. M. B. *et al. Psicologia*. São Paulo: Saraiva Educação S. A, 2019.
- CAVALCANTI, R. *O mito de Narciso: o herói da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CHRISTAKIS, N. A.; FOWLER, J. H. *O poder das conexões: a importância do networking e como ele molda nossas vidas*. Tradução E. Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 8 jul. 2019.

DAMASIO, A. *O mistério da consciência*. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

DESCARTES, R. Paixões da alma. In: CIVITA, V. (ed.). *Descartes* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973 [1649]. p. 223-304.

DIAMANTAS, H. *Linkania* – uma teoria de redes. São Paulo: Senac, 2010.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (org.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1987.

FACEBOOK agora permite pesquisas de imagens pelo conteúdo... Disponível em:

<https://www.tecmundo.com.br/.../114000-facebook-permite-pesquisas-imagens-com.br>. Acesso em: 8 jul. 2019.

FAIRCLOUGH, N. *Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica*.

Tradução de Iran Ferreira de Melo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view>. Acesso em: 01 set. 2021.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Global. 2007.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007a.

FIORIN, J. L. Semiótica e Paixão. Entrevista à Cristina Sampaio. *Revista Eutomia*, ano I, n. 2, p. 58-67, 2007b.

FRANK, A. G.; YUKIHARA, E. *Formatos alternativos de teses e dissertações* (Blog Ciência Prática). 2013; Tema: Ciência prática. Disponível em: <http://cienciapratica.wordpress.com/>. Acesso em: 8 jul. 2019.

FREITAS, G. P. de. *Da Estética do Fluxo à Estética em Fluxo: Experiência e Devir entre Artemídia e Comunicação*. Curitiba: Appris, 2019.

GARNICA, A. V. M. Apresentação. In: SOUZA, L. A. de. *Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar*. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2011.

- GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Ed. Plano, 2002.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. Tradução Ana Cristina Cruz Cezar *et alli*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J. *Du sens II*. Paris: Editions do Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (coord.). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome 2. Paris: Hachette, 1986.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- GRIGOLETTO, E. *et al.* (org.). *Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso*. Campinas: Ed. Fontes, 2019.
- GUARESCHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAVAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-157.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-187.
- HAMILTON, H. (ed.). *Handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 352-371.
- HAN, B.-C. *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Lisboa: Relógio D'Água, 2015a.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015b.
- JAGGAR, A. M. Regendering the U.S. Abortion Debate. *Journal of Social Philosophy*, v. 28, n. 1, p. 127-140, spring 1997. Disponível em: <https://www.studocu.com/en-us/document/san-francisco-state-university/feminist-moral-issues/jaggar-1997-journal-of-social-philosophy/1077923>. Acesso em: 24 set. 2021.
- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAVAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 55-67.
- KANCYPER, L. *Resentimiento terminable e interminable: psicoanálisis y literatura*. Buenos Aires: Lumen; 2010.
- KING, G. Narcissism and Effective Crisis Management. A Review of potential problems and Pitfalls. *Journal of Contingencies and Crisis Management*, Indiana University do utheast, New Albany, v. 15, n. 4, p. 183-193, 2007.
- LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, M. E. *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

LUBIT, R. O impacto dos gestores narcisistas nas organizações. *ERA – da Administração de Empresas*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 66-77, jul./set. 2002.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARETTI, M. R. *Antropologia, Arte e Gregory Bateson na visão de Massimo Canevacci*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2010v11n98p568>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MARTINS, A. R. N. Racismo no debate da imprensa sobre a política de cotas para negros. *Discurso & Sociedad*, v. 6, n. 2, p. 389-417, 2012.

MASSUKADO, M. S. *Análise comparativa de estratégia qualitativa e de investigação: possibilidades para a pesquisa em turismo*. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download>. Acesso em: 09 jan. 2020.

MEDEIROS, J. *et al.* Introdução à análise de sentimentos em redes sociais: O léxico construído em momentos do processo de Impeachment. *IX Simpósio Nacional ABCiber – PUC São Paulo*, 8,9,10 de dezembro 2016.

MEYER-PFLUG, S. R. *Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio*. São Paulo: Editora RT, 2009.

MIRANDA FILHO, M. *As origens de tolerância no Ocidente: tolerância e direito natural*. São Paulo: USP/LEI, 2009. Curso: A tolerância no âmbito da filosofia política e da História.

MORAES, A. S. Pôster acadêmico: um evento multimodal. *Ao Pé da Letra* (UFPE. Impresso), v. 9, p. 1, 2007.

MORRIS, C. G.; MAISTO, A. A. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Ed. Pearson e Prentice Hall, 2004.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2012.

NICHOOLAS, A. C.; FOWLER, J. H. *Conectados*. O incrível poder das redes sociais e como elas nos afetam. Madri: Taurus Pensamento, 2010.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PAIXÃO, N. *Vieses na análise de informações e tomada de decisão*. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/Nuno_Almeida_Psicologia. Acesso em: 20 ago. 2021.

PAULA, F. B. R. de. *A linguagem híbrida do design: um estudo sobre as manifestações contemporâneas*. 2012. Tese (Doutorado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PELBART, P. P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n. 1 – edições, 2019.

PENNEY, L.; SPECTOR, P. E. Narcissism and Counterproductive work Behavior: Do Bigger Egos Mean Bigger Problems? *International Journal of Selection and Assessment*, University of South, v. 10, n. 1/2, p. 126-134. mar./jun. 2002.

PEREIRA, R. V. (org.). *Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio*. Belo Horizonte: IDDE, 2018.

PEREZ, C. O fetichismo metodológico tem o poder de mesclar os dois clássicos elementos da filosofia ocidental: sujeito e objeto. Entrevista a Massimo Canevacci. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 169-178, 2006.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da Etnicidade*. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

ROJO, R. Por novos e múltiplos letramentos. *Revista Na Ponta do Lápis*, ano XII, n. 27, jul. 2016 [não paginado]. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/.../entrevistas/.../por-novos-e-multiplos-letrame...> Acesso em: 19 set. 2017.

SALATINI, R.; BOBBIO, N. Do fascismo à democracia: os regimes, as ideologias, os personagens e as culturas políticas. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 1, p. 361-371, 2012. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1547>. Acesso em: 19 set. 2017.

SALLES, J. C. Não seremos servos do absurdo – Discurso de encerramento do ato “Educação contra a barbárie”. Salvador, 18/05/2021. Disponível em: https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/nao-seremos-servos-do-absurdo-discurso-de-encerramento-do-ato-educacao-contra-barbarie. Acesso em: 24 set. 2021.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, A. da S. *Paradoxos na internet: interação, socialização, preconceitos e exclusão*. XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL), 2014. Disponível em: <https://mundoalfal.org>. Acesso em: 15 out. 2019.

SANTOS, A. da S. Discriminação, insultos verbais em qualquer lida, ainda. SEMOC... 2016, Salvador. *Anais*, 2016. Disponível em: www.ucsal.br/SEMOC. Acesso em: 15 out. 2019.

SANTOS, A. da S. Um envolvimento interacional entre os textos e as imagens do universo virtual e significados contextuais. *IV Seminário ForTEC – Tecnologias Digitais, Redes e*

- Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador – BA – agosto. 2018. p. 998-1005.
- SANTOS, A. da S. Conceito de Texto. In: GALEFFI, D. *et al.* (org.). *Transciclopedia em Difusão do Conhecimento*. Salvador: Quarteto, 2020a.
- SANTOS, A. da S. *Fake News*. In: GALEFFI, D. *Transciclopédia em Difusão do Conhecimento*. Salvador: Quarteto, 2020b.
- SANTOS, A. da S. *Preconceitos instigantes: escolas, professores e alunos fervilhantes*. In: GOMES, C. B. (org.). *Violência nas escolas: em busca de uma cultura da não violência*. Curitiba: CRV, 2020c. p. 175-180.
- SANTOS, A. da S. Lágrimas no papel da violência, das tensões e incertezas. In: FLORES, J.; OYARCE, J.; RODRIGUEZ-GARAY, G. (org.). *Reflexões sobre internet, tecnologia e comunicação*. Aveiro: Ria Editorial, dezembro, 2020d. p. 150-164.
- SANTOS, J. M. (org.). *O pensamento de Niklas Luhmann como Teoria Crítica da Moral*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005.
- SARMENTO, D. A liberdade de expressão e o problema do "Hate Speech". In: SARMENTO, D. *Livres e iguais: estudos de Direito Constitucional*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- SAVIANI, D.; DUARTE, N. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SILVA, S. P. *et al.* Textos multimodais: um novo formato de leitura. *Linguagem em (Re)vista*, Niterói, v. 10, n. 19, jan.-jun./2015.
- SILVA, M. da; VALDEMARIN, V. T. (org.). *Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- SOUZA, S. M. de; VIRGINIO, C. P. Entre o sensível e o inteligível: paixão e memória em *Dois irmãos e Leite derramado*. *Estudos semióticos*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 16-27, jul. 2017. Disponível em www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 23 jul. 2019.
- VAN DIJK, T. A. Introduction: Dialogue as discourse and interaction. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Handbook of Discourse Analysis*. (C3). v. 3. p. 1-11, 1985.
- VAN DIJK, T. A. New(s) racism: A discourse analytical approach. In: COTTLE, S. (ed.). *Ethnic minorities and the media*. Milton Keynes, UK: Open University Press, 2000. p. 33-49.
- VAN DIJK, T. A. Critical discourse analysis. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. (ed.). *Handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 352-371.
- VAN DIJK, T. A. New(s) racism: A discourse analytical approach. In: COTTLE, S.; VAN DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, T. A. Critical discourse studies: A sociocognitive approach (new version). In: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). *Methods of critical discourse analysis*. Third Edition. London: Sage, 2015. p. 63-85.

VAN DIJK, T. A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. Tradução Pedro Theobald. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, v. 9, n. especial, s8-s29, 2016.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2017.

VAN DIJK, T. A. *Discurso Antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas* São Paulo: Contexto, 2021a.

VAN DIJK, T. A. Critical discourse analysis. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; VAN DIJK, T. A. *Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas*. São Paulo: Contexto, 2021b.

ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (org.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.



Preconceito, sentimentos, emoções e reações

Caro colaborador:

Este formulário se refere à pesquisa intitulada "Formas de interação coletiva num universo de desejos de liberdade e libertação no ambiente virtual - análise comparativa e semiótica" Constam, aqui, textos e charges que deverão ser lidas e respondidas as questões com os emojis. São textos e imagens relacionadas ao presidente da República como sujeito-falante, direta e/ou indiretamente. O nosso interesse está ligado ao seu comportamento, sentimentos ou reações diante da leitura dos textos aqui inclusos.

Responda o que desejar e da forma mais natural possível. Não precisa assinar, a não ser que deseje. Basta clicar e marcar. Muito grata!



letrarialetraria@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



Nome (opcional)

Sua resposta

email (opcional)

Sua resposta



Texto 1: As frases polêmicas de Jair Bolsonaro

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



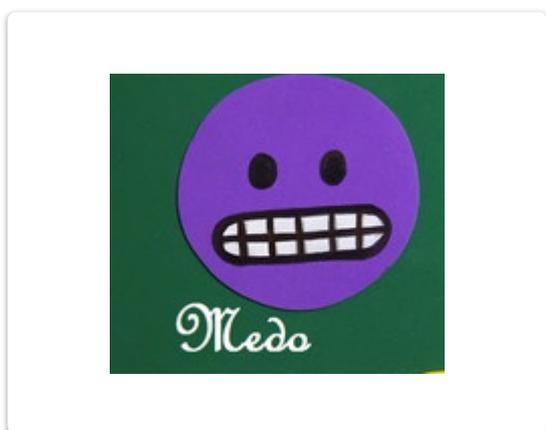
link do texto completo: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro/>



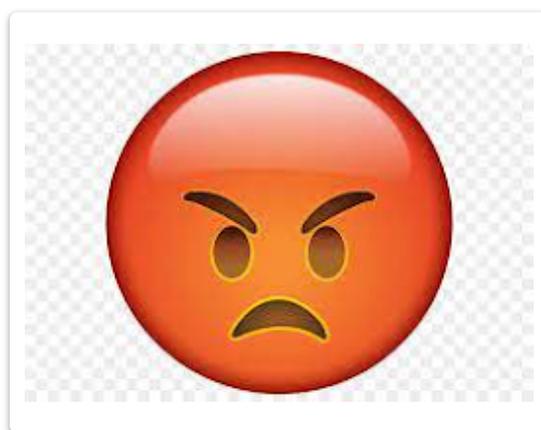
ódio



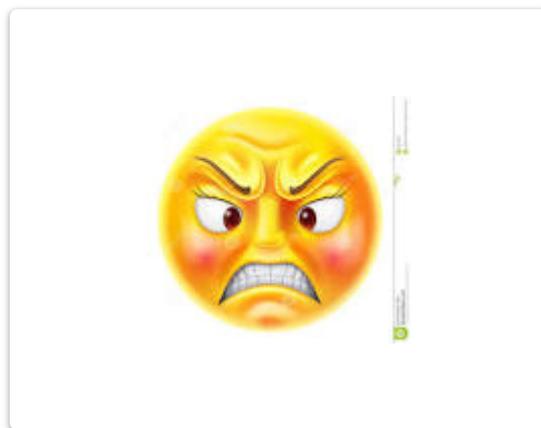
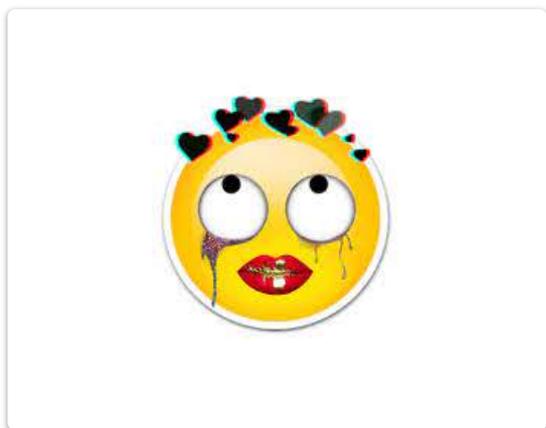
raiva

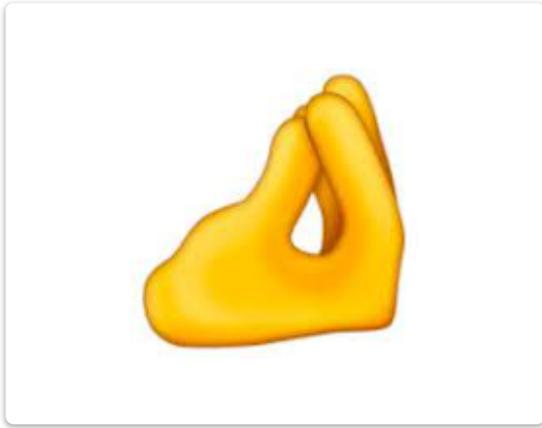


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 2: Preconceito de Bolsonaro com Nordeste precisa de freio, diz ex-governador

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

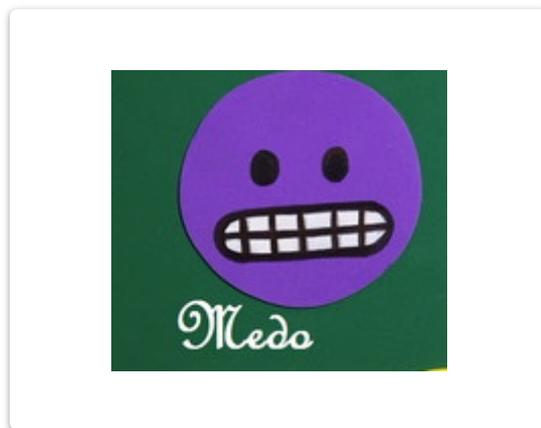
- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



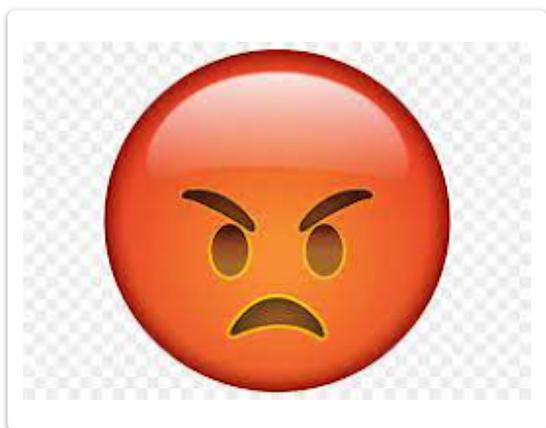
LINK COMPLETO: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/16/preconceito-de-bolsonaro-com-nordes>



ódio



medo



ira



resistência

Texto 3: Bolsonaro em 25 frases polêmicas

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a):



c. da população;
d. não sei.

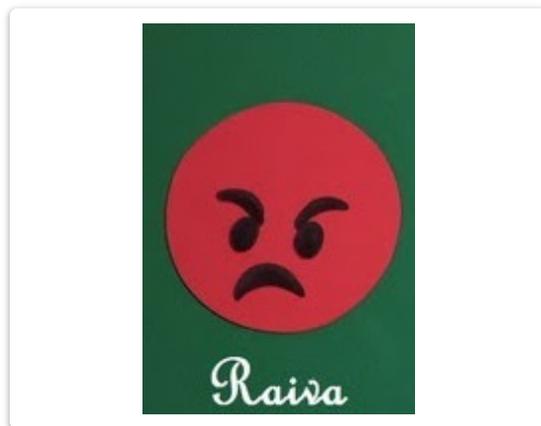
C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

a. do presidente;
b. da população;
c. seu (leitor);
d. não sei.

Link completo: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>



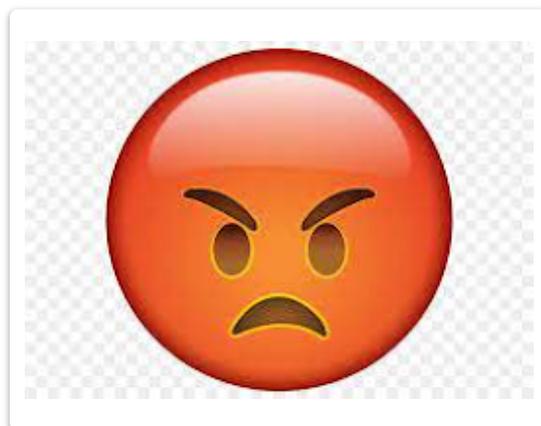
ódio



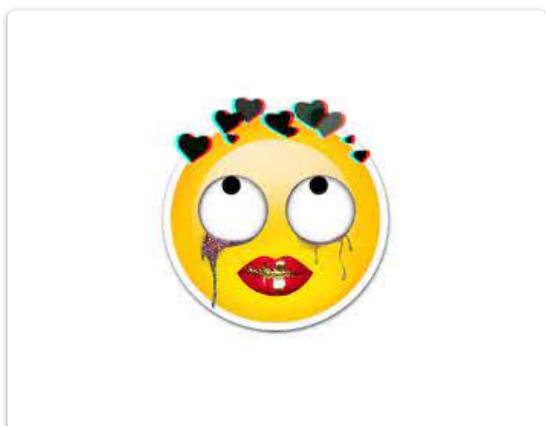
raiva



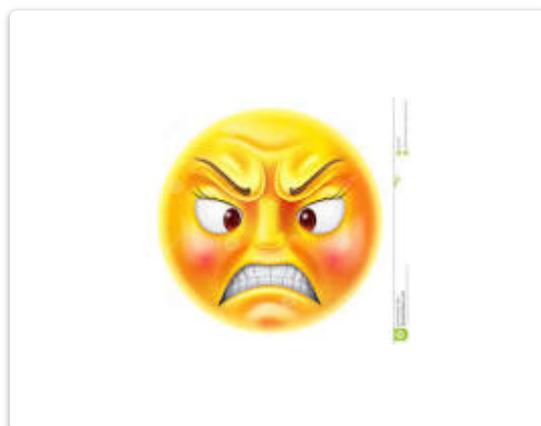
medo



ira



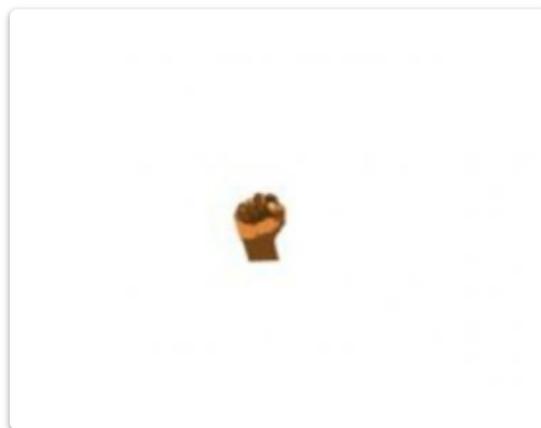
revolta



ressentimento



indignação



resistência

Texto 4: Protestos geram julgamentos: "É esse tipo de gente que está fazendo manifestação?"

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



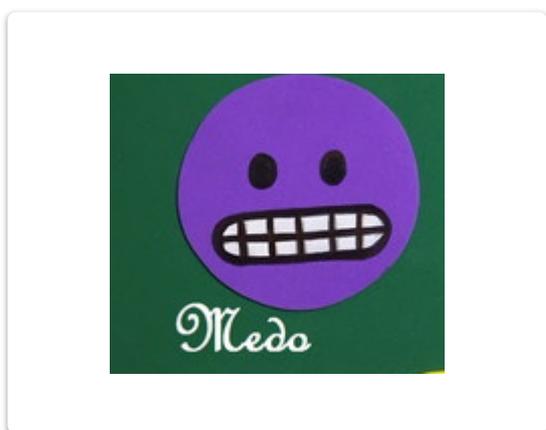
LINK COMPLETO: <https://www.oitomeia.com.br/noticias/2019/05/19/em-construcao-novas-configuracoes-a-onda-de-fake-news-e-preconceito-como-reacao-aos-protestos-pelo-pais/>



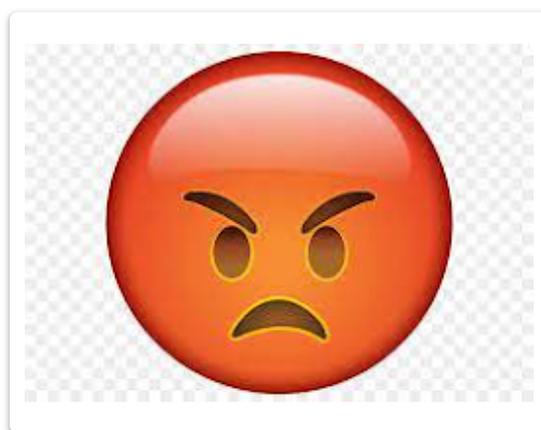
ódio



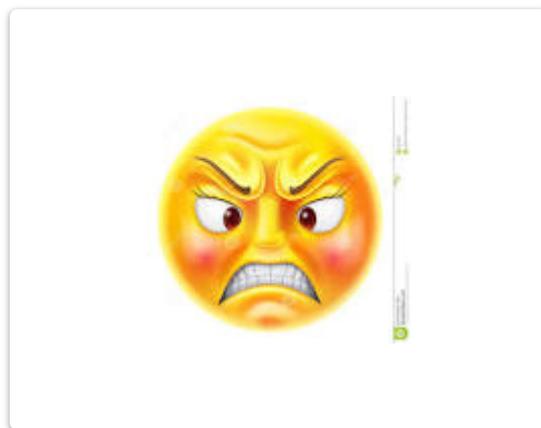
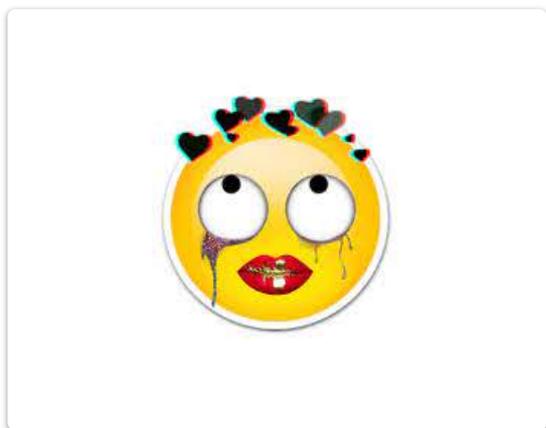
raiva

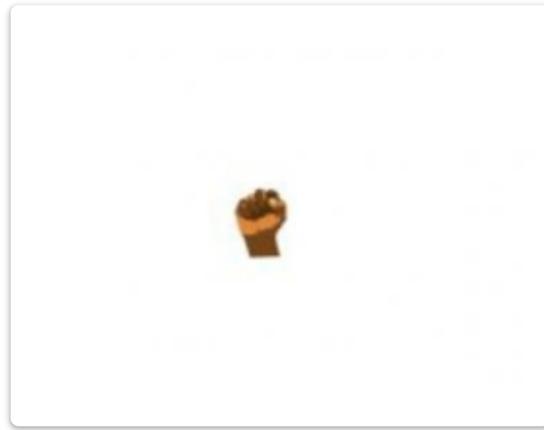
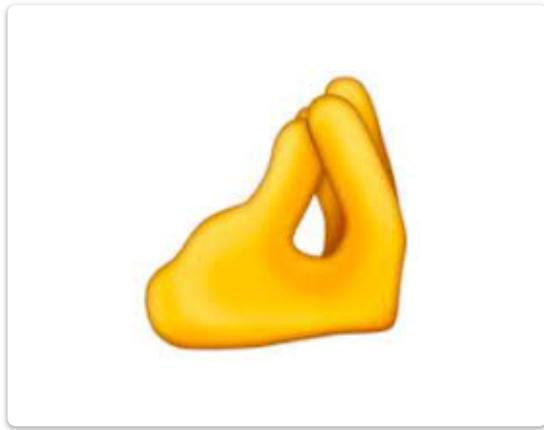


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 5: Outro vídeo aponta preconceito de Bolsonaro contra nordestinos

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



LINK COMPLETO: <https://www.brasil247.com/regionais/nordeste/outro-video-qonta-preconceito-de-bolsonaro-contra-nordestinos>



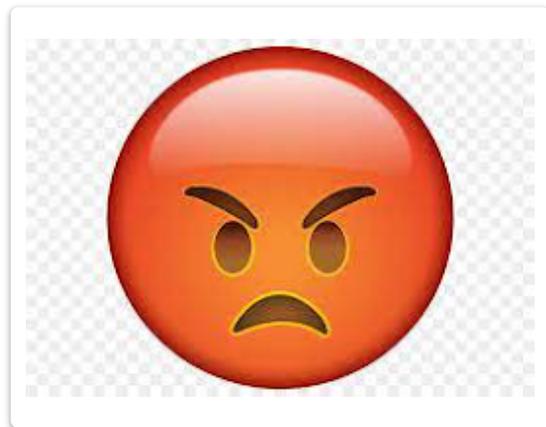
ódio



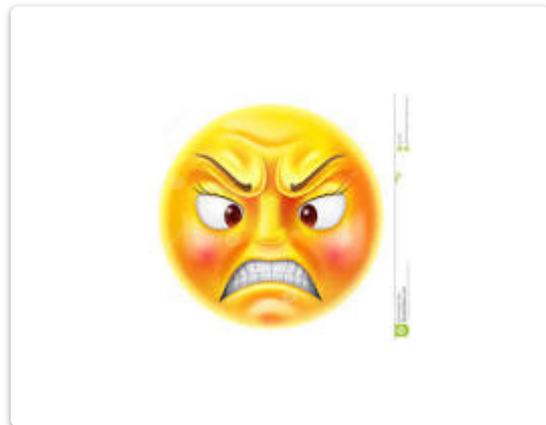
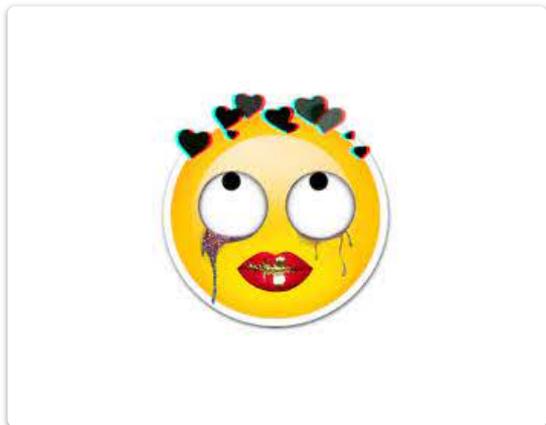
raiva

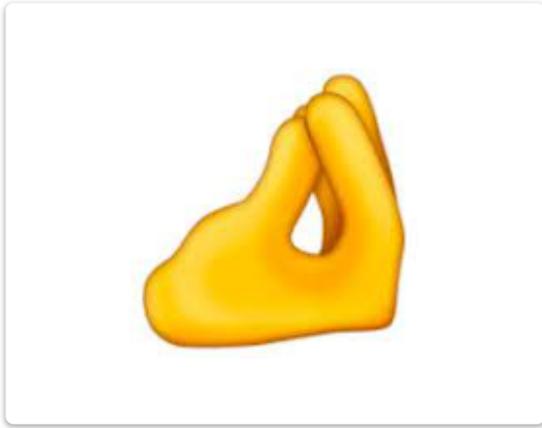


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 6: Como o ódio viralizou no Brasil

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

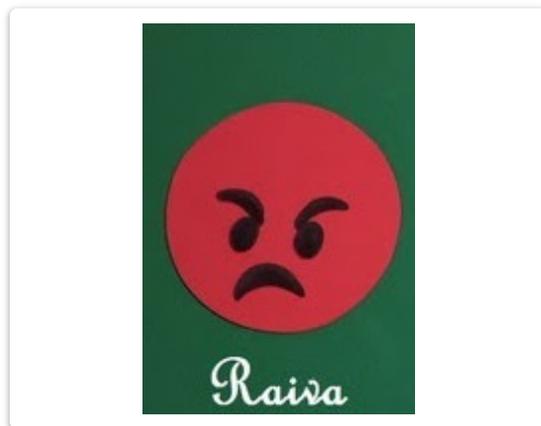
- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



LINK COMPLETO: <https://www.dw.com/pt-br/como-o-%C3%B3dio-viralizou-no-brasil/a-45097506>



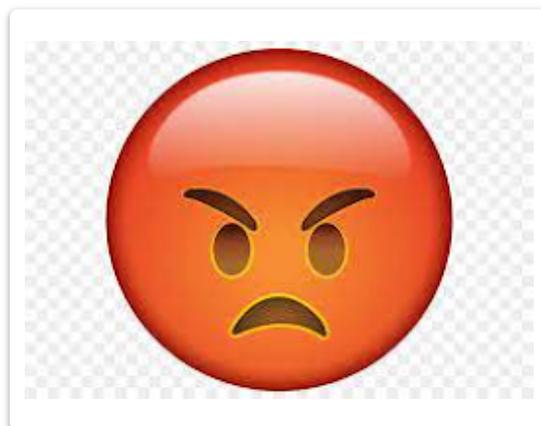
ódio



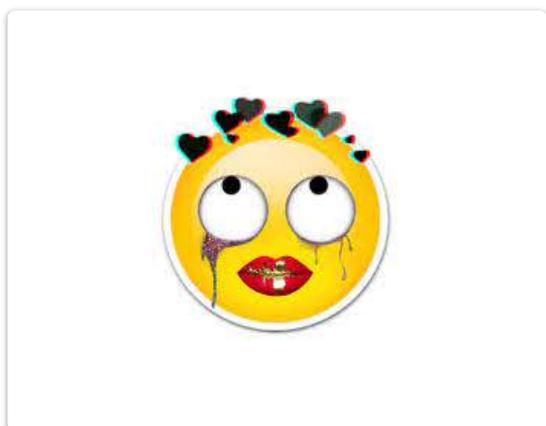
raiva



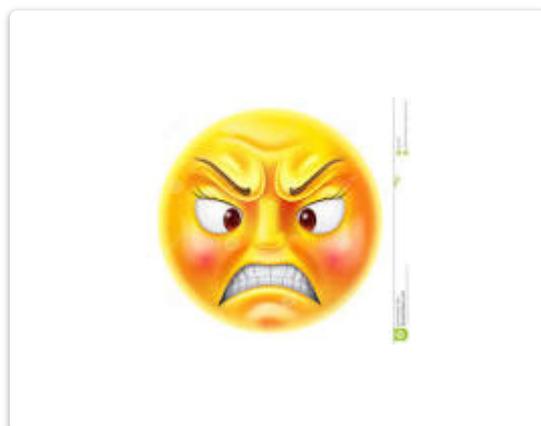
medo



ira



revolta

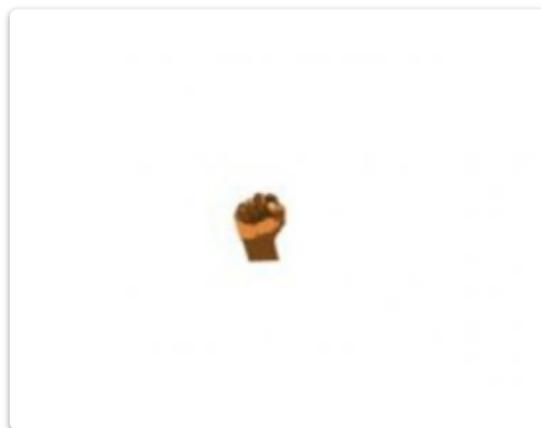


ressentimento





indignação



resistência

Texto 7: O desafio das 'fake news' nas eleições de 2018

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

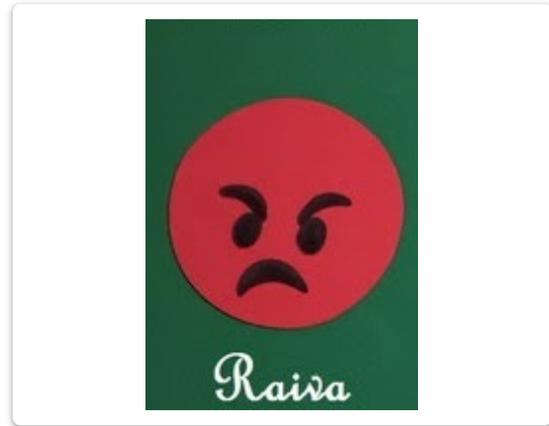
- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



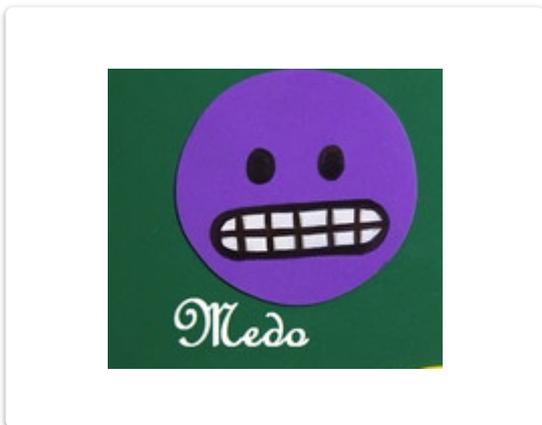
<https://www.dw.com/pt-br/o-desafio-das-fake-news-nas-eleicoes-de-2018/a-42214569>



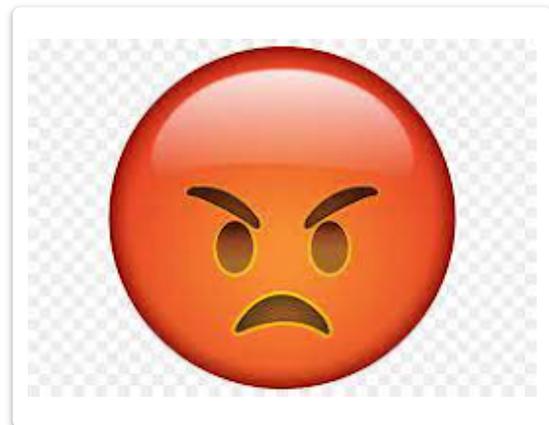
ódio



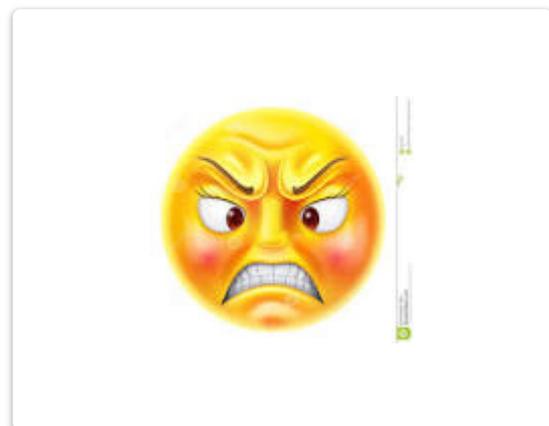
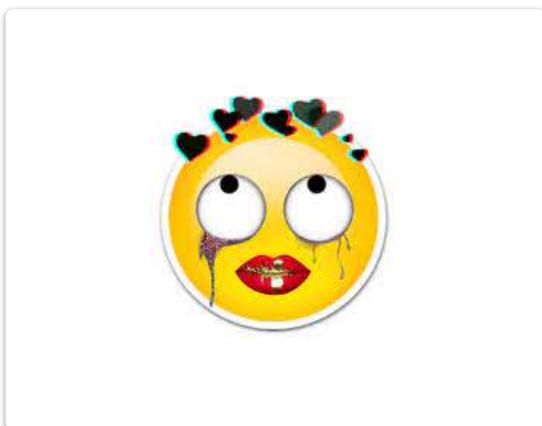
raiva

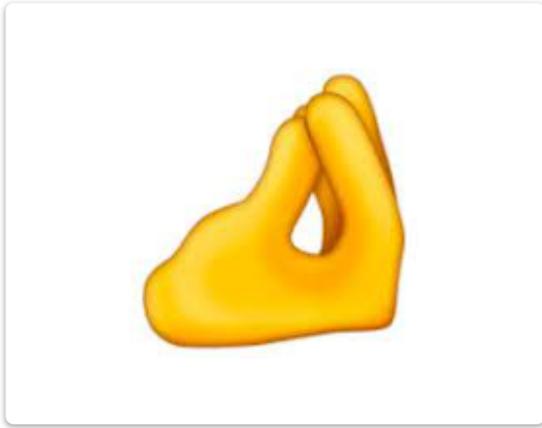


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 8: Mulheres contra a opressão

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

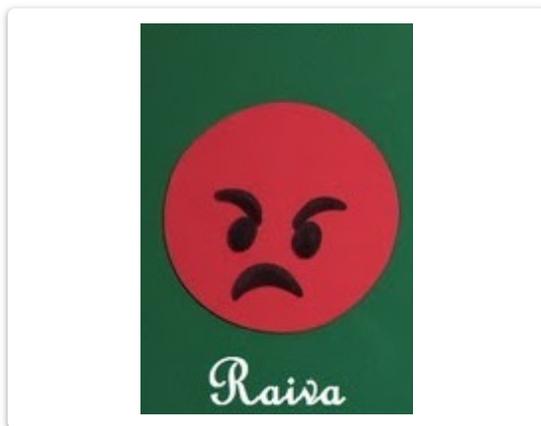
- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



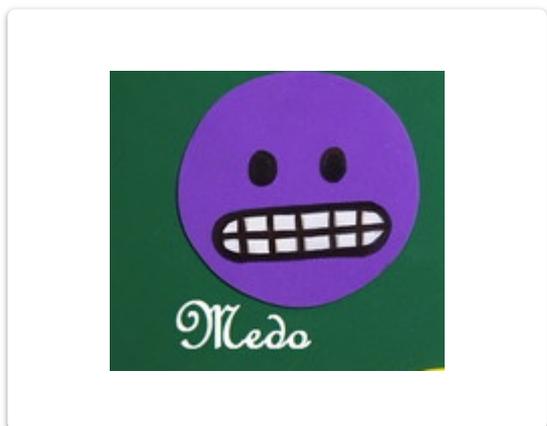
LINK COMPLETO: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/24/opinion/1537805079_256045.html



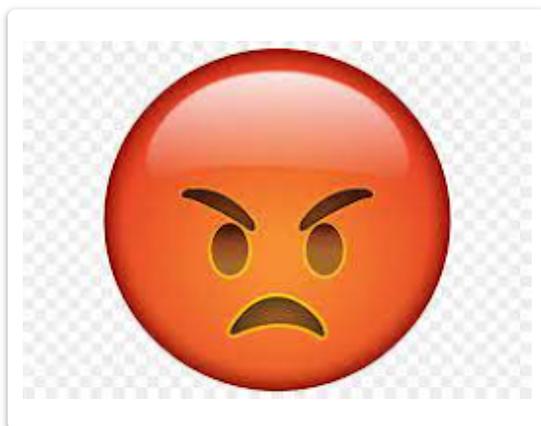
ódio



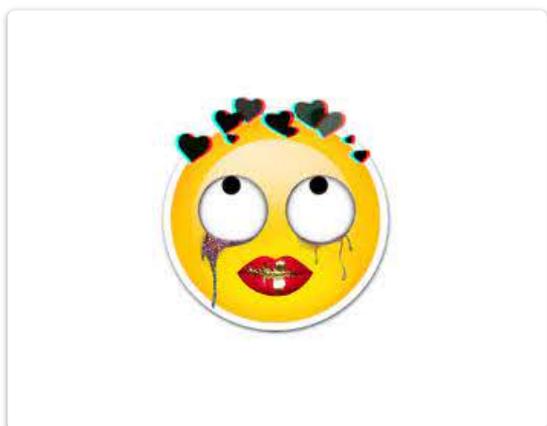
raiva



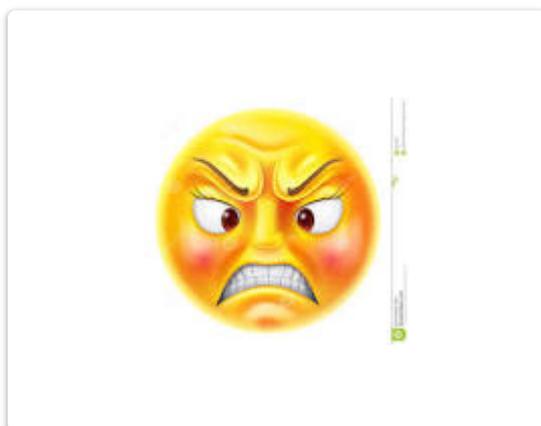
medo



ira



revolta



ressentimento





indignação



resistência

Texto 9: Desvio de Caráter: apoiar Bolsonaro não é só “questão de opinião”

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

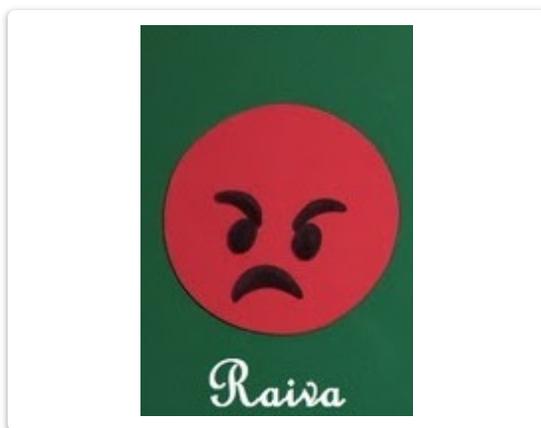
- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



Link Completo: <https://medium.com/liberdade-de-express%C3%A3o/desvio-de-car%C3%A1ter-apoiar-bolsonaro-n%C3%A3o-%C3%A9-s%C3%B3-quest%C3%A3o-de-opini%C3%A3o-22fa9f1c127a>



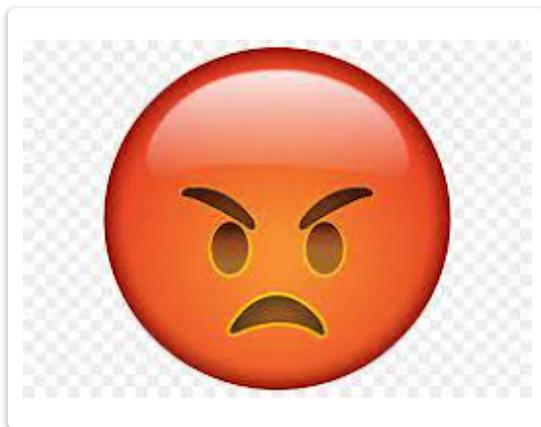
ódio



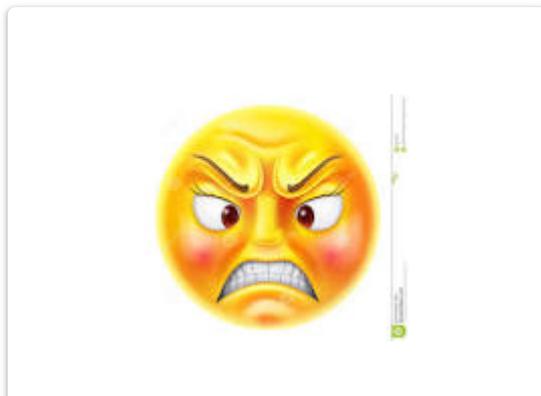
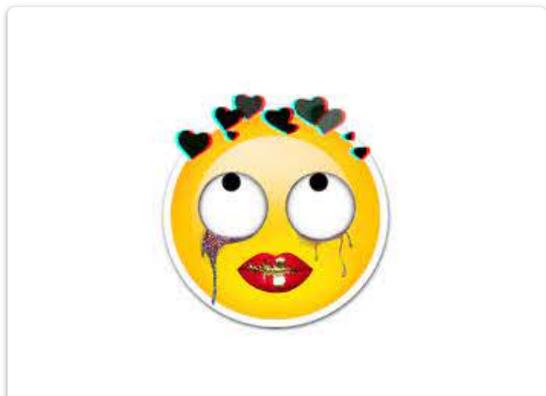
raiva



medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 10: Após ofensas a Brigitte Macron, chanceler francês diz que autoridades brasileiras estão promovendo 'concurso de insultos'

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



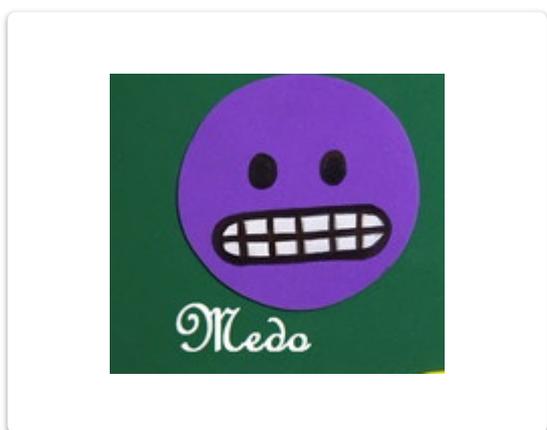
Link completo: <https://oglobo.globo.com/mundo/apos-ofensas-brigitte-macron-chanceler-frances-diz-que-autoridades-br>



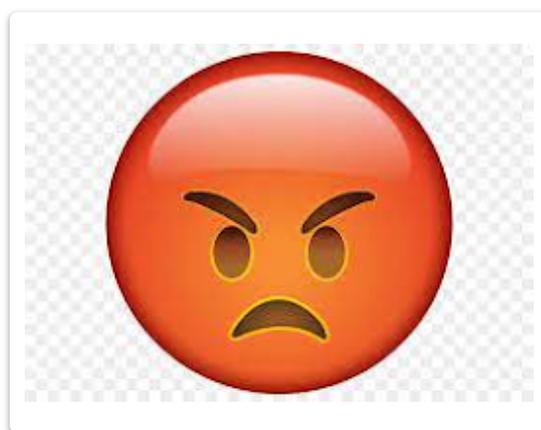
ódio



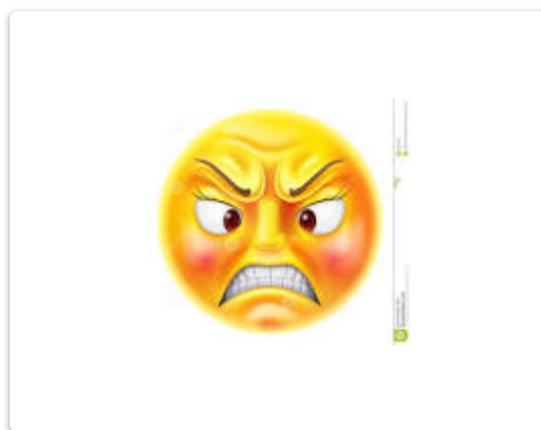
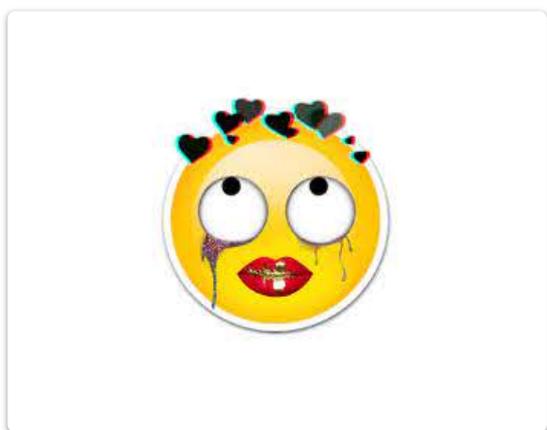
raiva

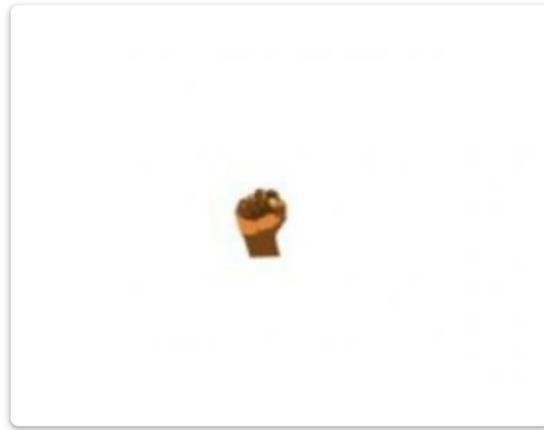
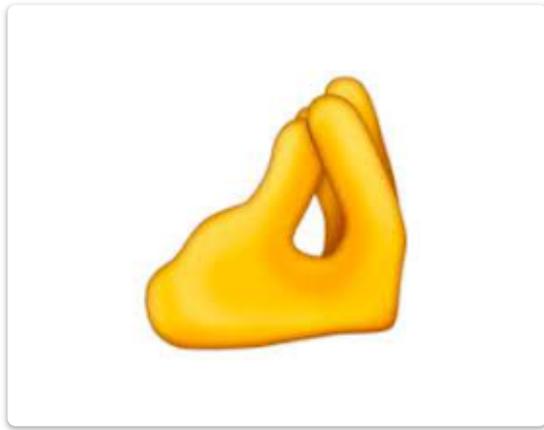


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Texto 11: Bolsonaro cita Clodovil e colega negro para rebater acusações de preconceito

A - O que você sentiu em relação

- a. ao presidente da República do Brasil;
- b. à população em geral;
- c. a você (o eu);
- d. não sei.

B - Qual a sua reação quanto à atitude do presidente

- a. sobre si mesmo (o ele);
- b. sua (leitor/a);
- c. da população;
- d. não sei.

C - Na sua opinião, qual a causa do comportamento

- a. do presidente;
- b. da população;
- c. seu (leitor);
- d. não sei.



Link completo: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/bolsonaro-cita-clodovil-e-colega-negro-para-rebater-acus>



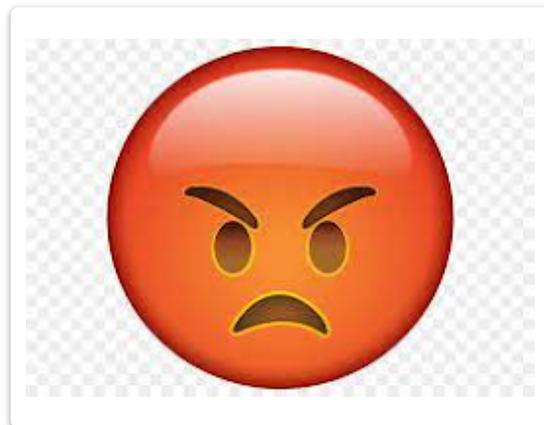
ódio



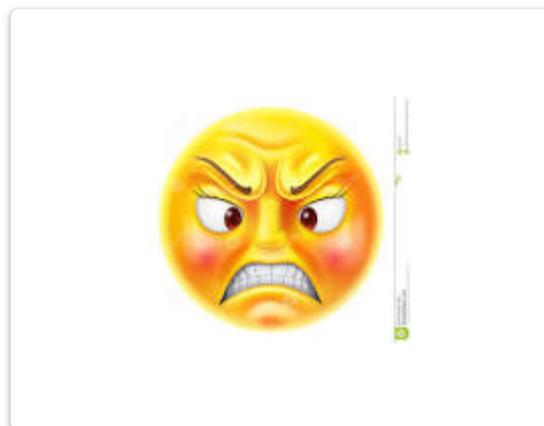
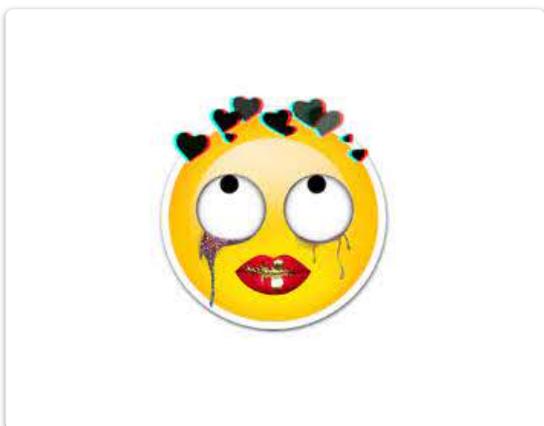
raiva



medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Charge 1: REVISTA FÓRUM

Questões:

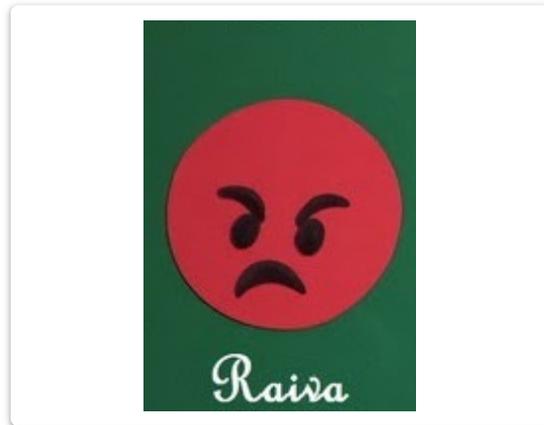
- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



LINK CHARGE: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-bolsonaro-por-latuff/>



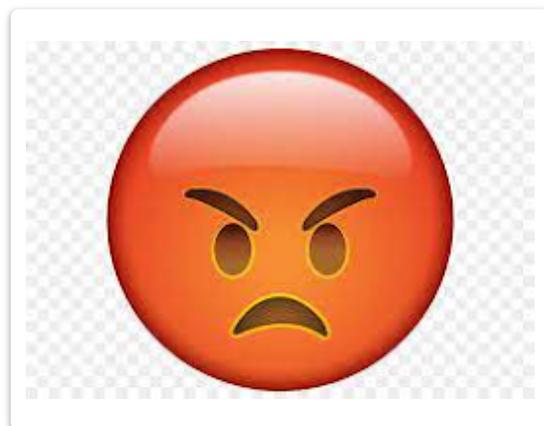
ódio



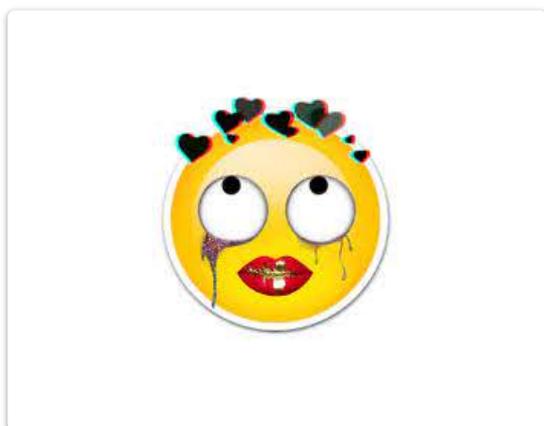
raiva



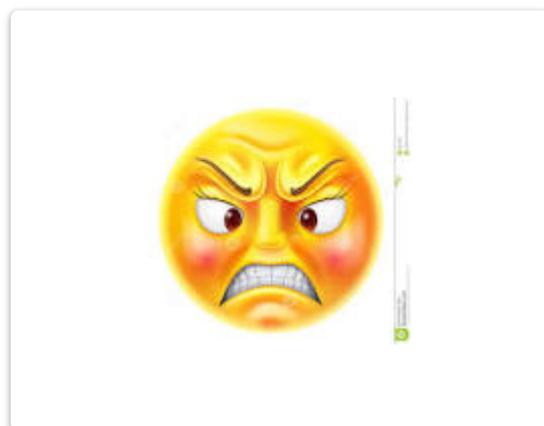
medo



ira

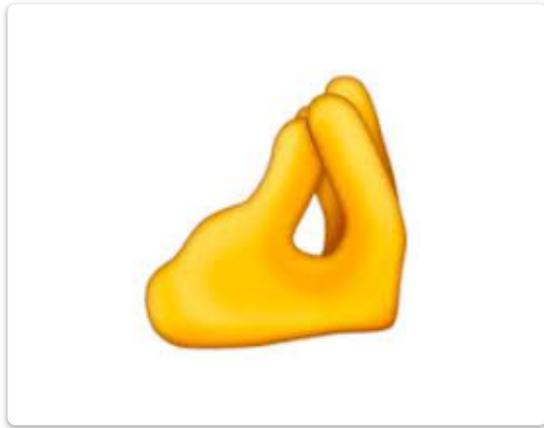


revolta



ressentimento





indignação



resistência

Charge 2: Assaz Atroz

Questões:

- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



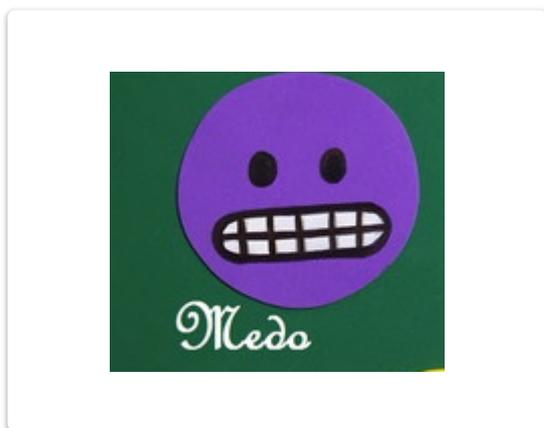
LINK CHARGE: <http://assazatroz.blogspot.com/2014/03/professor-bessa-morte-do-bailarino-o.html>



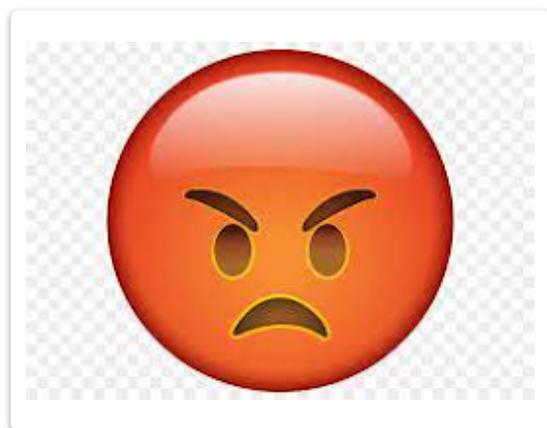
ódio



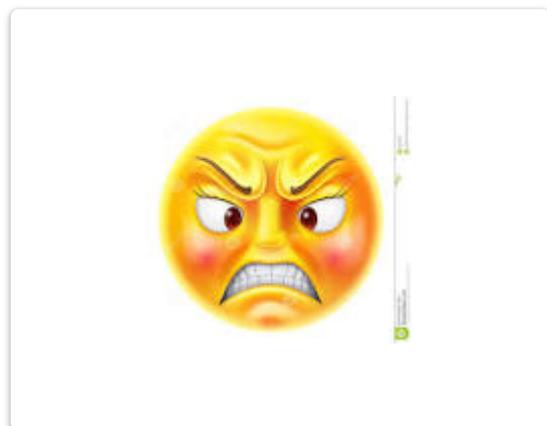
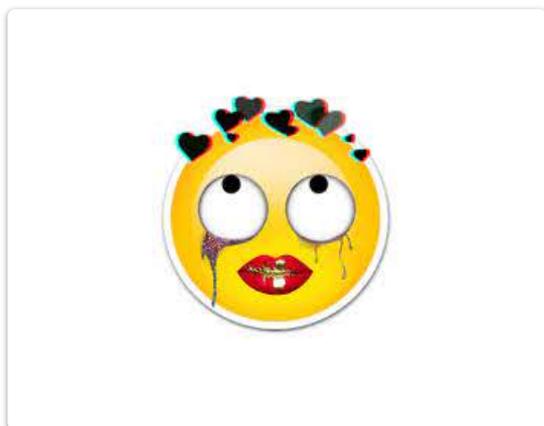
raiva



medo



ira



revolta ressentimento resistência

Charge 3: Brum

Questões:

- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



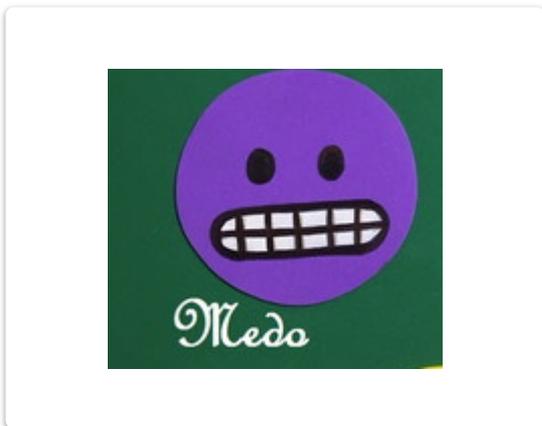
LINK CHARGE: <https://twitter.com/brummmm/status/1126449834200842240>



ódio



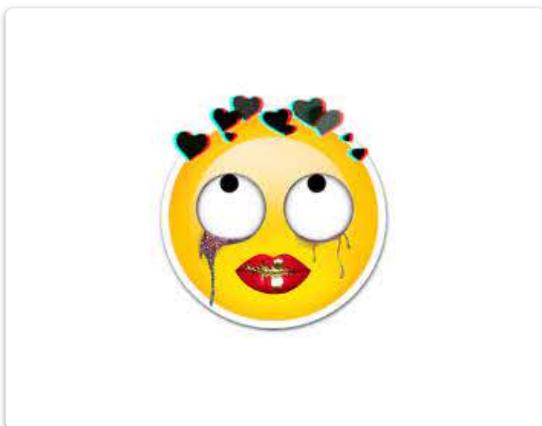
raiva



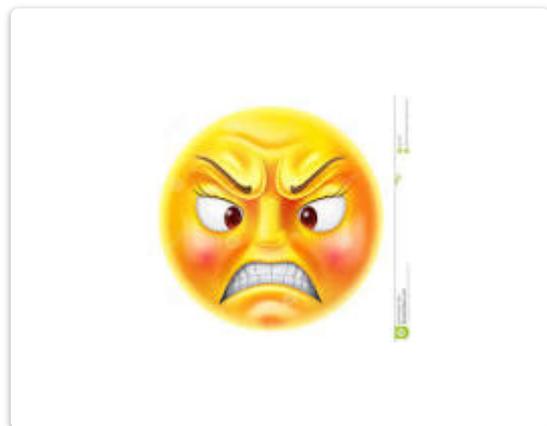
medo



ira

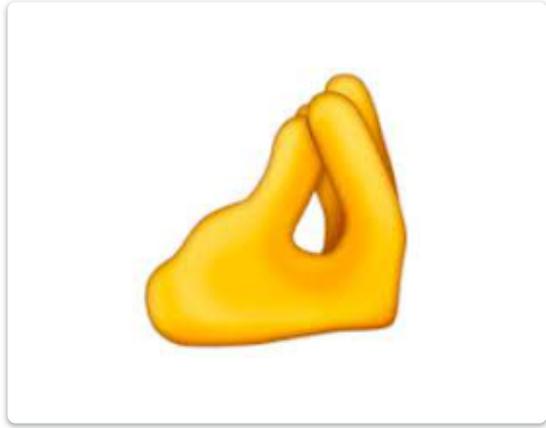


revolta



ressentimento





indignação



resistência

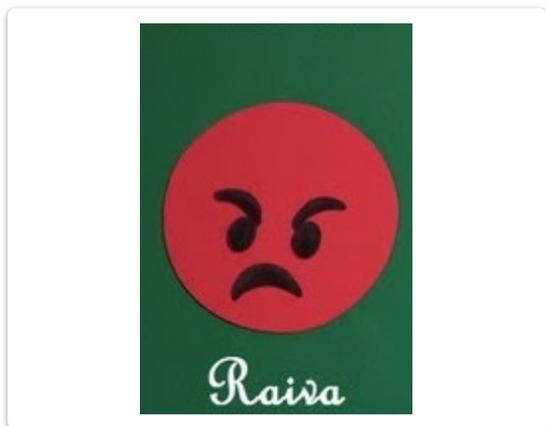
Charge 4: Eliomar de Lima

Questões:

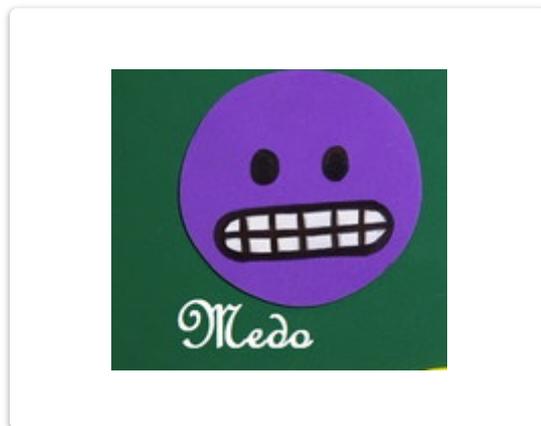
- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



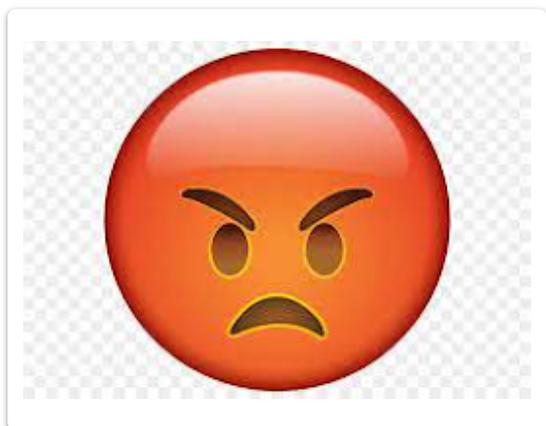
LINK CHARGE: <http://blogdoeliomar.com.br/2019/07/20/bolsonaro-e-os-paraiba/>



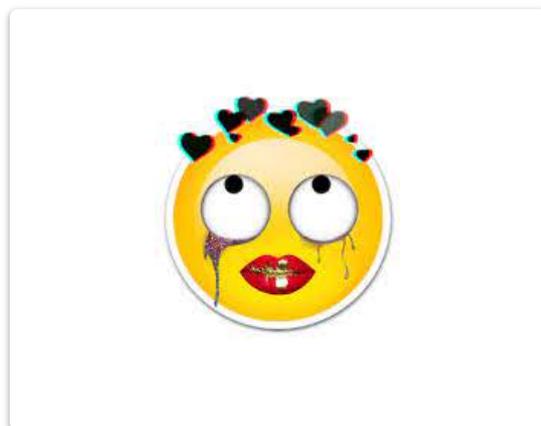
raiva



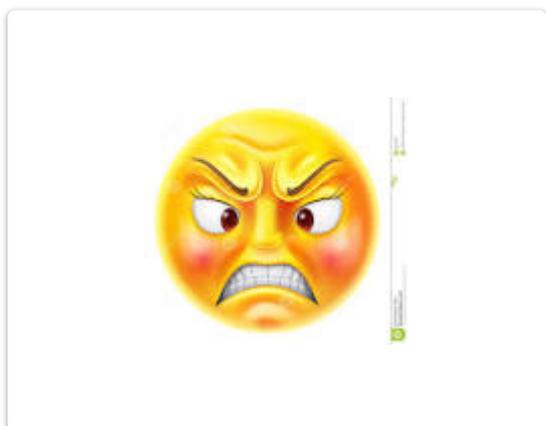
medo



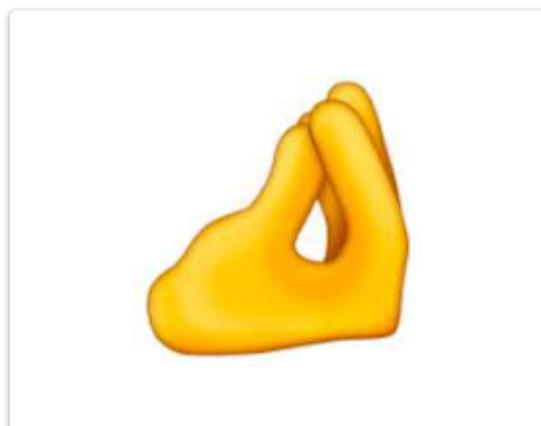
ira



revolta



ressentimento



indignação





resistência

Charge 5: medium.com

Questões:

- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



LINK CHARGE: <https://medium.com/@vasconcelosrita/mais-bras%C3%ADlia-menos-brasil-54ca79ee4cdc>



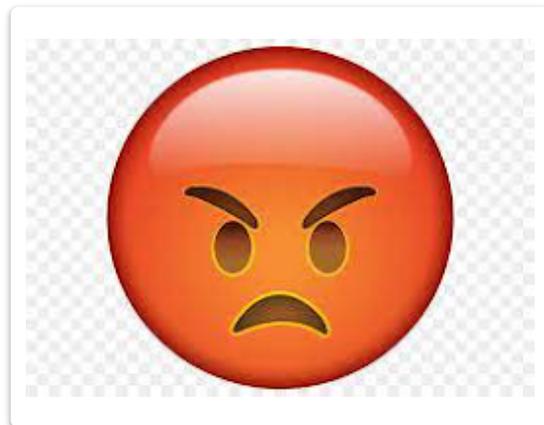
ódio



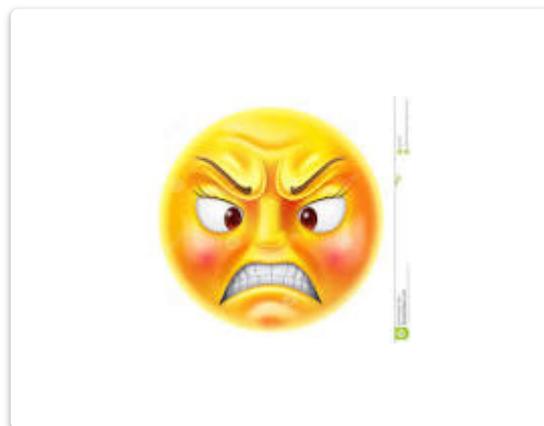
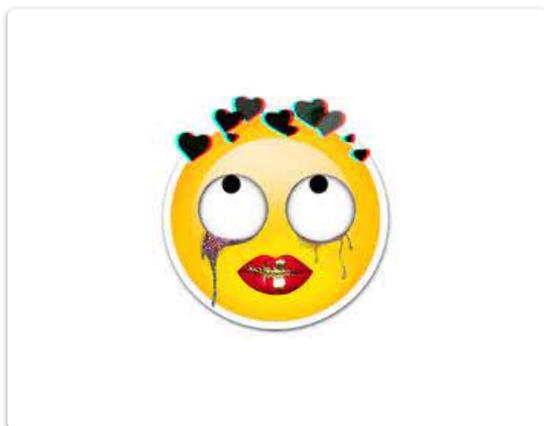
raiva

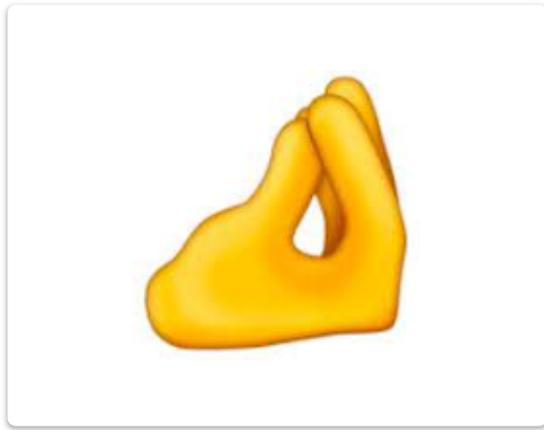


medo



ira



revolta ressentimento indignação

Charge 6: Facebook

Questões:

- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.

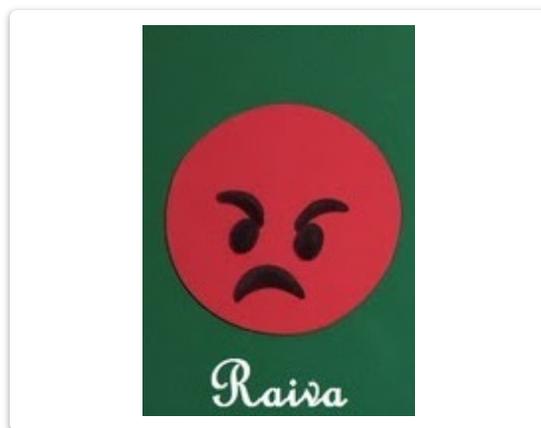


LINK CHARGE:

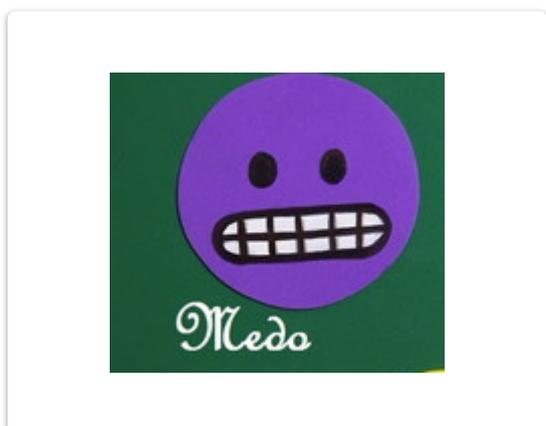
<https://www.facebook.com/marianacontipsol/photos/a.303049296528726/1104661766367471/?type=3>



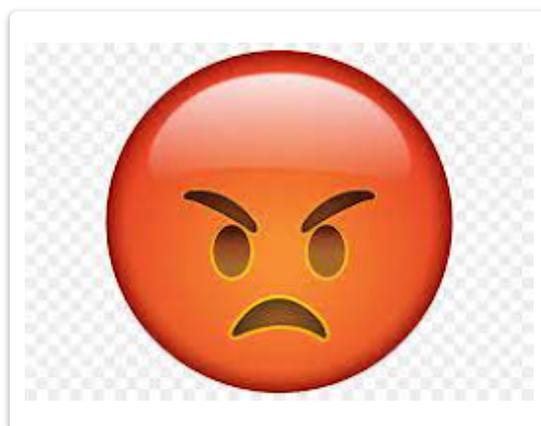
ódio



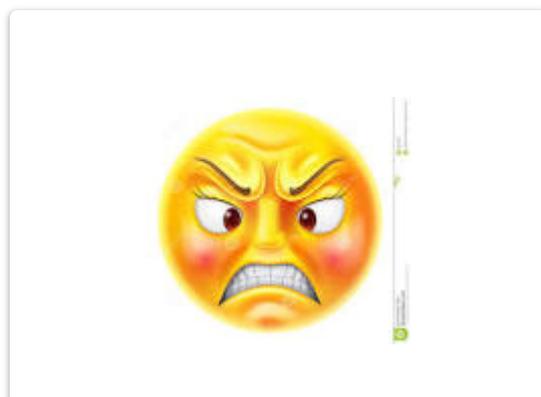
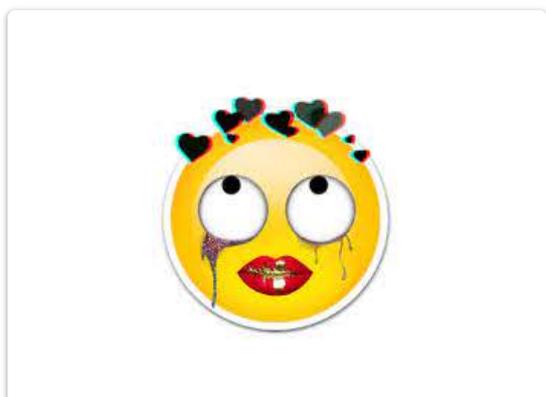
raiva

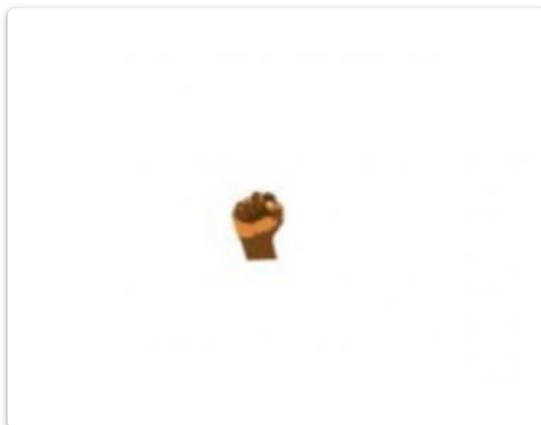
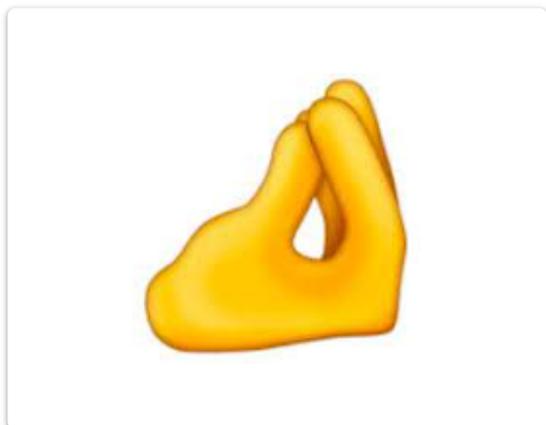


medo



ira



revolta ressentimento indignação resistência

Charge 7: blogdopaulinho.com

Questões:

- A. O que você sentiu em relação à imagem e
- o autor;
 - o sujeito (chefe do estado brasileiro);
 - o objeto da imagem;
 - não sei.



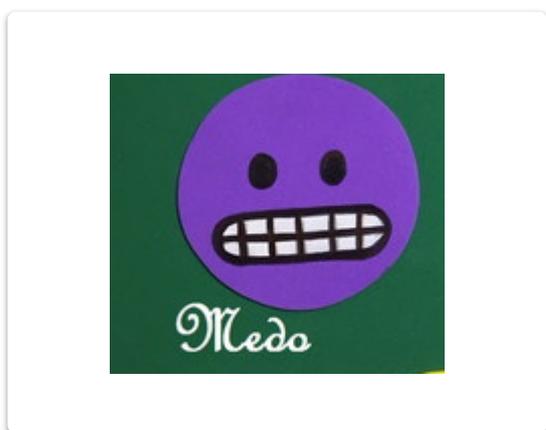
LINK CHARGE <https://blogdopaulinho.com.br/2019/05/27/manifestacoes-profissionais-e-agenda-esquerdista-marcam-pro>



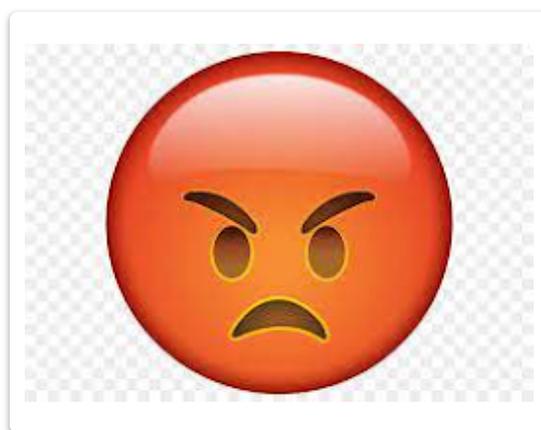
ódio



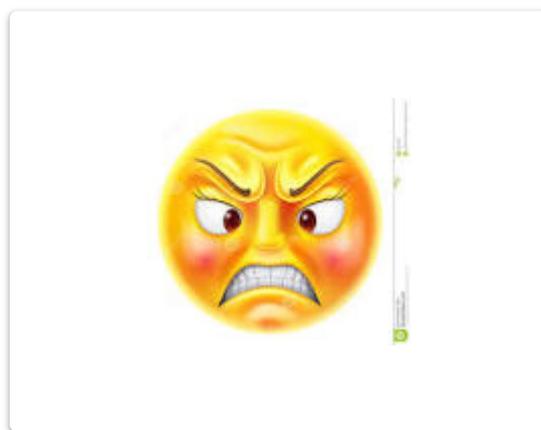
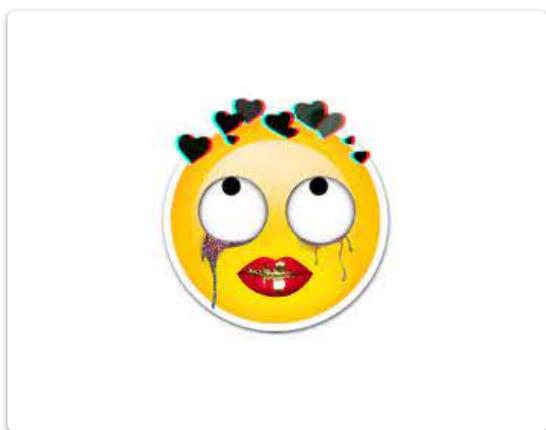
raiva



medo

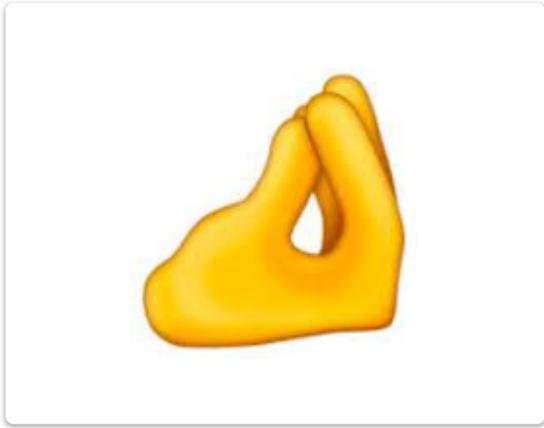


ira



revolta

ressentimento



indignação

resistência

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários





Preconceito, sentimentos, emoções e reações

Caro colaborador:

Este formulário se refere à pesquisa intitulada "Formas de interação coletiva num universo de desejos de liberdade e libertação no ambiente virtual - análise comparativa e semiótica" Convidamo-lhe a participar conosco, nesta etapa, colocando as suas respostas, de forma livre e consciente, numa maneira de rever as questões de vida no momento presente.

Por favor, responda o que desejar. Só assine se quiser e participe da forma mais natural possível.

Repasse conosco.

Muito grata!

 letrarialetraria@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



***Obrigatório**

Nome (opcional)

Sua resposta

Idade: *

Sua resposta

Escolaridade: *

Sua resposta



Cor da pele: *

Sua resposta

Preferência por:

- Artes
- Linguagens
- História
- Atualidade
- Leituras
- Internet
- Redes Sociais

1. Você acha que o preconceito e a discriminação ainda existem no Brasil? Justifique sua resposta. *

Sua resposta

2. Que tipo de preconceito e discriminação você observa no dia a dia? Explique sua resposta. *

Sua resposta



3. Você já sofreu alguma manifestação de preconceito? Qual? Explique sua resposta. *

Sua resposta

3.1.O que você sentiu? Explique. *

Sua resposta

3.2 Como reagiu? Justifique. *

Sua resposta

3.3 Quais os efeitos para seu dia a dia após essa situação? Explique. *

Sua resposta

4. Qual a sua reflexão diante das inúmeras manifestações preconceituosas do presidente Bolsonaro? Explique. *

Sua resposta

5. Como você se sente vivendo num país como o Brasil atual? Justifique sua resposta. *

Sua resposta

6. Para você, qual o principal efeito na vida das pessoas sendo "governadas" pelo presidente Bolsonaro? Explique. *



Sua resposta

7. Opinião livre (opcional)

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



As frases polêmicas de Jair Bolsonaro



Marcelo Camargo/Agência Brasil

Bolsonaro reitera que jamais estupraria Maria do Rosário, durante sessão da Câmara em outubro de 2014

“Fui ser deputado federal para não andar de ônibus, fusca, van, e morar bem.”

Ao ser perguntado por um vendedor ambulante, em agosto de 2013, se o transporte não seria melhor caso os políticos utilizassem o serviço

“Sou preconceituoso, com muito orgulho.”

Em entrevista à revista Época, em 2011

“Seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí.”

Em entrevista sobre homossexualidade à revista Playboy, em dezembro de 2011

“O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele.”

Em um debate na TV Câmara, em 2010

“Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater.”

Após o então presidente FHC segurar uma bandeira com as cores do arco-íris em defesa da união homoafetiva, em maio de 2002

“Eu não corro esse risco, meus filhos foram muito bem educados.”

Em resposta a Preta Gil, sobre o que faria se seus filhos se relacionassem com uma mulher negra ou com homossexuais, no programa CQC, da Band

“Fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Nem pra procriador ele serve mais.”

Em palestra no Clube da Hebraica, no Rio, em abril de 2017

“Não te estupro porque você não merece.”

Para a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), em dezembro de 2014

“Mulher deve ganhar salário menor porque engravida. Quando ela voltar [da licença-maternidade], vai ter mais um mês de férias, ou seja, trabalhou cinco meses em um ano.”

Em entrevista ao jornal Zero Hora, em fevereiro de 2015

“Sou capitão do Exército, minha missão é matar.”

Em palestra em Porto Alegre, em junho de 2017

“O erro da ditadura foi torturar e não matar.”

Em participação no programa Pânico, da rádio Jovem Pan, em julho de 2016

“Pinochet devia ter matado mais gente.”

Sobre a ditadura chilena de Augusto Pinochet em entrevista à revista Veja, edição 1575, de 2 de dezembro de 1998

“No período da ditadura, deviam ter fuzilado uns 30 mil corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique.”

Em maio de 1999, num programa de TV, ao defender o fechamento do Congresso Nacional

“Desaparecidos do Araguaia? Quem procura osso é cachorro.”

Para familiares de desaparecidos na ditadura, em cartaz anexado na entrada de seu gabinete na Câmara dos Deputados, em maio de 2009.

Link da matéria:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro/>



Ricardo Coutinho (PSB), que foi governador da Paraíba por oito anos

Preconceito de Bolsonaro com Nordeste precisa de freio, diz ex-governador

Chefe do Executivo da Paraíba por oito anos (2011-2018), o ex-governador Ricardo Coutinho (PSB) criticou a “violência” usada pelo presidente Jair Bolsonaro com os governadores, com o povo e com as obras do Nordeste. O principal exemplo, diz, seria o “abandono” do governo federal à transposição do rio São Francisco. “É uma discriminação odienta. É importante que as demais instituições ponham um freio nisso e atuem na defesa da democracia”, diz.

Em entrevista ao UOL, Coutinho pediu a responsabilidade ao Congresso e ao STF (Supremo Tribunal Federal) para que vetem excessos de Bolsonaro. “O Congresso pode se afirmar mais, como fez em alguns momentos, por exemplo no decreto das armas. Ele teve boa atitude, mas não estamos vivendo momento de normalidade. Não tem nada normal no que ocorre hoje”, diz.

“Em qual época na história você viu um jornal austríaco de respeito dizendo que o Brasil elegeu um idiota? Em qual época tivemos presidente brasileiro atacando a vontade soberana de um povo, como no caso do Nordeste? As coisas estão num patamar anticivil.”

O ex-governador afirma que esperava por um governo desastrado de Bolsonaro, mas o que mais chamou a sua atenção no governo foi o que chama de violência. “É a violência na palavra; nas relações institucionais federativas, internacionais; na discriminação e no preconceito. Tudo hoje está sendo movimentado em torno da violência, que é comandada pelo atual presidente da República. Todo dia sai algo de estarrecer”, disse.

Falas preconceituosas sobre o Nordeste

Nas últimas semanas, o presidente fez declarações polêmicas envolvendo o Nordeste. No dia 19 de julho, aparentemente sem saber que estava sendo gravado, ele falou ao ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni (DEM), que “dentre os governadores de ‘paraíba’, o pior é o do Maranhão. Não tem que ter nada com esse cara”

Dias após, Bolsonaro negou que tenha falado de forma pejorativa sobre os nordestinos e disse que se referiu, na verdade, ao governador da Paraíba, João Azevedo (PSB).

No dia 22, em transmissão ao vivo em seu Facebook, Bolsonaro voltou a tratar nordestinos de forma preconceituosa. Ele perguntou ao ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, se tinha “algum parente ‘pau de arara’”. Ao ministro responder que sim, ele emendou: “Com esta cabeça aí, tu não nega, não”, disse, soltando uma gargalhada.

No último dia 5, em visita a Bahia, gravou um outro vídeo em que diz: “Só tá faltando crescer um pouquinho a cabeça” para virar cabra da peste.

Para Ricardo Coutinho, os ataques não só de palavras, mas institucionais, precisam ser mais vistos pelos outros Poderes.

“*O Congresso e o STF, naturalmente, precisam ser mais presentes nesse debate. Vejo que o Executivo funciona a mil por hora, pelo menos na produção de coisas não civilizadas, e não é acompanhado pelos demais Poderes. Isso é muito perigoso.*”

Ricardo Coutinho, ex-governador.

O ex-governador diz que, por trás das falas, há interesses internacionais em atingir a soberania do país e tirar proveito de minerais, vegetação e petróleo, por exemplo.

“Em nenhum momento da história houve um presidente tão antinacional como o que aí está --e ele foi eleito com o lema ‘Brasil acima de tudo’. Essa conjuntura tem de ser vencida. Não vamos ter um processo de civilização com o atual governo, que a cada dia piora, ataca mais as instituições, não respeita mais o patrimônio que o brasileiro construiu em tantas décadas”, diz.

Ato pela transposição do São Francisco

Para Coutinho, é necessário que o Nordeste se una e lute para evitar retrocessos ainda maiores. Ele organiza um ato, em Monteiro (PB), no dia 1º de setembro, em defesa da obra da transposição do rio São Francisco.

No início do mês, reportagem do UOL mostrou que o eixo leste da transposição apresenta uma série de fissuras e rachaduras, além de ter o bombeamento de água suspenso pelo governo em fevereiro.

“Esse ato é uma convocação de partidos, lideranças, movimentos sociais. Estamos falando da mais importante obra do Nordeste setentrional, que liberta o semiárido do coronelismo. A transposição terá um impacto nas condições de vida do semiárido. A transposição se acaba por irresponsabilidade do governo e ainda coloca culpa nos outros, sendo que é dele, que não opera o sistema”, afirma.

O ex-governador esteve nas duas “inaugurações” do eixo leste, em março de 2017: a oficial, com então presidente Michel Temer; e a “popular”, dias depois, com os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

“Quem conhece a região, como eu conheço, sabe muito bem que, nos poucos meses em que a água passou pelo rio Paraíba, houve avanços. Pelo menos 1,15 milhão de pessoas estavam consumindo as águas que vêm do São Francisco. Então, o protesto é por esse profundo desprezo com que o governo vem tratando essa obra estratégica para o desenvolvimento regional. Causa revolta.”

Defesa de consórcio

Coutinho ainda defendeu o recém-criado consórcio dos estados nordestinos como instrumento de desenvolvimento. “Muitas coisas deverão ser realizadas por esse consórcio, mas é visto como péssimo olhar pelo presidente. O que talvez ele tenha não entendido é que isso está previsto no nosso ordenamento jurídico, não tem coisa mais antiga”, diz.

Na segunda-feira (12), o governador João Azevedo (PSB) defendeu o consórcio e afirmou que nunca houve intenção dos governadores da região em criar um clima de separação. Ele ainda assegurou que o governo federal cortou verbas garantidas obras federais no estado.

Com o slogan “O Brasil que cresce unido”, o Consórcio Nordeste foi apresentado no último dia 4, em Salvador, e reúne os nove estados da região. A ideia é realizar uma série de investimentos em conjunto, como a criação de uma central de compras, e fechar parcerias com entidades internacionais. Outra proposta é tentar contratar médicos estrangeiros para atuar na região.

O ex-governador acusa Bolsonaro de usar o consórcio para criar um clima separatista e aumentar a cisão do país. “Agora ele tenta construir um discurso que o Nordeste quer se separar, mas ele que tenta criar um clima de separatismo. Esse clima que corrói o país. É uma situação beligerante, de ataques a governadores, de falta de respeito. Ele tem de aceitar e respeitar, entender que as pessoas perdem e ganham eleições”, afirma.

Link da matéria:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/16/preconceito-de-bolsonaro-com-nordeste-precisa-de-freio-diz-ex-governador.htm>

Bolsonaro em 25 frases polêmicas



Eleito presidente da República, o capitão Jair Bolsonaro, do PSL, colecionou dezenas de declarações polêmicas ao longo de décadas de carreira política.

As primeiras vieram à tona ainda na década de 1990, quando fora eleito para o primeiro de seus sete mandatos como deputado federal, cargo que ocupou até se candidatar ao Planalto. Entre os alvos de seus comentários controversos estão opositores, políticas públicas – como cotas raciais – e também grupos sociais, entre eles gays, negros, mulheres e imigrantes.

Bolsonaro gerou polêmica ao se dizer favorável à tortura, ao reverenciar um coronel reconhecido pela Justiça como torturador durante a ditadura e ao sugerir que policiais que matam devem ser decorados.

Seus posicionamentos lhe renderam processos no Conselho de Ética na Câmara, diversos pedidos de cassação e condenações ao pagamento de multas por danos morais. Um dos casos o tornou réu no Supremo Tribunal Federal por prática de apologia ao crime e injúria.

Confirma 25 frases polêmicas do capitão reformado, separadas por temas.

DITADURA E TORTURA

“O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016)

Bolsonaro reiterou seu posicionamento sobre a ditadura no Brasil no programa Pânico, da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016, repetindo a mesma declaração proferida anos antes, em agosto de 2008, em discussão com manifestantes em frente ao Clube Militar, no Rio de Janeiro. O ato na ocasião protestava contra militares que se opunham a uma revisão da Lei da Anistia, a fim de levar à Justiça oficiais acusados de terem cometido crimes durante a ditadura.

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (2016)

Em votação na Câmara em abril de 2016, Bolsonaro se posicionou a favor do impeachment da então presidente Dilma Rousseff com uma homenagem ao coronel Brilhante Ustra, reconhecido pela Justiça como torturador durante a ditadura militar. Morto em 2015, ele foi comandante do DOI-Codi em São Paulo, um dos maiores centros de repressão durante a ditadura, entre 1970 e 1974.

A fala rendeu ao deputado um processo no Conselho de Ética da Câmara por quebra de decoro parlamentar, mas o caso foi arquivado meses depois.

“Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999)

Bolsonaro se referia a Chico Lopes, ex-presidente do Banco Central, que na ocasião invocou o direito de ficar calado na chamada CPI dos Bancos no Senado. “Sou favorável, na CPI do caso Chico Lopes, que tivesse pau-de-arara lá”, disse ele em entrevista ao programa Câmara Aberta, da Band.

“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.” (1999)

A declaração foi feita também no programa Câmara Aberta. Bolsonaro chegou a sugerir o “fuzilamento” do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em diferentes ocasiões. Em livro, seu filho, Flávio Bolsonaro, explica que a afirmação foi apenas uma alusão a uma declaração do avô de FHC, que teria falado em fuzilar a família real caso ela resistisse ao exílio.

FECHAR O CONGRESSO

“A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo (1999)

Discurso na tribuna da Câmara em junho de 1999. No mesmo ano, questionado no programa Câmara Aberta, da Band, se fecharia o Congresso caso fosse presidente da República, Bolsonaro respondeu: “Não há a menor dúvida. Daria golpe no mesmo dia. No mesmo dia! [...] O Congresso hoje em dia não serve para nada.”

A declaração teve impacto, e Bolsonaro foi alvo de um pedido de processo por falta de decoro e crime contra a Lei de Segurança Nacional. A ação não foi para frente.

OPOSIÇÃO

“Vamos fazer a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (2018)

Bolsonaro falava em ato de campanha no centro de Rio Branco em setembro. Com o tripé de uma câmera de vídeo, ele simulou segurar um fuzil e disparar tiros. Questionado por jornalistas mais tarde, defendeu ter se tratado de “figura de linguagem, hipérbole”. Ainda assim, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, pediu a ele que esclarecesse a afirmação.

“Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (2018)

Bolsonaro se referia aos adversários do PT, com quem disputou o segundo turno das eleições. O discurso, em vídeo, foi transmitido em um telão na avenida Paulista, em São Paulo, durante uma manifestação de seus apoiadores uma semana antes da votação de 28 de outubro.

SEGURANÇA PÚBLICA

“[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (2018)

Em entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, em agosto, o então candidato reforçou seu entendimento, declarado diversas vezes, de que “violência se combate com mais violência”, justificando que criminoso “não é ser humano normal”. Em declarações anteriores, ele já havia dito que “policial que não mata não é policial” e que a “polícia brasileira tinha que matar é mais”.

“Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil” (1992)

Sobre o Massacre do Carandiru, em 2 de outubro de 1992, em que agentes da Polícia Militar mataram 111 detentos durante repressão a uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo. A frase, uma das primeiras declarações públicas polêmicas de Bolsonaro, veio durante seu primeiro mandato como deputado federal pelo Rio de Janeiro, em resposta à comção da sociedade diante do massacre e aos protestos indignados de organizações como a Anistia Internacional.

RELIGIÃO

“Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as maiorias. As minorias têm que se curvar às maiorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (2017)

O discurso, gravado em vídeo e publicado no YouTube, foi feito durante um evento na Paraíba em fevereiro de 2017, diante de seus apoiadores.

MULHERES

“Eu jamais ia estuprar você porque você não merece” (2003 e 2014)

A frase foi dirigida à deputada Maria do Rosário (PT-RS), primeiro durante uma discussão nos corredores da Câmara em 2003, diante de vários jornalistas, depois repetida em 2014, dessa vez na tribuna da Casa. Em esclarecimento ao jornal Zero Hora na época, Bolsonaro disse que

a colega “não merece (ser estuprada) porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”.

Em 2015, o então deputado foi condenado a pagar uma indenização de 10 mil reais à parlamentar petista por danos morais. Em relação ao mesmo caso, ele é réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por prática de apologia ao crime e injúria.

“Por isso o cara paga menos para a mulher (porque ela engravida)” (2014)

Em entrevista ao jornal Zero Hora, Bolsonaro sugeriu que o Brasil tem muitos direitos trabalhistas e, por isso, é uma “desgraça ser patrão no nosso país”. “Quando [a mulher] voltar [da licença-maternidade], vai ter mais um mês de férias. Então, no ano, ela vai trabalhar cinco meses”, afirmou. “Quem vai pagar a conta? É o empregador.”

Em 2016, ele reiterou, em entrevista ao programa Superpop, da RedeTV, que “não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário”. “Mas tem muita mulher que é competente.”

“Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher” (2017)

A declaração sobre seus cinco filhos, tachada de sexista, foi umas das diversas frases polêmicas proferidas pelo então deputado do PSC durante uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em abril de 2017. Ele já havia se lançado como possível candidato ao Planalto.

GAYS

“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011)

Em entrevista à revista Playboy, Bolsonaro afirmou que “seria incapaz” de amar um filho homossexual e acrescentou que ter um casal gay como vizinho desvaloriza imóveis. “Sim, desvaloriza! Se eles andarem de mão dada, derem beijinho, vai desvalorizar”, declarou. “Não sou obrigado a gostar de ninguém. Tenho que respeitar, mas, gostar, eu não gosto.”

“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (2010)

Deputado pelo PP, Bolsonaro fez essa declaração ao programa Participação Popular, da TV Câmara, que discutia um então projeto de lei para proibir a punição corporal na educação de crianças. À época, ele fazia parte da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Casa. Conhecida como Lei da Palmada ou Lei Menino Bernardo, a regra entrou em vigor em 2014.

“90% desses meninos adotados [por um casal gay] vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza”

A afirmação, em vídeo antigo sem data, foi reproduzida durante uma entrevista de Bolsonaro no programa Agora é tarde, da Band, em 2012. Questionado pelo apresentador Danilo Gentili sobre a fonte daquele dado, o deputado diz não ter “base nenhuma”. “É indiferente”, afirma, sugerindo ser uma “tendência” que filhos de casais homossexuais sejam também homossexuais.

“Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” (2013)

Em entrevista à minissérie documental Out there, exibida pela emissora britânica BBC, Bolsonaro disse ao apresentar Stephen Fry que “a sociedade brasileira não gosta de homossexual”. “Nós não perseguimos. [...] Não gostar não é a mesma coisa que odiar. Você não gosta dos talibãs.” Gay assumido, Fry descreveu o encontro como “um dos mais estranhos e sinistros” de sua vida.

AIDS

“O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aids. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente” (2011)

A declaração foi feita em entrevista à revista Playboy. Questionado pelo repórter se ele acredita que a aids é consequência direta da homossexualidade, ele respondeu: “Em grande parte, sim. As questões de mulheres casadas que contraem o vírus, muitas vezes elas pegam pelo marido, que é bissexual e leva para dentro de casa.”

INDÍGENAS

“Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens” (2008)

O então deputado se referia ao índio Jacinaldo Barbosa, que lhe jogou um copo de água durante uma audiência pública na Câmara para discutir a demarcação da reserva indígena Raposa/Serra do Sol.

Ao longo da corrida eleitoral, o capitão reformado se mostrou diversas vezes contrário aos direitos indígenas, prometendo acabar com o que chamou de “ativismo ambiental xita”. “Se eu chegar lá, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola”, disse.

NEGROS

“Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (2017)

A afirmação, em palestra no Clube Hebraica, no Rio, rendeu a ele uma denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República pelo crime de racismo e discriminação. Em setembro deste ano, Bolsonaro acabou sendo absolvido das acusações pelo STF. A maioria dos ministros entendeu que, “por pior que tenham sido”, as declarações se inserem na liberdade de expressão. O capitão defendeu que ser contra as reservas quilombolas não é ser racista.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS

“Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista” (2011)

Em entrevista ao programa CQC, da Band, Bolsonaro afirmou ser contra cotas raciais por entender que o ingresso em universidades e concursos públicos deve ser por mérito. Em julho deste ano, no programa Roda Viva, da TV Cultura, ele reafirmou sua posição, negando que haja uma dívida histórica do Brasil com os afrodescendentes. “Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida”, afirmou. “O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro.”

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é cotadismo. Cotado do negro, cotado da mulher, cotado do gay, cotado do nordestino, cotado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018)

Dias antes do segundo turno, em entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí, Bolsonaro reiterou que a política de cotas no Brasil está “totalmente equivocada” e reforça o preconceito, referindo-se a políticas afirmativas de governos anteriores como “cotadismos”.

IMIGRANTES

“A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver” (2015)

O então deputado se referia aos “marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo” que tem pedido refúgio ao Brasil. “Os sírios estão chegando também”, afirmou, em entrevista ao Jornal Opção, de Goiás.

DIREITOS HUMANOS

“Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar” (2017)

A declaração foi outra que gerou polêmica durante sua palestra no Clube Hebraica, no Rio. Antes, em 2015, ele já afirmara que, se um dia fosse eleito presidente, “o pessoal da Anistia Internacional não mais interferiria na vida interna do país”. Em 7 de outubro, em discurso de agradecimento pela votação no primeiro turno, prometeu “botar um ponto final em todos os ativismos no Brasil”.

AUXÍLIO-MORADIA

“Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente (2018)

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo em janeiro, o então candidato respondia a um questionamento sobre o auxílio-moradia que recebia da Câmara, mesmo tendo imóvel próprio em Brasília. “O dinheiro foi gasto em alguma coisa. Ou você quer que eu preste continha: olha, recebi 3 mil, gastei 2 mil em hotel, vou devolver mil. Tem cabimento isso?”

Link da matéria:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

Protestos geram julgamentos: “É esse tipo de gente que está fazendo manifestação?”

OitoMeia ouviu especialistas para entender o porquê dessa onda de ataques a quem participa de protestos como a da quarta-feira passada

A onda de manifestações em defesa da educação da última quarta-feira (15/05) desencadeou uma série de vídeos, fotos e opiniões nas redes sociais sobre quem seriam os adeptos do movimento.

Viralizaram na internet registros de ruas cheias de lixo após as passeatas, membros dos protestos que, na opinião de muita gente, não demonstraram embasamentos nas entrevistas e vídeos o que acabou gerando comentários homofóbicos e depreciativos.

O vídeo de um rapaz sendo entrevistado durante o protesto em Teresina, dançando ao final, após responder sobre o porquê de estar ali na manifestação, viralizou. Os comentários nas redes sociais eram ofensivos. E foram feitos julgamentos sobre o perfil de quem estava na manifestação contra o contingenciamento na educação.

Não foi difícil encontrar, para o vídeo acima, comentários do tipo: “é esse tipo de gente aí que está fazendo manifestação contra o Jair Bolsonaro”. Da mesma forma há quem defenda o atual presidente da República. Ganhou contornos de uma guerra entre direita e esquerda: “Faz arminha com as mãos e paga gasolina de R\$ 5”, dizem alguns dos que se manifestam, por exemplo, a favor de movimentos como “Lula Livre”.

Aliás, durante a manifestação muitos grupos aproveitaram para fazer política partidária. Os que se dizem de esquerda e são contra o atual governo, usaram camisas vermelhas e levaram cartazes com “Lula Livre”. Os que são mais para a direita e apoiam Bolsonaro usam camisas com as cores verde e amarelo e na maioria das vezes de cor preta, com o rosto do presidente, o nome e algumas vezes com o número 17, do PSL, partido que o elegeu.

Mas afinal de contas, qual o motivo deste julgamento?! A maioria destas pessoas sabe mesmo porquê (e pelo o quê) está protestando?! É válida essa situação de esquerda contra direita, de direita contra esquerda?! A reportagem do OitoMeia procurou especialistas que possam elucidar esses questionamentos. Um cientista político e uma socióloga responderam um pouco sobre essa avalanche de ataques que tem surgido de uns tempos para cá toda vez que multidões vão às ruas no Brasil.

POLARIZAÇÃO VAI AUMENTAR



Protesto pelas ruas de Teresina na quarta-feira passada atraiu multidão e vários com bandeiras de seus partidos (Foto: Edrián Santos / OitoMeia)

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) testa seu poder de reação na primeira manifestação nacional contra o Governo em menos de seis meses no poder. Ainda com um forte capital político, o chefe do Executivo brasileiro classificou os protestantes que lutam contra o contingenciamento de 30% da

verba das universidades públicas como “idiotas úteis”, incendiando o embate. Gesto que só aumentou a revolta de estudantes e professores que estão contra o seu Governo.

Segundo o cientista político, Cleber de Deus, a polarização tende a continuar ainda mais forte. Ele destacou que a explicação para as batalhas virtuais está na mudança da política no mundo, que ultrapassa a objetividade dos meios de comunicação e se consolida no perfil caricato de políticos e cidadãos.

“Esse é um embate de alguns setores que sempre existiu transmutado pela nova mídia, e isso está cada vez menos pautado em critérios objetivos. A política perdeu substância para assumir uma conduta caricatural. O que está acontecendo no mundo todo é uma reconfiguração da política pelo advento das novas mídias. Ninguém diretamente precisa de um ator para se informar. Isso está cada vez mais forte na arena virtual. Quem estiver com maior capacidade de influenciar com argumento racional, fundamentado ou não, é quem vai conseguir a vitória do ponto de vista eleitoral e político”, declarou Cléber de Deus.

ONDA DE NOTÍCIAS FALSAS

A onda de fake news foi potencializada nas redes sociais durante a campanha das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, quando o candidato do partido Republicano, Donald Trump, saiu



Durante a manifestação em Teresina, estudantes e professores se posicionaram contra Bolsonaro e lembraram dos problemas na Uespi (Foto: Edrián Santos / OitoMeia)

vitorioso. Desde a campanha presidencial brasileira de 2018, o agora presidente Jair Bolsonaro tenta surfar nessa mesma onda e obtém sucesso, já que foi eleito com 49,2 milhões de votos. O cenário de guerra de narrativas, segundo analistas, representa uma nova configuração política que se

forma e ganha força através do advento das redes sociais.

“Qual o critério que prevalece? Não é possível dizer. A política mudou e não vai ser mais pautada pelos partidos políticos no sentido da comunicação. É um embaraço para o modelo clássico da democracia que é a separação dos três poderes. Então isso vai acontecer, infelizmente, de um lado ou de outro. Esse embate continuará, como isso vai ser solucionado? No marco regulatório da internet? É muito complicado afirmar. É um embate da política”, declarou o cientista político.

CRÍTICAS DESLEGITIMAM AS MANIFESTAÇÕES?

Já na visão da cientista social Fabíola Lemos, os ataques são tentativas de deslegitimar a mobilização da juventude. Além de ser uma manifestação de ressentimento em oposição a liberdade dos que lutam a se adaptar com as políticas e decisões do atual Governo.

“Francis Bacon falava sobre as armadilhas intelectuais que nos levam à adaptação das análises às nossas próprias conveniências. Questionar a legitimidade da luta pela qualidade do ensino público, por conta do lixo que ficou na rua é de um enorme contrassenso, quando se vive em um país que aceita a liberação indiscriminada de veneno em nossa comida e a contaminação do solo e dos rios por substâncias que vão destruir nosso ecossistema. É uma busca por justificativas para deslegitimar a reação e a irreverência da juventude”, declarou a cientista social.

LIBERDADE DE UM GAY X ESCOLA TIROS?

A população LGBTQI que esteve presente nos protestos pelo país também foi vítima de milhares de compartilhamentos com comentários homofóbicos. Segundo Lemos, esse cenário é um termômetro revelador sobre como o embate político vem ultrapassando os limites da tolerância. Assim como, expõe as limitações de cada indivíduo dentro das bolhas sociais e digitais.

“O sociólogo Zygmunt Bauman já alterava para o ‘mundo líquido’ onde escolheríamos nossas verdades segundo a lógica consumidor/mercador. Esse processo, tem esquivado o homem moderno do contraditório e de tudo o que lhe exige ações complexas, como a tolerância. Vivemos um momento tão obscuro que, muitos dos que criticam a liberdade corpórea de um gay, aceitam tranquilamente que liberem, em nosso país, aulas de tiro para crianças”, disse a socióloga.

A visão analítica preponderante deste início de mandato do presidente Jair Bolsonaro é de que esse é um caminho que todos sabem como começa, mas não sabem aonde termina. A maneira como o Governo vai responder as mobilizações é um fator que dita todo o curso. A Câmara dos Deputados chamou o ministro da Educação Abraham Weintraub para dar explicações, mas não ouve qualquer recuo do Executivo.

E NÃO ACABOU POR AÍ...

Aliados, eleitores que defendem Jair Bolsonaro acham que é hora de se manifestar a favor do atual presidente. E já marcaram a data: 26 de maio pelas ruas. Um grupo de Bolsonaroístas em Teresina está se organizando via redes sociais. Um cartaz que seria de um grupo intitulado “De Direita BR”, divulgou um cartaz na sexta-feira passada convocando: “Vamos apoiar o pacote anticrime e a nova previdência”, diz o cartaz que tem Bolsonaro em verde e amarelo e uma frase: “Ele sangrou por ti”.

As manifestações de quarta-feira passada aconteceram em mais de 160 cidades e a União Nacional do Estudantes (UNE) já convocou uma nova paralisação para o dia 30 de maio. O protesto popular, na opinião da socióloga, rompeu as bolhas da esquerda e ganhou a adesão de parte da classe média brasileira que estuda na universidade pública, eleitores e filhos de eleitores de Bolsonaro em 2018. Resta saber se o movimento pró-Bolsonaro vai demonstrar força, assim como as manifestações contra o presidente. Ou se toda insatisfação já atingiu a crista da onda.

Link da matéria:

<https://www.oitomeia.com.br/noticias/2019/05/19/em-construcao-novas-configuracoes-a-onda-de-fake-news-e-preconceito-como-reacao-aos-protestos-pelo-pais/>

Outro vídeo aponta preconceito de Bolsonaro contra nordestinos

Ao perguntar se o ministro Tarcísio Freitas tinha parentes no Nordeste, Bolsonaro falou: “você tem algum parente pau-de-arara?”; diante da resposta afirmativa do ministro, Bolsonaro emendou; “Com esta cabeça aí, tu não nega não”, indo às gargalhadas e deixando o ministro visivelmente constrangido; vídeo viraliza nas redes



O presidente Jair Bolsonaro faz transmissão ao vivo ao lado do ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, e da intérprete de libras, Elizângela Castelo Branco. (Foto: Presidência da República)

247 - Viraliza nas redes sociais nesta segunda-feira, 22, uma nova demonstração de preconceito do presidente Jair Bolsonaro contra os nordestinos.

Em transmissão ao vivo na última quinta-feira, 18, com o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, Bolsonaro tenta justificar a agressão que fez aos brasileiros que moram no Nordeste, quando chamou todos os estados de “Paraíba” e atacou o governo do Maranhão, Flávio Dino (leia mais no Brasil 247).

Ao perguntar se o ministro Tarcísio Freitas tinha parentes no Nordeste, Bolsonaro falou: “você tem algum parente pau-de-arara?”. Quando o ministro respondeu que tem família no Piauí e no Rio Grande do Norte, Bolsonaro respondeu:

“Com esta cabeça aí, tu não nega não”, disse Bolsonaro, que foi às gargalhadas ao reforçar o estereótipo de que nordestinos têm cabeça maior do que o restante da população. O ministro Tarcísio Freitas aparece visivelmente constrangido.

O deputado Paulo Pimenta, líder do PT na Câmara, criticou a atitude de Bolsonaro. “PARENTE PAU-DE-ARARA. Esse é outro termo que Bolsonaro usa para se referir aos nordestinos e ainda cai na gargalhada porque acha que isso é algo muito engraçado”, disse Pimenta pela Twitter.

Link da matéria:

<https://www.brasil247.com/regionais/nordeste/outro-video-aponta-preconceito-de-bolsonaro-contra-nordestinos>

Como o ódio viralizou no Brasil

Números sugerem que intolerância e desinformação parecem ter se naturalizado na internet brasileira. O que antes seria denunciado, hoje é curtido e compartilhado. Um sintoma não só da crise, mas de um atraso histórico.



Nos últimos 11 anos, quase 4 milhões de denúncias relacionadas a crimes de ódio na internet foram recebidas pela Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. Isso significa que, por dia, pelo menos 2,5 mil páginas contendo evidências de crimes como racismo, neonazismo, intolerância religiosa, homofobia, incitação de crimes contra a vida, maus tratos a animais e pedofilia foram denunciadas no Brasil.

Mas não é esse o dado que mais surpreende. Em 2016, o número de denúncias ultrapassou 115 mil, enquanto em 2017, despencou quase pela metade, para pouco mais de 60 mil. No primeiro ano da série histórica, 2006, o total de denúncias ultrapassou 350 mil, o que demonstra uma banalização do ódio nos últimos anos.

“De 2016 para 2017 houve queda no número de denúncias. Mas isso não quer dizer que o ódio na internet diminuiu. Pelo contrário, ele aumentou, só que hoje as pessoas não se indignam mais”, afirma Thiago Tavares, presidente da Safernet Brasil, primeira ONG do país a criar um canal anônimo para receber denúncias relacionadas a crimes de ódio online.

Para ele, o Brasil vive um momento atípico, no qual o ódio se naturalizou e é, inclusive, utilizado como plataforma política. “Hoje existe uma chapa presidencial que alimenta o ódio, o preconceito e a discriminação para captar votos e espaço na mídia”, ilustra Tavares.

Apesar de a quantidade de conteúdo de ódio circulando nas redes ser crescente, há cada vez menos pessoas dispostas a denunciar. “Muito conteúdo que antes seria denunciado, hoje é curtido e compartilhado e viraliza. Muitas pessoas que antes se indignavam com conteúdos que pregam o racismo, hoje ajudam a disseminá-lo a partir da interação nas redes sociais”, complementa.

A estratégia das autoridades brasileiras para conter a disseminação do discurso de ódio nas redes é semelhante à utilizada na maioria dos países do mundo e consiste em três passos.

Primeiramente precisa ser recebida a denúncia (que pode ser feita anonimamente online e é encaminhada ao Ministério Público, que decide sobre a investigação e instauração de inquérito); depois é solicitada a remoção do conteúdo (Facebook, Google ou outra plataforma são informados sobre a existência da página e a apagam); e, por último, ocorre a responsabilização do autor da postagem (o crime de racismo, que corresponde a 28% das denúncias, é inafiançável e imprescritível no Brasil).

O maior problema, entretanto, é que a taxa de responsabilização em geral, para crimes relacionados não só ao ódio, mas também à violência, é residual. Em 2017, dos 63.880 homicídios em território nacional, apenas 7% foram esclarecidos e somente 3% resultaram em sentença condenatória.

“Há um processo de radicalização em curso, sobretudo da juventude, e há uma crescente polarização da sociedade”, comenta o presidente da Safernet.

Em janeiro deste ano, a ONG lançou um projeto voltado para jovens de 16 a 25 anos para combater a disseminação do discurso de ódio na Internet a partir de contranarrativas. “Precisamos produzir conteúdos que também viralizem, mas que promovam a igualdade e os direitos humanos”, diz Tavares.

A proposta, em parceria com o Google e o Unicef, já percorreu quatro das cinco regiões do país e premia com bolsas no valor de R\$ 12 mil para tirar do papel projetos voltados a grupos sociais vulneráveis, como mulheres, negros e índios.

As redes sociais como propagadoras

As redes sociais facilitaram a replicação de informações de modo escalável. Com isso, proporcionaram uma infraestrutura para que as pessoas repliquem discursos, muitas vezes sem uma posição crítica. Até 2012, o Orkut, extinto em 2014, hospedava o maior número de páginas denunciadas por crimes cibernéticos. A partir de 2012, esse trono passou a ser ocupado pelo Facebook.

Para a pesquisadora de redes sociais Raquel Recuero, é muito mais fácil replicar um discurso em um momento de raiva, sem que se veja, diretamente, quem é o outro para quem se fala ou agride. A falta de contexto dá combustível a esse processo.

“Na vida off-line, há sempre um contexto que traz as informações necessárias para evitar conflitos e modular uma conversa. Tem coisas que a pessoa diz para os amigos da academia que não diz para os amigos do trabalho”, explica. Em espaços como o Facebook, haveria uma confusão dessas redes de contatos e dos espaços. “Isso significa que publicações são feitas com um determinado público em mente, mas são lidas por outros públicos. Isso gera problemas de contexto e comentários inadequados.”

Um ferramenta recente, os bots (diminutivo da palavra robot, softwares que simulam ações humanas) trabalham pela disseminação de discursos de ódio, replicando as postagens e, dessa forma, ampliando seu alcance.

“A tendência é que os ânimos fiquem mais exaltados nessas eleições e que as pessoas briguem mais por causa do contexto polarizado. Apesar disso, já há certo escalamento, pois muita gente já silenciou pessoas com as quais não concorda”, afirma a pesquisadora. “Embora a violência discursiva possa ampliar-se dentro dos grupos, não sabemos se circulará.”

O pelourinho moderno

Mulheres negras de classe média entre 20 e 35 anos e com ensino superior completo são os principais alvos de ataques racistas via Facebook no Brasil. Pelo menos 81% das vítimas do ódio virtual têm esse perfil, de acordo com um estudo recém-concluído pelo pesquisador brasileiro Luiz Valério Trindade, PHD em Sociologia pela Universidade de Southampton, na Inglaterra. “Grande parte dessas mulheres ascendeu socialmente ocupando espaços sociais que são associados a privilégios ou ambientes predominantemente brancos ou masculinos”, explica o pesquisador.

Para chegar a essa conclusão, Trindade analisou 109 páginas do Facebook e 16 mil perfis de usuários da rede social durante três anos e meio. O levantamento incluiu também 224 artigos jornalísticos que abordaram casos de racismo nas redes sociais brasileiras entre os anos de 2012 e 2016, incluindo o da jornalista da Rede Globo Maria Júlia Coutinho, que foi vítima de ataques raciais nas redes sociais em julho de 2015, e das atrizes Sheron Menezes e Tais Araújo.

A maior parte das vítimas não se sente confortável em denunciar os ataques. “Diante de uma situação de ofensa racial, a classe social exerce um papel fundamental na hora de denunciar”, afirma Trindade. Segundo ele, nos ataques dirigidos a celebridades, o tempo de identificação dos agressores pela polícia e posterior denúncia pelo Ministério Público não ultrapassa seis meses. “Em casos no qual a vítima é uma pessoa humilde e de classe social mais baixa, ela acaba desencorajada na delegacia a prestar queixa.”

Além de identificar o alvo principal do discurso de ódio, a pesquisa também constatou que 65,6% dos usuários que disseminam intolerância racial no Facebook são homens na faixa dos 20 e poucos anos.

“A crença de que o que as pessoas fazem online não tem impacto off-line é tão forte que muitos desses ofensores imaginam estarem protegidos pela tela dos computadores. A partir do momento em que os ataques virtuais entram no radar de um meio de comunicação, os ofensores tomam uma atitude para se desvencilhar da ofensa”, afirma Trindade.

Entre as possíveis ações para “limpar a barra” está a exclusão da postagem da conta na rede social, a alteração do status do perfil de público para privado ou a alegação de que a ofensa se tratou apenas de uma brincadeira. “Isso sinaliza que aquela pessoa tinha consciência de que o que ela estava fazendo não era apropriado”, conclui o pesquisador.

Em vez de educação, smartphone

Sem tradição de debate na esfera pública, boa parte da população brasileira só começou a participar do debate público de ideias quando teve acesso à internet. O maior problema, talvez, seja que essa inserção não se deu através de um processo educacional, mas pela compra de smartphones.

“Sem experiência de debate, a população começou a acessar a internet sem se preocupar com os limites da sua atuação”, opina o jornalista e doutor em ciências políticas e professor da PUC-SP Leonardo Sakamoto.

Ele também é autor do livro *O que aprendi sendo xingado na internet*, que explica, por exemplo, como funciona o padrão de distribuição de informação online e alguns dos processos que facilitam o divisionismo de opinião. Desde 2015, ele afirma ter sofrido milhares de ataques virtuais e também no mundo real.

Os episódios estão ligados com sua atuação na rede – Sakamoto também é blogueiro e diretor da ONG Repórter Brasil, especializada em comunicação e projetos sociais. “Começaram a divulgar que eu recebia dinheiro para defender o governo e que a organização da qual participo há 17 anos não existia. Esse tipo de informação falsa se dissemina e, um dia, você acaba sendo cuspid na rua, derrubado ou perseguido em supermercados”, lamenta. “As pessoas sempre deixam claro o porquê de estarem fazendo isso.”

A experiência de Sakamoto revela a estreita ligação entre notícias falsas e a disseminação do discurso de ódio. “O debate anônimo, sem fontes, desqualificado e que visa a desinformação na internet é um grande formador de opinião no Brasil. As pessoas não se preocupam com a qualidade daquilo que consomem e do que repassam desde que o conteúdo vá ao encontro daquilo que elas acreditam”, analisa. Ele compara o conteúdo online a um pedaço de carne. “No mercado, você olha o que está comprando, pergunta a procedência, sente o cheiro e toca. Na internet, o conteúdo é consumido olhando apenas a embalagem.”

Para ele, o fenômeno das fake news é apenas a ponta do iceberg de um sistema de informações comprovadamente falsas com formato que simula o estilo jornalístico com o objetivo de enganar o público ocultando a sua autoria. “Mas as pessoas não sabem a diferença entre notícia e opinião. O problema é anterior às fake news, pois as pessoas não sabem o que é news e isso atrapalha, porque o público acha que algo é mentiroso quando não concorda com uma opinião.”

No conceito acadêmico, fake news são publicações que viralizam em rede social a partir de informações comprovadamente falsas com formato que simula o estilo jornalístico com o objetivo de enganar o público ocultando a sua autoria. “Mas as pessoas não sabem a diferença entre notícia e opinião. O problema é anterior às fake news, pois as pessoas não sabem o que é news e isso atrapalha, porque o público acha que algo é mentiroso quando não concorda com uma opinião.”

Criar uma legislação para combater a propagação desse tipo de conteúdo, entretanto, não parece ser a solução. “O governo brasileiro não pode criar uma lei dizendo o que é notícia falsa. Se o fizer, é como se definisse o que é verdade e o que é mentira. Isso é o começo do fim de qualquer democracia”, observa. “Grandes empresas, como Facebook e Google, também não podem definir o que é verdade e o que é mentira”, pondera Sakamoto.

Ele defende que a qualificação do debate público é a saída mais sustentável. “Em países como a Alemanha, as pessoas estão mais preparadas para o debate público, e o medo de consumir notícias falsas é menor. No Brasil isso não acontece. Se tivéssemos um debate público mais qualificado, nós evitaríamos a propagação de ódio, intolerância e a desinformação”, opina.

Link da matéria:

<https://www.dw.com/pt-br/como-o-%C3%B3dio-viralizou-no-brasil/a-45097506>

O desafio das 'fake news' nas eleições de 2018

Enxurrada de notícias falsas nas redes levam autoridades brasileiras a discutir leis para combater o problema. Especialistas, no entanto, alertam para riscos à liberdade de expressão.



O filho do ex-presidente Lula é o dono do frigorífico JBS. A ex-presidente Dilma Rousseff tentou o suicídio ao se ver encurralada pelo impeachment. O delator Alberto Youssef foi encontrado morto na véspera das eleições de 2014. O juiz Sérgio Moro é filiado ao PSDB. Os tucanos querem acabar com o Bolsa Família.

Essas são algumas notícias falsas, ou fake news, que poluíram as redes sociais e aplicativos de comunicação como o Whatsapp no Brasil nos últimos anos. Elas muitas vezes partem de sites ou perfis que imitam o estilo jornalístico de alguns veículos da imprensa e têm como alvo personagens reais. Seu objetivo é confundir o público ou aumentar a rejeição a uma ideia ou pessoa – ou, em alguns casos, aumentar a popularidade de alguém.

Na era digital, com uso de robôs ou bots, a disseminação desses boatos ganhou ainda mais velocidade. Em alguns casos, os criadores parecem ter objetivos políticos, mas, em muitos outros, a motivação parece ser o lucro gerado pelo cliques que essas notícias sensacionalistas despertam entre os usuários.

Agora, em um ano de eleições gerais, a influência desse tipo de mentira na internet tem provocado preocupação na Justiça Eleitoral e na Polícia Federal. Não restrito ao Brasil, o fenômeno da disseminação das fake news nas redes sociais ganhou relevância em pleitos nos EUA e em países da Europa nos últimos dois anos. De acordo com pesquisa da agência We Are Social, 87,7% dos brasileiros são usuários ativos de redes sociais no Brasil e podem ser expostos às notícias falsas.

Os efeitos

Já em abril de 2016, um levantamento feito pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação (Gpopai-USP) apontou a penetração desse tipo de conteúdo. Três das cinco notícias mais compartilhadas pelos brasileiros no Facebook durante a semana decisiva do impeachment eram claramente falsas. Eram matérias com títulos como “Presidente do PDT ordena que militância pró-Dilma vá armada no domingo: ‘Atirar para matar’” que foram originadas em sites com nomes como Diário do Brasil e Pensa Brasil.

Em setembro de 2017, o Gpopai-USP apontou que 12 milhões de perfis online compartilham regularmente notícias falsas nas redes sociais no Brasil. Nem todos os perfis são de pessoas reais. Muitos são os chamados bots, mantidos por programas automáticos. Um estudo da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV apontou que esses perfis pré-programados foram responsáveis por mais de 20% das interações no Twitter relacionadas à greve geral de abril de 2017.

O pesquisador Pablo Ortellado, coordenador do Gpopai-USP, aponta que ainda é difícil de mensurar o efeito que tais mentiras podem ter nas eleições deste ano, mas alguns levantamentos oferecem pistas. No protesto contra Dilma Rousseff de 12 de abril de 2016, que reuniu 100 mil pessoas na avenida Paulista, em São Paulo, 71% dos entrevistados pelo grupo apontaram crer que o filho de Lula era dono da Friboi e 53% disseram que a facção criminosa PCC era um braço armado do PT. Mas o fenômeno não é restrito ao universo antipetista. “O mesmo se repetiu em protestos contra a reforma da Previdência, onde um percentual elevado disse acreditar que o juiz Moro é filiado ao PSDB e que a CIA estava por trás dos protestos de 2013”, disse Ortellado.

O combate

Em novembro, um relatório da Comissão Europeia apontou com preocupação que a maioria dos Estados-membros da União Europeia não possui legislação específica para combater as fake news. O membro mais avançado nesse sentido é a Alemanha, que no ano passado aprovou uma lei para combater o discurso de ódio na internet e fake news de conteúdo abertamente ofensivo e ilegal. A iniciativa foi apelidada de “Lei do Facebook”. A França estuda fazer o mesmo.

No Brasil, a Justiça Eleitoral e várias autoridades policiais também defendem a criação de legislação específica. O secretário-geral da Presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Luciano Fuck também defendeu o mesmo. “É assunto novo em todas as principais democracias e estamos tentando nos antecipar.”

O TSE formou recentemente um conselho consultivo que inclui o governo e órgãos de inteligência para abordar o tema nas eleições. Um dos objetivos é elaborar a sugestão de uma lei sobre o assunto. Órgãos como a Abin e setores de inteligência do Exército devem tomar parte na iniciativa e ajudar a identificar fake news durante a campanha.

Dados da polícia mostram que é de fato difícil chegar aos autores de notícias falsas. Um dos primeiros inquiridos do país que envolveu fake news e eleições se arrastou por quase três anos. A investigação começou na campanha de 2014, após a disseminação de um boato de que a reeleição do governador do Espírito Santo, Paulo Hartung (MDB) estava ameaçada. Após dezenas de entrevistas e um vagaroso trabalho de rastreamento, o autor da mentira, um empresário, acabou sendo indiciado por dois crimes eleitorais.

Assim como no Brasil, a Comissão Europeia montou um grupo de trabalho. Uma das tarefas iniciais será a de elaborar uma definição de fake news, uma expressão que pode ter diferentes significados dependendo do ator que a evoca. Ativistas de movimentos extremistas, por exemplo, usam rotineiramente o termo para desacreditar reportagens de veículos respeitados da imprensa.

Os problemas

Especialistas, no entanto, apontam que mais legislação não é a solução para o problema e que iniciativas do gênero podem flertar com o autoritarismo e acabar cerceando a liberdade de expressão. “É difícil até mesmo definir o que é fake news. A linha é muito tênue. Uma matéria que foi elaborada em boa fé, mas que contém distorções ou erros pode ser enquadrada? E se o problema é só com a forma, um título mais chamativo que contenha imprecisões?”, questiona Ortellado. “Existem diversos graus que separam uma notícia exagerada de uma mentira deslavada. Ainda existe o problema do volume e como verificar tudo.”

Yasodora Córdova, pesquisadora da Digital Kennedy School, da Universidade Harvard, nos EUA, vê com desconfiança iniciativas estatais para conter as fake news que passam pela retirada e censura de conteúdo nas redes sem qualquer discussão. “Existe um desejo de regular o discurso em redes sociais que não é antigo. Vários congressistas, associados às autoridades policiais e militares, buscam maneiras de rastrear e punir cidadãos que falem mal de políticos online. Mas com as fake news, até certos grupos mais progressistas caíram na tentação de colocar a culpa do discurso extremista em redes sociais dando a desculpa perfeita para que autoridades e políticos proponham a censura como solução para o problema dos boatos e mentiras”, disse.

Tanto Ortellado quanto Córdova afirmam que é melhor nenhuma legislação extra do que iniciativas que podem corroer a liberdade de expressão, mesmo que isso signifique conviver por enquanto com algum grau de fake news. “A resolução do problema pode passar pela modernização do judiciário e diminuição na demora do julgamento de denúncias de descumprimento da lei eleitoral. Um reforço das penas para partidos e políticos que fizerem o uso de notícias falsas, ou roubo de identidade, ou até robôs ilegais, com consequências como perda do mandato, também podem servir como parte da solução”, disse Córdova.

Ela também aponta que seria eficiente proibir a prática do zero rating – termo que define a prática de operadoras em disponibilizar acesso gratuito a determinadas redes sociais ou apps de mensagens. “Ela dá ao Facebook e ao Whatsapp a preferência desleal no uso da Internet. Como eles são de uso gratuito, sem consumo da banda contratada, o eleitor tende a ficar nessas redes e não consultar os sites de políticos para ver propostas, ou checar notícias, etc. Até mesmo uma consulta no Google pode ficar mais cara do que abrir um perfil no Facebook”, afirmou Córdova.

Córdova também criticou a solução alemã para o problema. “Na Alemanha o que aconteceu foi que a regulamentação colocou no colo das plataformas a responsabilidade por julgar se é uma notícia falsa ou não. Não podemos correr esse risco no Brasil. A responsabilidade sobre o conteúdo postado em plataformas não é do provedor de serviços, segundo o Marco Civil. Não acredito que o combate a rumores e boatos, bem como notícias falsas, passe pela censura imediata, sem o devido debate e julgamento próprio”, disse.

Já Ortellado aponta que as fake news são o sintoma de um problema mais amplo, e não o problema em si. “A polarização contribui para sua criação e disseminação”, disse. “A gente precisa de mais transparência nas plataformas, mas também muita campanha de conscientização entre os usuários, de mais consciência crítica. A difusão dessas notícias depende de nós, que estamos muito polarizados e apaixonados por nossas posições. Nesse ponto, as fake news fazem parte da guerra política. A solução ampla é educar os usuários e a população. Temos um problema real, mas uma regulamentação estatal pode ter um efeito ruim sobre a liberdade de expressão”, conclui Ortellado.

Link da matéria:

<https://www.dw.com/pt-br/o-desafio-das-fake-news-nas-eleicoes-de-2018/a-42214569>

Mulheres contra a opressão



Analistas do bolsonarismo acreditam que, para seus eleitores, ele é um grito contra o que não funciona e contra o desamparo, ou mesmo contra a precariedade das respostas da democracia para os problemas concretos da vida cotidiana. A candidatura de Jair Bolsonaro também representaria o voto do antipetismo, esse sentimento que ganhou força a partir de 2013 e, em 2015, virou ódio. Ao se posicionarem contra o que o candidato de extrema direita representa, o movimento "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro", que abriga quase 3 milhões de brasileiras em sua página no Facebook, denuncia justamente a impossibilidade do voto em Bolsonaro como um voto "antissistema". O que essas mulheres apontam é que não há nada mais a favor do sistema do que Bolsonaro. Votar nele é votar no que nunca prestou no Brasil, mas sempre existiu. Ou na volta dos que nunca partiram.

É possível votar em Bolsonaro. Pode ser considerado por muitos imoral ou mesmo antiético, já que ele defende abertamente a violência contra os grupos mais frágeis, como mulheres, negros, gays, camponeses e indígenas. E incita a violência num dos países mais violentos do mundo. Mas, se você pensa como ele, faz todo o sentido votar naquele que representa o seu pensamento. É isso, afinal, a democracia. Por mais que para alguns seja difícil aceitar, Bolsonaro e seu autoritarismo são também um produto das contradições da democracia. Bolsonaro é um fenômeno da democracia, não fora dela.

Só não é possível votar em Bolsonaro afirmando que está votando para mudar ou votando como protesto contra tudo o que está aí. Aí não. Essa afirmação desaba logo no primeiro olhar. Votar em Bolsonaro é justamente votar a favor de tudo o que sempre esteve aí. Ou que sempre esteve aí por mais tempo do que qualquer outra coisa.

1) Bolsonaro e os novos coronelismos rurais e urbanos

Não é uma coincidência que as velhas (e também as novas) oligarquias rurais, ligadas à violência no campo, têm em Bolsonaro o seu candidato estampado nas caminhonetes. As forças que Bolsonaro representa atravessam a história brasileira. Às vezes com mais, às vezes com menos poder político. São essas forças que tornaram o Brasil um dos países mais desiguais e mais violentos do mundo.

Bolsonaro não dialoga apenas com a ditadura civil-militar que governou o país pela força de 1964 a 1985. Ele dialoga antes com figuras e forças muito mais antigas e fundadoras do Brasil. Bolsonaro dialoga com o coronelismo que marcou o Brasil rural e que, de muitas formas, permanece até hoje. Mas atualizado, já que nada atravessa as épocas sem adquirir novas nuances e agregar novos protagonistas.

Como fenômeno, Bolsonaro faz uma síntese entre a parcela golpista do militarismo profissional, representada pelo seu vice, o general reformado Hamilton Mourão, e o coronelismo político de um Brasil rural que usa o "agronegócio" como roupage de modernização, mas que mantém as mesmas práticas violentas no campo. Para estes, o Brasil será sempre uma grande fazenda e a luta será sempre para privatizar o que ainda há de terras públicas e coletivas no país. Essas duas forças se conectaram durante vários momentos da história brasileira. Como hoje.

Em regiões como o Norte e o Centro-Oeste do Brasil, este coronelismo não representa as velhas oligarquias rurais do século 19 e primeira metade do século 20, mas novas oligarquias que se constituíram na segunda metade do século passado, tanto durante o processo de expulsão e massacre dos indígenas, para liberar suas terras ancestrais para projetos da ditadura, quanto na grilagem (roubo de terras públicas) de vastas porções de floresta, um processo que segue em curso até hoje e ganhou novo fôlego nos últimos anos.

Parte da grilagem promovida já no século 21 foi legalizada no governo Temer, que tem na "bancada ruralista" sua principal fiadora. Mas, se garantirem e garantirem o governo, estes coronéis e seus representantes no Congresso nunca cogitaram votar no candidato do MDB ou do PSDB, mesmo que este seja o partido com que marcam seu poder local ou regional. São eleitores de Bolsonaro desde que ele despontou como candidato.

Agregada aos novos e velhos coronéis, aparece a parcela urbana e mais barulhenta do Brasil evangélico, que usa as palavras com muita competência. A começar pela própria denominação religiosa. Ao transformarem o que é uma brutal disputa de poder em uma guerra do bem contra o mal, parte das lideranças encobre com o discurso religioso aquilo que é político. As críticas a essas lideranças evangélicas são lidas como uma crítica aos evangélicos como grupo religioso, colaborando para discriminar setores da população que já são historicamente discriminados. É deste truque que alguns líderes abusam. Chamar sua bancada no Congresso de "bancada da Bíblia" só os ajuda nessa transmutação da política em religião.

Os evangélicos são um grupo muito heterogêneo e com posicionamentos morais que variam, às vezes radicalmente, nas diferentes igrejas, o que tornaria imprecisa qualquer unidade. Mas o mais importante é que a crítica não é à religião nem a seus fiéis, muito menos se refere à nenhuma suposta versão de guerra santa. Ao contrário. É uma crítica aos estelionatários que usam a religião para o enriquecimento privado e para a conquista de poder político com fins de enriquecimento privado.

A maioria destes estelionatários da fé, que também podem ser chamados de "coronéis da fé", está alinhada a Bolsonaro. São ao mesmo tempo novos e velhos. A novidade de suas origens e de sua linguagem não é capaz de encobrir que atuam para manter o Brasil exatamente como está, porque é neste contexto que conseguiram enriquecer e conquistar poder. Dependem da miséria, do desamparo e do medo para manter a clientela. Sua disputa é para continuar multiplicando riqueza privada, assim como garantir as benesses públicas que isentam suas igrejas de pagar impostos.

A religião é só o meio. O lucro privado é o fim. A estratégia de encobrir a disputa de poder com os temas morais mostrou-se tão eficaz que milícias da internet, como o MBL, eminentemente urbanas, a adotaram a partir de 2017 para ampliar seu número de seguidores destruindo artistas e manifestações artísticas.

É interessante observar como o que há de mais atrasado no Brasil se juntou a fenômenos recentes para produzir aquele que tem sido chamado na internet de "o coiso". A nomeação, típica das redes sociais, aponta para dois objetivos: o primeiro é o de não popularizar ainda mais o candidato, o que pode garantir os votos daqueles que, quando chegam às urnas, votam

no nome que lembram; o segundo, de que tudo aquilo que ele representa, em seu autoritarismo, seria inominável, ou não nomeável. No "coiso" cabem muitas coisas. Bolsonaro seria uma espécie de Voldemort, o vilão da série Harry Potter, a quem os bruxos preferem se referir como "você sabem quem", para que a invocação do nome não o materialize como realidade física.

O fato de Jair Bolsonaro liderar as intenções de voto (28%, segundo a última pesquisa do Datafolha), mostra a força com que o que há mais arcaico e sombrio no Brasil emergiu para a luz. E encarnou numa figura que é muito menos um capitão reformado do Exército e muito mais um político profissional. Não um político profissional que disputa a construção de um país, mas um que trabalha para a própria permanência na folha de pagamento do Congresso.

Em 26 anos como parlamentar, segundo levantamento do jornal O Estado de S. Paulo, Bolsonaro conseguiu aprovar apenas dois projetos de sua autoria: 13 anos de salário, benefícios, verba de gabinete etc para cada projeto. Ao ser perguntado sobre sua baixa produtividade, o candidato respondeu: "Tão importante quanto você fazer um gol é não tomar um gol".

Estes são os fatos, caso os fatos valessem na construção mental dos eleitores. O desempenho que derrubaria qualquer funcionário, em qualquer empresa do mundo, o premiou como funcionário do povo. Tanto que Bolsonaro se tornou o líder nas pesquisas para a presidência da República. Na composição dos seus eleitores, ele lidera entre os mais ricos e os mais escolarizados, justamente aqueles que se supunha terem mais acesso à informação de qualidade, caso isso importasse na tomada de decisões. Na época da autoverdade, porém, os fatos nada valem.

Há vários adjetivos que poderiam ser usados para definir o comportamento do eleitor de Bolsonaro. Ilegítimo não é um deles. Se você acredita que o político ideal é aquele que aprovou dois projetos em 26 anos de serviço público e se sente representado pelo desempenho de Bolsonaro, faz todo sentido votar nele. Por uma questão de coerência, inclusive, este deveria se tornar o critério de produtividade para que os empresários que são também eleitores de Bolsonaro passem a selecionar seus funcionários e estabelecer planos de carreira.

2) Como as elites descobriram que as ruas não são seu "pet"

O fenômeno chamado "coiso" também expõe à luz a monumental arrogância de uma parte da elite política e econômica do Brasil, assim como a arrogância de uma parcela do judiciário. Essas elites compartilhavam da ilusão de controlar as ruas e também os processos políticos. Descobriram que ver o Brasil do alto não é o suficiente para compreender os Brasis. Começam a perceber que, quando achavam que usavam, estavam de fato sendo usadas. Bolsonaro não revela apenas a si mesmo, mas muito além de si mesmo. Não é acontecimento isolado, mas trama.

O PT descobriu em 2013 que já não era o partido das ruas de uma forma bastante dolorosa. Naquele momento, a arrogância do partido era tanta que achava que as ruas seriam dele para sempre. Tanto que nem precisava mais andar por elas. Em 2013, o PT descobriu que estava sendo expulso das ruas. Em 2015, bonecos infláveis de Lula e de Dilma como presidiários invadiram também os céus. O antipetismo virava ódio.

Mas o exemplo mais evidente ainda é o do PSDB, cujo drama se desenrola neste momento. Quando Aécio Neves (PSDB) perdeu a eleição de 2014 para Dilma Rousseff (PT), ele e seu partido cometeram o ato, ao mesmo tempo oportunista e irresponsável, de questionar o processo eleitoral sem nada que justificasse a suspeição do pleito. O Brasil, com as urnas eletrônicas, tem um dos mais confiáveis sistemas de votação do mundo. Aceitar a derrota faz parte das regras fundamentais da democracia.

Aécio, o corrupto, iniciava ali uma crise e abria um precedente perigoso. Mais tarde, uma gravação revelaria Aécio dizendo que pediu a auditoria dos resultados eleitorais só "para encher o saco". Aécio deve entrar para história não só pelo seu envolvimento com a corrupção, mas por esse ato de uma irresponsabilidade criminoso. O tucano deve ser marcado como um dos políticos que mais colaborou para a corrosão da democracia neste início de século.

De dentro do hospital, onde se recupera de um ataque à face, Bolsonaro gravou um vídeo questionando as urnas eletrônicas e sinalizando que pode não aceitar o resultado da eleição em caso de derrota. Seu vice, Hamilton Mourão, já havia dado uma entrevista à Globo News afirmando a possibilidade de um autogolpe do presidente eleito, com o apoio das Forças Armadas. É irresponsável e grave demais que um político anuncie que participa do jogo, mas que só aceitará o resultado em caso de vitória. Qualquer criança jogando uma pelada de futebol num campinho de várzea sabe que não é possível só aceitar as regras do jogo quando se ganha.

O PSDB teve um papel importante no impeachment sem base legal de Dilma Rousseff e participação do governo corrupto de Michel Temer (MDB). Quando aderiram aos movimentos das ruas a favor do impeachment e contra o PT, vestidos com a camiseta da seleção brasileira, políticos tucanos também se iludiram que a rua era deles. Não era nada disso. Recentemente, um dos caciques do partido, Tasso Jereissati, afirmou que entrar no governo Temer foi "o grande erro" do PSDB. "Fomos engolidos pela tentação do poder", admitiu. Tarde demais.

Quem acha que controla as ruas não estudou nem a história nem a psicologia humana. Com telhado de vidro fino, tanto Aécio quanto o PSDB são hoje menores do que nunca, em todos os sentidos. Pior do que não ter ressonância é ter perdido o respeito. O PSDB que surgiu com a volta da democracia não existe mais. O que existe agora é outra coisa que nem seus caciques sabem mais que formato tem.

Não deixa de ser irônico o destino de Michel Temer. Quase trágico. Temer, o vice traidor, reconhecida raposa política, acreditava que poderia fazer tudo o que fez e ainda ser visto como um estadista. Logo depois do impeachment, era bem claro que Temer e seus apoiadores, no Congresso, no Mercado e em setores da Imprensa, acreditavam que estava tudo dominado e era só voltar ao que sempre foi. Temer está terminando o mandato como o presidente mais impopular da história (ou o mais impopular desde que há institutos de pesquisa para aferir a opinião da população).

O desespero dos liberais e neoliberais também sinaliza o quanto de ilusão aqueles que representam o Mercado alimentam sobre si mesmos. Parte das elites econômicas, tendo como exemplo mais evidente a poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), que atuou de forma explícita e decisiva para o impeachment da presidente eleita, assim como vários porta-vozes do que se chama "Mercado", acreditavam que tudo andaria conforme sua receita de bolo. Botariam no Planalto alguém da sua confiança e pronto, fariam uma "ponte para o futuro" que manteria os privilégios do passado. Acreditavam que o povo nas ruas não passava de marionete, que o povo nas ruas era o verdadeiro pato da FIESP.

De repente, Jair Bolsonaro, que deveria ser apenas um parceiro bufão na derrubada do governo do PT, alcançou o primeiro lugar nas pesquisas eleitorais para a presidência. Junto com ele, está Paulo Guedes, um economista ultraliberal que é radical demais até mesmo para os liberais. Quando fala, apavora. Dias atrás lançou uma espécie de nova CPMF. Teve que sair se desmentindo e cancelando compromissos para não dizer mais bobagens sinceras, mas altamente impopulares.

Não fosse a situação do Brasil ser tão trágica, seria delicioso ver uma revista liberal como a britânica The Economist, que já decolou e aterrissou o Cristo Redentor nos tempos de Dilma Rousseff, lançar Jair Bolsonaro como "a mais recente ameaça da América Latina" na capa da semana passada. A revista favorita do Mercado manifestou-se de forma inequívoca contra o ultraliberalismo de Paulo Guedes, o golpismo de Hamilton Mourão e o autoritarismo de Jair Bolsonaro. Foi chamada nas redes sociais de "The Communist". Sim, no Brasil o realismo mágico é só realismo.

Certamente não era este o roteiro imaginado por aqueles que desrespeitaram o voto dos brasileiros. Também não era este o script que a parcela da grande imprensa que atuou decisivamente para o impeachment sonhava para esse momento. A Globo descobriu logo cedo, ao fracassar em derrubar Michel Temer após as denúncias de corrupção, que seu insumo poder tinha limites. Jair Bolsonaro, aliás, não se cansa de lembrar ao vivo, nos estúdios da emissora, o quanto a Globo apoiou a ditadura civil-militar que ele enaltece com tanto entusiasmo.

O atual cenário dificilmente deve ser o roteiro esperado também por servidores do Judiciário e do Ministério Público que decidiram personalizar a justiça, se esqueceram que são funcionários públicos e acreditaram que eram heróis. Quem venceu – e segue vencendo – é esse poder que atravessa governos e que hoje é representado pela “bancada ruralista”, grande parte dela conectada à escalada de violência no campo e na floresta contra camponeses e indígenas, que vem se acirrando desde 2015. Ao redor da bancada ruralista gravitam a bancada dos defensores de armas, que lucram com a violência, e a dos estelionatários da fé, que manipulam os temas morais para conquistar poder e privilégios.

É este o mundo de Bolsonaro, que por isso tem assustado não só a esquerda, mas também a direita chique e os liberais genuínos, estes que têm na The Economist o seu oráculo. É a parcela atrasada e violenta do Brasil rural, associada ao que há de mais podre nos fenômenos urbanos, que disputa a presidência do país com chances de ganhar. Bolsonaro representa o homem branco ultraconservador, mas bruto e sem lustrado, que os ilustrados de direita e de esquerda não querem na sua sala de jantar.

Com possibilidades cada vez maiores de chegar ao segundo turno, o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT), o candidato de Lula, torna o cenário ainda mais complexo. A tal da opção de “centro”, que tantos encheram a boca para falar, a duas semanas da eleição ainda não mobilizou os eleitores. De dentro da prisão, onde foi colocado por um processo rápido demais, com provas frágeis demais e juizes falatórios demais, Lula segue influenciando os destinos do país.

Mesmo tendo sido impedido pelo judiciário de ser candidato, ele ainda é um dos principais protagonistas da eleição. Como nada é simples, Haddad e o PT têm costurado apoio entre aliados que os traíram na batalha do impeachment, têm costurado apoio inclusive entre políticos que participam do governo Temer. Aliados que se tornaram “golpistas” são aliados de novo sem deixarem de ser “golpistas”. No Brasil, a real politik é mágica. Mas, quando o eleitor não vota conforme o esperado, ele é chamado de ignorante.

3) O movimento das mulheres contra Bolsonaro é o mais importante desta eleição

As mulheres são mais da metade da população no Brasil, mas ainda têm pouca representatividade na política formal. Uma de suas representantes mais interessantes e promissoras, Marielle Franco (PSOL), vereadora do Rio, foi executada a tiros num crime ainda não desvendado e impune, apesar de já terem se passado mais de seis meses.

Seu protagonismo político incomodou muitos que estavam acostumados a falar sozinhos e, de repente, viram seus interesses serem atingidos por uma mulher. E não por qualquer mulher. Criada no complexo de favelas da Maré, Marielle era negra, lésbica e pobre. Ao longo da história do Brasil, ela representa os grupos mais frágeis e mais violentados que, graças à muita luta, começam a ter poder político. Foi então exterminada a balas de alto calibre, por uma arma de uso restrito, num percurso de câmeras desligadas.

Com o gesto iniciado na internet e programado para ganhar as ruas, as mulheres tornaram-se protagonistas desta campanha eleitoral tão complexa e delicada. O movimento autônomo começou por mulheres na Bahia, ao longo das lideranças do centro-sul e dos grupos feministas mais conhecidos do Brasil. Do debate no Facebook passou a inspirar as manifestações contra Bolsonaro marcadas para o próximo sábado em várias cidades do Brasil e do mundo. Nos atos de 29 de setembro, elas esperam também o apoio dos homens que amam as mulheres.

A proposta dessas mulheres é fazer atos suprapartidários contra Jair Bolsonaro e tudo o que ele representa. Bolsonaro é um homem que, por suas declarações, já provou que odeia as mulheres, tanto quanto o seu vice, o general reformado Hamilton Mourão. Bolsonaro é um tipo clássico, especialmente em países que viveram suas versões de faroeste: o homem branco, que se sente superior apenas por ter nascido branco; heterossexual, mas do tipo que precisa o tempo todo apregoar sua heterossexualidade, como se silenciar sobre ela pudesse de alguma forma ameaçá-la; que se sente mais potente com uma arma de fogo na mão e, quando não a tem, simula com as mãos a expressão fálca, como uma afirmação de masculinidade que precisa ser constantemente reiterada para não ser posta em dúvida.

Quando qualquer um destes ingredientes que, na sua crença, fazem dele um “homem”, é de alguma forma questionado, sente-se ameaçado e reage com violência. Um psicólogo de almanaque possivelmente diria que Bolsonaro é inseguro. No hospital, fazendo gesto de atirar com as mãos, parecia um garotinho querendo aprovação da plateia numa apresentação da pré-escola. Mas deve ser mais complexo do que isso.

Para manter o privilégio de se sentir superior num mundo em que já não basta ser branco e ter uma arma para se manter no topo da cadeia alimentar, Bolsonaro desrespeita as minorias, raciais e de gênero, justamente as parcelas mais frágeis da população, e estimula a violência contra elas. Neste momento, encarna um outro tipo clássico, o fortão covarde da escola. Faz isso afirmando que está defendendo os “valores tradicionais”. Mas o que chama de valores tradicionais são apenas os seus privilégios.

É interessante observar que Michel Temer, ao assumir o poder, promoveu um retrato amarelado com seu ministério de homens brancos, a maioria deles mais velhos. Pairando sobre essa imagem, especialmente no primeiro ano de governo, estava a figura de sua mulher, 43 anos mais jovem: Marcela Temer, a esposa “bela, recatada e do lar”, como definiu a revista Veja.

Essa conformação simbólica de poder remetia à República Velha, como foi dito, mas muito mais a um folhetim de Nelson Rodrigues. Enquanto foi possível, alguns jornalistas, também homens e brancos, a maioria mais velhos, fizeram comentários encantados, alguns deles bastante constrangedores, sobre a beleza da mulher do presidente. Por algum tempo, antes de seu governo ruir por corrupção e incompetência, Temer ganhou o atributo de uma potência viril aplicada à política, por estar casado com uma mulher bonita e jovem.

Jair Bolsonaro leva o machismo e o patriarcado a outro patamar. As mulheres não são objetos, mas um inimigo. Em 2014, na Câmara dos Deputados, disse que não estupraria a colega Maria do Rosário (PT): “Você não merece ser estuprada, é muito feia”. Depois, repetiu ao jornal Zero Hora: “Ela não merece (ser estuprada). Porque ela é muito ruim, ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”. O comentário, dito e repetido, o tornou réu por apologia ao estupro no Supremo Tribunal Federal.

Sobre a licença-maternidade, conquista histórica das mulheres (e também dos homens), o parlamentar que aprovou dois projetos de lei em 26 anos de trabalho maravilhosamente remunerado, afirmou em 2015: “Mulheres devem ganhar um salário menor porque engravidam. Quando ela voltar (da licença-maternidade) vai ter um mês de férias, ou seja, trabalhou cinco meses em um ano”.

Em 2011, ele afirmou: “Sou preconceituoso com muito orgulho”. Embora os juizes brancos do Supremo Tribunal Federal não reconheçam, o que Bolsonaro chama de preconceito é seguidamente racismo. Ao responder a uma pergunta da cantora Preta Gil, ele disse que seus filhos jamais namorariam uma mulher negra ou se tornariam gays: “Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu”. Em 2017, ao fazer uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, o parlamentar

contou que fez uma visita a um quilombo: “O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. (...) Não fazem nada, eu acho que nem pra procriador servem mais”.

O “preconceito” que tanto orgulha Bolsonaro é largamente aplicado contra os homossexuais, num país com alto índice de assassinatos por homofobia. Entre as várias declarações contra gays, Bolsonaro chegou a dizer numa entrevista: “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que meu filho morra num acidente de carro do que apareça com um bigodudo por aí”.

É importante compreender por que, mesmo com essas declarações, existem mulheres que votam em Bolsonaro. Há quem acredite que seria o mesmo tipo de atração pelo perigo e pela violência que faz com que algumas mulheres se apaixonem por criminosos famosos – ou mesmo não famosos. Os presídios estão cheias de romances como estes. Algumas eleitoras de Bolsonaro já justificaram o voto afirmando que este é o só o “jeitão” dele, que “na verdade” ele seria um “defensor das mulheres”. Uma delas me disse que reconhece que ele é “meio burrão”, mas ainda assim acha que ele “vai botar ordem na casa”. Neste caso, o machismo importaria menos que a crença de que Bolsonaro vai deixá-la “segura”.

Ao escutar bolsonaristas, outras hipóteses surgiram. Para algumas, não é um voto no macho alfa, como eu suponha no princípio, mas o voto em uma caçula meio bobão, mas carismático, por quem sentem um tipo de amor permissivo. Seria importante fazer uma pesquisa qualitativa e quantitativa formal com as eleitoras de Bolsonaro e Mourão, para compreender o que pode levar mulheres a votar em homens que as desrespeitam.

O vice de Bolsonaro é sua alma gêmea. Bolsonaro e Mourão, ambos adoradores de armas, coincidem tanto na ideologia quanto na eloquência de seus discursos. Em agosto, durante um evento no sul do país, Mourão afirmou que o Brasil herdou “a indolência dos indígenas” e “a malandragem dos africanos”. Estava teorizando sobre as raízes do “subdesenvolvimento” do Brasil e da América Latina com a competência habitual.

Em 17 de setembro, o general reformado atacou as mulheres ao relacionar a violência nas “áreas mais carentes” ao fato de as famílias serem chefiadas por “mães e avós”, sem “pais e avós”. A criação dos filhos por mulheres sozinhas, na opinião do general, resultaria “numa fábrica de elementos desajustados e que tendem a ingressar em narcoquadrilhas que afetam o nosso país”.

Ao fazer essa afirmação, o vice de Bolsonaro atingiu violentamente as mulheres mais pobres, a maioria delas negras, que são chefes de família e criam seus filhos sozinhas com enorme esforço. Mas não apenas elas. A afirmação provocou um apoio surpreendente ao movimento das mulheres contra Bolsonaro. A apresentadora de TV Rachel Sheherazade, uma das portavozes na imprensa da direita mais truculenta do Brasil, publicou em sua conta no Twitter: “Sou mulher. Crio dois filhos sozinha. Fui criada por minha mãe e minha avó. Não. Não somos criminosas. Somos heroínas”. E acrescentou uma das hashtags do movimento: #EleNão”.

As mulheres são o segmento da população que mais rejeita Jair Bolsonaro. Mas, após ele ter levado uma facada durante um ato de campanha, Bolsonaro cresceu. Apesar de ter evoluído no estrato, cresceu sete pontos no último mês, o apoio no segmento feminino é mais localizado entre as que têm maior renda familiar —chega a 32% entre as que reúnem mais de 5 salários mínimos, contra apenas 14% entre as mais pobres”, analisam Mauro Paulino e Alessandro Janoni, na Folha de S. Paulo. O primeiro estrato corresponde a apenas 6% do eleitorado e o segundo alcança 28%.

Em entrevista ao El País, o estatístico Paulo Guimarães afirmou: “As mulheres não votam no Bolsonaro, mas as mulheres pobres tendem a decidir o voto mais tarde. O país é absurdamente machista. O marido vai dizer em quem elas devem votar, principalmente nas classes mais baixas, das mulheres mais agredidas. O voto da mulher tem convergido para o voto do homem, historicamente”.

Será que ainda é assim? Minha hipótese é que o crescimento do protagonismo das mulheres também na esfera doméstica, em parte possibilitados pelo Bolsa Família e pelo aumento real do salário mínimo, que beneficiou o grande contingente de empregadas domésticas do país, tenha mudado essas relações de poder. Não totalmente, mas esta é uma força emergente. Como repórter que escuta gente há 30 anos, nunca escutei tantas mulheres discordarem de seus maridos, nas entrevistas que faço com famílias, como hoje. Inclusive no voto.

É uma enormidade o significado de que a principal resistência à candidatura de Bolsonaro e a tudo o que essa candidatura representa venha justamente das mulheres. Elas, que são aliadas da política formal, quando não mortas, tornaram-se a principal força política de oposição a um projeto explicitamente autoritário. E fazem política justamente no território que até então era dominado pelos apoiadores de Bolsonaro: as redes sociais. Exatamente por isso, as administradoras da página do movimento foram haqueadas, ameaçadas e tiveram seus dados expostos, na covardia habitual dos que não confiam nos seus argumentos, só dispõem da força bruta.

Se o movimento é suprapartidário e abarca as mulheres de todas as cores e origens, é importante sublinhar que esse movimento é também racial e de classe. Como já foi dito, Bolsonaro encontra seus eleitores, segundo as pesquisas, entre os homens mais ricos e os mais escolarizados. E tem sua maior rejeição entre as mulheres e entre os mais pobres. Como as estatísticas mostram, a maioria das mulheres mais pobres do país é negra.

O voto das mulheres negras pode determinar o destino de Bolsonaro. Este não é definitivamente um dado qualquer no Brasil. Há grande poder e significado nessa constatação. É bastante simbólico que seja esta a força que toda a repressão dos últimos anos do país, todos os direitos a menos, não conseguiu parar. As mulheres que foram para a universidade pela primeira vez, as mulheres que passaram a ganhar um pouco mais, as mulheres que pela primeira vez tiveram direitos trabalhistas igualitários, como as domésticas. Talvez não seja coincidência que a criadora da página “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, que por conta das ameaças hoje é citada apenas pelas iniciais, seja negra.

O movimento das Mulheres Unidas Contra Bolsonaro é o mais importante acontecimento desta eleição. Caminhar junto com elas no próximo sábado, 29 de setembro, é escolher dizer juntos, mulheres e homens, em uníssono, não apesar de todas as diferenças, mas com todas as diferenças, que escolhemos a liberdade contra a opressão. Que escolhemos o respeito contra o preconceito. Que escolhemos a igualdade contra o racismo. Que escolhemos a diversidade dos muitos contra a hegemonia do um. Que escolhemos a paz contra a violência.

Se depender das mulheres unidas contra Bolsonaro, o ódio não governará o Brasil.

Link da matéria:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/24/opinion/1537805079_256045.html

Desvio de Caráter: apoiar Bolsonaro não é só “questão de opinião”



“Liberdade de expressão” é um negócio complicado. Longe de mim dizer que o conceito é errado, afinal, é por causa dessa liberdade que estou escrevendo essas palavras e você as está lendo neste instante. É graças a este direito, conquistado através de muita luta, que podemos divergir de ideias dentro de uma democracia. É por isso que podemos ter diferentes opiniões e ainda assim conviver pacificamente, respeitando uns aos outros. Porém, mesmo para a tal da liberdade de expressão, existem limites.

Eu sei, chega a soar estúpido dizer isso, já que a antítese da liberdade é o limite, mas é só pensar um pouco a respeito e vai ver que faz sentido. Existe uma velha frase que diz que “o direito de um indivíduo termina onde começa o de outro”, e esta máxima se aplica na tal da liberdade de expressão. Na prática, isso significa que você pode se expressar como bem entender, contanto que não esteja ferindo o direito de outra pessoa de qualquer maneira, seja privando-a de se expressar, seja a ofendendo de alguma maneira. Em suma, significa que você ainda pode expressar o que bem entender, mas terá de arcar com as consequências de suas palavras, que podem ser passíveis de punição. É aí que cai a tal da falácia de que “ter opinião não é crime”. Deixa eu contar uma coisinha pra vocês: as vezes, é crime sim.

Pra isso é preciso entender um pouco melhor o que é ter uma opinião. Para isso, vamos recorrer ao nosso amigo Michaelis:

sf (lat opinione) 1 Maneira de opinar; modo de ver pessoal; parecer, voto emitido ou manifestado sobre certo assunto. 2 Asserção sem fundamento; presunção. 3 Conceito, reputação. 4 Juízo ou sentimento que se manifesta em assunto sujeito a deliberação. 5 Capricho, teimosia. O. pública, Sociol: juízo coletivo adotado e exteriorizado por um grupo ou, em sociedades diferenciadas e estratificadas, por diversos grupos ou camadas sociais.

Parece que, na teoria, qualquer tipo de expressão que eu emitir de meus pensamentos e da forma que eu vejo o mundo pode ser considerado uma opinião. Eu posso dizer que quem fala bolacha está correto e biscoito é errado, posso afirmar com veemência que basquete é melhor que futebol e que a animação de Digimon tem uma história bem mais construída que a de Pokémon. É normal. Você pode discordar de mim, eu posso discordar de você e ainda podemos conviver em paz. A liberdade de expressão é mágica, não é?

Mas aí caímos no tal do limite. Existem algumas “opiniões” que nada mais são que preconceitos disfarçados (ou não-tão-disfarçados), que literalmente atacam a existência de outras pessoas, diminuindo suas causas, suas lutas, suas vidas. É um verdadeiro crime contra a moral e o respeito. Pessoas que expressam essas opiniões são o atraso da sociedade, a essência do pensamento retrógrado que invalidam anos de progresso e de evolução. O pior é quando quem expressa esse tipo de atitude é uma figura pública, formadora de opiniões, influência de massas. É aí que mora o perigo. É aí que falamos sobre aquele senhor ali em cima que sinto muito ter lhe obrigado a ver numa foto tão grande — mas é melhor ir se acostumando, porque ainda teremos de falar muito sobre ele.

Se cobrir com lona é circo, se trancar a porta é hospício

No último domingo (17/04), presenciamos um verdadeiro show de horrores no Congresso Nacional. Num ato desvaireado de pura loucura, a votação que deveria ser séria sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff mais se assemelhou a um quadro de stand-up doentio, uma esquete carregada de sarcasmo sem nenhuma piada sendo dita. Foi uma revelação sobre como trabalham os deputados que colocamos no poder (muito embora sejam menos de 15% os que realmente chegaram ali por votações diretas, mas isso é assunto para um outro texto em outro dia).

Foi lá que tivemos cenas deploráveis, como o “deputado dos doces” (imagem), pessoas dedicando seus votos a familiares e afirmando seu louvor a Deus em suas decisões políticas (final, ações políticas movidas pela igreja deram super certo no século XI, não é?). A coisa parecia ficar cada vez mais vergonhosa com o passar das horas, chegando ao ponto de haver troca de saliva entre os deputados Jean Wyllys (PSOL) e Eduardo Bolsonaro (PSC). Apenas para acalmar suas mentes confusas, não houve contato labial para a troca de cuspes, embora isso talvez conferisse um maior fator de entretenimento para o desastre que tivemos de assistir.

Quase nada de bom saiu do circo do medo que fez do Congresso seu palco (exceto conhecer melhor a cara da nossa política e um jogo de tiro ao alvo muito bem ambientado), mas isso tudo é apenas a ponta do iceberg. Dentro todos os deputados que faltaram com decoro em suas participações, o pior deles não foi o tal do Eduardo Bolsonaro supracitado, mas sim o seu pai,

Jair Messias Bolsonaro. Ele é o fantasma do Congresso que nos enche de medo sobre o incerto futuro de uma política extremista.

Como me faltam palavras para descrever seu discurso de voto, vou apenas deixar abaixo exatamente o que foi dito para que tirem suas conclusões:

“Neste dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nesta data, pela forma como conduziu os trabalhos da casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve (sic). Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!”

Caso prefira assistir, o que não faltam é vídeos da cena. Agora vou lhe dar alguns segundos para se recompor e tomar um ar antes de prosseguirmos.

De todas as barbaridades ditas pelo deputado, algumas claramente frutos de uma mente paranoica e perturbada por uma ameaça comunista que não existe, resolvi enfatizar dois pontos. O primeiro é o ponto onde ele enaltece o presidente da Câmara dos Deputados por ser um dos principais nomes a dar início e prosseguimento no processo de impeachment, forçando-o através de todas as manobras possíveis. Neste ponto, temos de resgatar uma das frases mais icônicas do deputado Jair Messias Bolsonaro:

“Bandido bom é bandido morto.”

Tudo bem, vamos por um instante aceitar que essa máxima defendida pelo deputado que acredita que violência se combate com violência seja apropriada, e que qualquer infrator da lei seja passível do título de “bandido”. Assim sendo, o que dizer do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que já foi denunciado pelo procurador-geral Rodrigo Janot e delatado pelo empresário Fernando Baiano por sua participação na Lava-Jato, que negou à CPI da Petrobrás

que possuía contas no exterior e escondendo seus bens na Suíça, que tem ao menos três inquéritos no Supremo Tribunal Federal (2123, 2984 e 3056) referente a sonegação de impostos e falsificação de documentos, que já está na mira da procuradoria para receber a pena de 184 anos de prisão.

Se a máxima do deputado for válida, não deveria Eduardo Cunha também ser morto? Ou, para Bolsonaro, o bandido só deve receber a pena máxima quando não servir aos seus propósitos? Ou então talvez o bandido só seja bandido quando não for da própria família, como é o caso do irmão de Jair, Renato Bolsonaro, exonerado por ser um funcionário fantasma e recebendo R\$ 17 mil por mês. Outra possibilidade é que o deputado acredite que o único problema na vida do brasileira seja o bandido de rua, e não os milhões desviados e os crimes de corrupção passiva e ativa. Neste caso, fica difícil saber se é apenas falta de caráter ou pura ignorância.

Mas por incrível que pareça, o pior das afirmações de Bolsonaro nem foi o exaltado de Eduardo Cunha (eu sei, fica difícil de crer nisso depois dos parágrafos acima). Reparem no segundo nome que foi grifado no discurso de Jair. É agora que o assunto fica ainda mais nojento.

Quem foi Carlos Alberto Brilhante Ustra?

O coronel e ex-chefe do DOI-CODI II do II Exército entre 1970 e 1974, apelidado de Dr. Tirihiçá, foi uma das figuras mais assombrosas do período do regime militar brasileiro. Em 2008, ele foi o primeiro militar a ser reconhecido pela Justiça como torturador, não somente responsável por práticas diretas, mas pelo comando das ações que levariam ao fim da vida de mais de 60 pessoas, além de ter em seu histórico mais de 500 casos de tortura.

É nessa hora que as pessoas ficam eriçadas, afirmam que as tais vítimas não passavam de presos. Bom, você sabe o que era necessário ser feito para ser preso no período da Ditadura? Ter liberdade de expressão. Se você hoje pode falar mal do governo e ofender quem você quiser no Palácio do Planalto, você deve esse direito aos que lutaram contra o regime militar. Naquela época, se você discordasse das atitudes dos fardados, seu destino podia ser bem pior do que a morte. Citando Evelyn Beatrice Hall, escritora da biografia de Voltaire, a máxima da luta pela liberdade de expressão é a de que “posso discordar do que você diz, mas lutarei até a morte pelo seu direito de continuar dizendo”.

Obviamente nem toda pessoa que foi parar nas garras de Ustra era apenas alguém que desejava a liberdade, existiam guerrilheiros ali, mas o próprio ato da tortura é impronunciável por si só. É desrespeitar a própria vida humana, descer nos confins da moralidade, trancar-se no porão e nem sequer acender a luz. É aceitar que não passamos de animais, e que os outros são ainda pior, são animais inferiores. É objetificar a vida.

Ustra cometeu algumas das maiores atrocidades da história brasileira. A Comissão Nacional da Verdade mantém registro das denúncias contra o coronel, dentre elas mesmo a tortura de crianças inocentes, as traumatizando pelo resto de suas vidas. Caso tenha estômago para ler, o que não faltam são relatos de vítimas das mãos do Dr. Tirihiçá. Confira as fontes, não confiem em mim. Procurem no Google. Eu os encorajo a duvidar. Eu duvidei. Não queria acreditar que existem pessoas capazes de descer tanto. Me enganei.

Ustra faleceu em 15 de outubro de 2015, aos 83 anos, sem jamais sentar na cadeira do réu. Apesar das denúncias, da luta pela democracia e das feridas que jamais irão se fechar, o coronel conseguiu se blindar até seu último suspiro. É um dos maiores golpes que a Justiça já recebeu, deixar o povo saber que existem pessoas que conseguem sair impunes apesar de cada atrocidade que cometeram. E sabe qual é o pior? Existe gente estúpida o suficiente para glorificar um monstro desses. E para glorificar o monstro que glorifica um monstro desses.

Apoiando um criminoso

Nisso voltamos ao foco da nossa discussão, Jair Messias Bolsonaro. Ele é dono de “opiniões” (já falamos sobre isso) fortes e extremistas, que agradam um público específico que pode ser discernido em dois segmentos: gente retrógrada, que parou no tempo e não consegue aceitar que o mundo está mudando e a tolerância deve ser disseminada, e gente ignorante, que não entende exatamente as palavras do deputado, mas escuta um “precisa proteger o povo” e “em nome de Deus” aqui e ali e acha que ele é o futuro da nação. Ele não é o futuro. Ele é o passado.

A violência pregada por Bolsonaro não é apenas um mal, ele mesmo encarna a maldade. Abusou de sua imunidade parlamentar para atacar não a presidente, mas a mulher Dilma Rousseff, recorrendo a falácia do ad hominem. Por que ele mesmo não ressaltou o tal do motivo do impeachment, as pedaladas fiscais, ao invés de exaltar os fantasmas do passado? Será que ele mesmo reconhece que aquilo por si só não seria o suficiente para um impeachment não fosse os ataques de Eduardo Cunha?

Você vê que está no fundo do poço quando até Silas Malafaia está te criticando.

O fato é que Bolsonaro acabou por se colocar na posição de bandido ao se exaltar da maneira que fez. O artigo 287 do Código Penal afirma que é crime fazer apologia a ato criminoso ou autor de crime, e foi o ocorrido ao enaltecer Brilhante Ustra, um torturador. Os artigos 22 e 23 da Lei de Segurança Nacional também descrevem a criminalidade da propaganda e incitação à Ditadura. As palavras de Jair feriram a Constituição Federal, e isso faz dele um bandido. Será que bandido bom é bandido morto agora?

As ações do deputado levaram até mesmo a Ordem dos Advogados do Brasil a se pronunciar, pedindo a cassação de seu cargo. A comoção popular fez com que a Procuradoria-Geral da República também se manifestasse. Ao menos algo de “bom” isso fez a Jair: agora ele pode se igualar a Ustra como um criminoso. Só podemos torcer para que não passe impune como o coronel.

Isso tudo serve para mostrar qual é a verdadeira face de Jair Messias Bolsonaro e tentar levar um pouco de luz para os que, de forma inadvertidamente ignorante, o seguem achando que é o melhor para o país. Jair representa tudo de mal que temos em nossa sociedade, cada pensamento retardatário e retrógrado preso no século passado e prejudicial que possamos avançar de forma social. É um perpetrador de preconceitos, da pior espécie, que defende apenas os interesses das viúvas da Ditadura ou de pessoas tolas demais para entender que aquele período acabou por um motivo.

Defender Bolsonaro não é uma questão de opinião e nem ele nem você estão apenas praticando a liberdade de expressão. É desvio de caráter. É aceitar cada palavra dele como verdade, aceitar que a sociedade deve ser segregada, que a tortura deve ser praticada, que a vida não vale nada. Quando você o glorifica, você glorifica as ideias tortas que ele prega, você glorifica os ideais deturpados que ele acredita, você glorifica os monstros que ele martiriza. Quando você espalha a palavra dele, você faz parte do mal que divide nossa sociedade e causa milhares de mortes todos os anos.

Redigi esse texto pensando nas pessoas que eu vejo diariamente apoiando o deputado, e depois se blindando no “não termine amizades por causa de política”. Não as termino por causa de política, termino porque as tais amizades estão pisando nos direitos dos outros. Longe de mim fazer a tal da limpa na lista de amigos e ficar preso numa câmara de eco onde todo mundo pensa igual a mim. Gosto de debates políticos, gosto de ver novas opiniões. Mas este caso força meus limites. Por isso, eu preciso ter fé que as pessoas podem abrir os olhos, podem aprender. Se não for assim, só consigo ver uma névoa sombria em nosso futuro.

Se isso tudo não é o suficiente para te fazer entender porquê Jair Messias Bolsonaro é indesejável, eu sinto muito, mas não tenho nem o tempo e nem o giz de cera para explicar de uma forma ainda mais simples.

Link da matéria:

<https://medium.com/liberdade-de-express%C3%A0o/desvio-de-car%C3%A1ter-apoiar-bolsonaro-n%C3%A3o-%C3%A9-s%C3%B3-quest%C3%A3o-de-opini%C3%A3o-22fa9f1c127a>

Após ofensas a Brigitte Macron, chanceler francês diz que autoridades brasileiras estão promovendo ‘concurso de insultos’

Bolsonaro retirou do Facebook um comentário feito em um meme que ironizava primeira-dama da França



RIO - O ministro francês das Relações Exteriores, Jean-Yves Le Drian, denunciou neste domingo um “concurso de insultos” sobre Brigitte Macron, a mulher do presidente Emmanuel Macron, por parte das autoridades brasileiras. Durante entrevista a uma rádio, o chanceler criticou a maneira como o Brasil vem administrando suas relações internacionais.

— Minha opinião pessoal é que não se administram relações internacionais organizando, qualquer que seja o país, um concurso de insultos. Isso é o que está acontecendo — disse Le Drian em um programa da rádio Europe 1.

Le Drian considerou os comentários em relação a Brigitte Macron “inaceitáveis” e “indignos”:

— A maneira como um funcionário brasileiro, um ministro ainda por cima, trata a sra. Macron é indigna, indigna para ela, para a França mas também para as mulheres, começando pelas brasileiras que protestaram contra esse tipo de declaração — disse o chanceler. — Infelizmente, noto uma persistência de palavras agressivas, insultuosas, que são inaceitáveis.

Na quinta-feira passada, o ministro da Economia, Paulo Guedes, se desculpou publicamente por ter dito que a mulher do presidente francês era “feia mesmo”. Na semana passada, o presidente Jair Bolsonaro retirou do Facebook, alegando que queria “evitar duplas interpretações”, um comentário a um meme em que um de seus seguidores comparava a aparência física de Brigitte Macron a uma imagem da primeira-dama brasileira, Michele Bolsonaro.

“Agora entende porque o Macron ataca o Bolsonaro?”, dizia o comentário ao qual o presidente brasileiro respondeu: “Não humilha, cara. Kkkkkkkkkk”.

Macron qualificou esse comentário como “extraordinariamente desrespeitoso”, mas Bolsonaro negou que se trataria de uma ofensa. “Eu não pus essa foto da sua mulher”, alegou o presidente brasileiro. Os internautas brasileiros inundaram as redes sociais repudiando a atitude de Bolsonaro com a hashtag #DesculpaBrigitte.

A França e o Brasil vivem momentos de embate diplomático, após Macron classificar como uma “crise internacional” a proliferação de incêndios na Amazônia.

Cerca de um mês após a reunião do G20, Bolsonaro cancelou uma reunião que teria com Le Drian em Brasília. Segundo o Itamaraty, o encontro teria sido cancelado por “problemas de agenda” do presidente da República, mas, na hora em que a reunião deveria acontecer, Bolsonaro estava cortando o cabelo, o que foi transmitido ao vivo pelas redes sociais presidenciais.

O presidente depois alegou que não se reuniu com o chanceler francês porque Le Drian teve encontros com representantes da oposição e de ONGs brasileiras, em sua maioria hostis à sua política ambiental. Alguns dias depois, Le Drian ironizou a “emergência capilar” do presidente brasileiro, em entrevista ao Journal du Dimanche:

— Todo mundo conhece as restrições que acompanham as agendas dos chefes de Estado. Então, obviamente, houve uma emergência capilar. Essa é uma preocupação que é estranha para mim — declarou Le Drian, em uma referência irônica a sua calvície, em uma entrevista ao Journal du Dimanche.

Link da matéria:

<https://oglobo.globo.com/mundo/apos-ofensas-brigitte-macron-chanceler-frances-diz-que-autoridades-brasileiras-estao-promovendo-concurso-de-insultos-23935273>

Bolsonaro cita Clodovil e colega negro para rebater acusações de preconceito

Pré-candidato à Presidência se defende na Justiça por frases em que é tido como homofóbico e racista



O pré-candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro (PSL), chega para lançamento de candidaturas no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) da cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima - Eduardo Anizelli - 12.abr.18/Folhapress

Ranier Bragon

Brasília - Com uma extensa lista de declarações e atitudes polêmicas nos seus 30 anos de vida pública, o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) busca provar na Justiça, nas redes sociais e em entrevistas que não é racista, homofóbico ou misógino.

Para isso, usa vídeos amistosos com amigos negros, como o relato de que salvou um colega negro da morte em 1978, e a troca de amabilidades com o costureiro e deputado Clodovil, morto em 2009, entre outros recursos.

A acusação de racismo contra o deputado tomou corpo em 2011 quando, em entrevista ao programa CQC, da TV Bandeirantes, respondeu que não iria discutir "promiscuidade". Era uma resposta a uma pergunta da cantora Preta Gil sobre como ele reagiria caso um filho seu se apaixonasse por uma negra.

Após a veiculação do programa, o parlamentar disse que tinha entendido "gay" no lugar de "negra".

O caso foi arquivado no Supremo, sob o argumento de que Bolsonaro goza de imunidade parlamentar e porque a emissora não forneceu a gravação original, sem edição, que permitisse juízo de valor sobre a possibilidade de engano em relação à pergunta.

No ano passado, nova polêmica. Em discurso no clube Hebraica, afirmou: "Eu fui em um quilombola [termo correto é quilombo] em Eldorado paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador eles servem mais".

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, apresentou no último dia 12 denúncia por racismo ao Supremo Tribunal Federal.

"Jair Bolsonaro tratou com total menoscabo os integrantes de comunidades quilombolas. Referiu-se a eles como se fossem animais, ao utilizar a palavra 'aroba'. Esta manifestação, inaceitável, alinha-se ao regime da escravidão, em que negros eram tratados como mera mercadoria", escreveu Dodge.

Bolsonaro nega ser racista e tem repetido o apelido do sogro, "Paulo Negão", como um dos argumentos a seu favor. Ele e seus aliados também veiculam vídeos em que é elogiado por negros, um deles pelo jogador de futebol Somália.

No livro que escreveu sobre o pai ("Bolsonaro, Mito ou Verdade"), o deputado estadual Flávio Bolsonaro (PSL-RJ) relata que no ano de 1978 o hoje presidenciável salvou um colega de morrer afogado. "Negão Celso", como era conhecido, havia caído na água durante uma prova militar.

"Rapidamente, Bolsonaro arrancou a gandola, os coturnos e pulou na água para resgatá-lo. [...] Uma evidente prova de 'racismo' de Bolsonaro já nos tempos da caserna", ironizou Flávio.

O rótulo de homofóbico Bolsonaro diz ter ganho por combater a partir de 2011 o que a bancada religiosa na Câmara batizou de "kit gay", a distribuição de material sobre diversidade sexual nas escolas.

Em debate na Câmara em 2012, ele afirmou: "A tropa de homossexuais, agora, está batendo em retirada do campo de batalha. São heterofóbicos. Quando veem um macho na frente eles ficam doidos. [...] Homossexualismo... Direito... Vai queimar tua rosquinha onde tu bem entender, porra!"

Bolsonaro coleciona, antes e depois do kit gay, declarações contrárias a homossexuais e troca de ofensas com o colega Jean Wyllys (PSOL-RJ), que é homossexual.

Agora, afirma combater apenas o que chama de apologia gay nas escolas, que se dá bem como homossexuais e que até já contratou assessor gay.

"Ao contrário do estereótipo equivocadamente que o réu tenta imputar ao autor, este vê e trata homossexuais como seres humanos normais, detentores de direitos e obrigações", diz peça de ação por danos morais que ele move contra o apresentador Marcelo Tas, que em entrevista o chamou de racista e homofóbico.

No mesmo documento, é relatado aparte elogioso feito por Bolsonaro, no plenário da Câmara, a Clodovil, que era homossexual. "Eu respeito a sua pureza, a sua inocência."

"Um homofóbico iria à tribuna para elogiar, afagar e prestigiar um colega homossexual?", pergunta sua defesa.

Em relação às mulheres, o presidenciável responde a duas ações penais no STF sob acusação de incitação ao estupro e injúria contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS). Ele afirmou numa discussão -e, depois, em entrevista e pronunciamento - que não estuproaria a parlamentar porque ela não merece.

O presidenciável defendeu em 2014, em entrevista ao jornal Zero Hora, o pagamento de salário mais baixo às mulheres, já que elas engravidam.

Advogado de Bolsonaro e presidente de seu novo partido, o PSL, Gustavo Bebianno diz que as acusações são injustas. "Ficam inventando essas bobagens, dando destaque a bobagens, como se tratasse de coisa séria. O Jair não é racista, tem 500 amigos negros", afirma.

Sobre Maria do Rosário, diz que foi só um bate-boca infantil. "Ele respondeu no calor das emoções. De cabeça fria teria outra atitude."

O que o presidenciável ou sua defesa falam sobre suas frases polêmicas

MULHERES

"Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? 'Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravidada, seis meses de licença-maternidade. (...) Por isso que o cara paga menos para a mulher. (...) Eu sou um liberal, se eu quero empregar você na minha empresa ganhando R\$ 2 mil por mês e a Dona Maria ganhando R\$ 1,5 mil, se a Dona Maria não quiser ganhar isso, que procure outro emprego! O patrão sou eu"

- 2014, em entrevista ao jornal Zero Hora

"Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente"

- 2016, em entrevista à apresentadora Luciana Gimenez na RedeTV!

"Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há poucos dias tu me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fica aqui para ouvir"

- 2014, em discurso no plenário da Câmara

"Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens. A quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher"

- 2017, em palestra no clube Hebraica, no Rio

O QUE DIZ ELE

- Afirma não ser misógino

- que está protegido pela imunidade parlamentar em relação às suas opiniões, palavras e voto

- No caso da defesa de que mulher ganhe menos do que homem, diz que que estava explicando a situação do empresário brasileiro, não dando uma opinião pessoal

- Sobre o caso do estupro, afirma que foi chamado de estuprador pela deputada e que apenas reagiu à agressão

GAYS

"Se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, [ele] leva um couro e muda o comportamento dele"

2010, em entrevista à TV Câmara

"O comandante Jean Wyllys abandonou a tropa de homossexuais. E a tropa de homossexuais, agora, está batendo em retirada do campo de batalha. São heterofóbicos. Quando veem um macho na frente eles ficam doidos. (...) Homossexualismo... direito... vai queimar tua rosquinha onde tu bem entender, porra!"

- 2012, em sessão da Câmara que discutiu a chamada "cura gay"

"Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí"

- 2011, em entrevista à revista Playboy

"A sociedade brasileira não gosta de homossexual"

- 2013, em entrevista ao comediante inglês Stephen Fry

"Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater"

- 2002, em entrevista à FOLHA

O QUE DIZ ELE

- Afirma não ser homofóbico

- Diz apenas combater a veiculação de conteúdo educacional sobre diversidade sexual nas escolas

- Diz já ter tido assessor gay e aponta um aparte elogioso que fez ao deputado Clodovil (1937-2009) como prova de que não é homofóbico

NEGROS

"Eu fui em um quilombola em El Dourado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador eles servem mais"

- 2017, em palestra no clube Hebraica, no Rio

"Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco, e meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o teu"

- 2011, em entrevista ao CQC, respondendo a uma pergunta gravada de Preta Gil sobre o que ele faria se um filho seu se apaixonasse por uma negra

O QUE DIZ ELE

- Afirma não ser racista

- Que está protegido pela imunidade parlamentar em relação às suas opiniões, palavras e voto

- Sempre repete que seu atual sogro (pai da sua terceira mulher) se chama "Paulo Negão"

- Em 1978, salvou um colega soldado, "Negão Celso", de morrer afogado durante um treinamento. "Uma evidente prova do 'racismo' de Bolsonaro já nos tempos de caserna", ironizou o filho Flávio no livro que escreveu sobre o pai

- Sobre o caso do CQC, afirma ter entendido errado a pergunta (teria ouvido "gay" no lugar de "negra"). O caso foi arquivado no STF sob o argumento de imunidade parlamentar e a falta da gravação original, sem edição, que permitisse juízo de valor sobre a possibilidade de engano em relação à pergunta

Link da matéria:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/bolsonaro-cita-clodovil-e-colega-negro-para-rebater-acusacoes-de-preconceito.shtml>



Revista Forum

<https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-bolsonaro-por-latuff/>

*Mantenha a mão no bolso
e faça cara feia! Não quero
filho meu desmunhecando
e fazedo biquinho pros amigos!*



Atroz

Assaz Atroz

<http://assazatroz.blogspot.com/2014/03/professor-bessa-morte-do-bailarino-o.html>



Brum

<https://twitter.com/brummmm/status/1126449834200842240>

Aponte a fala que não pertence a um paraíba...



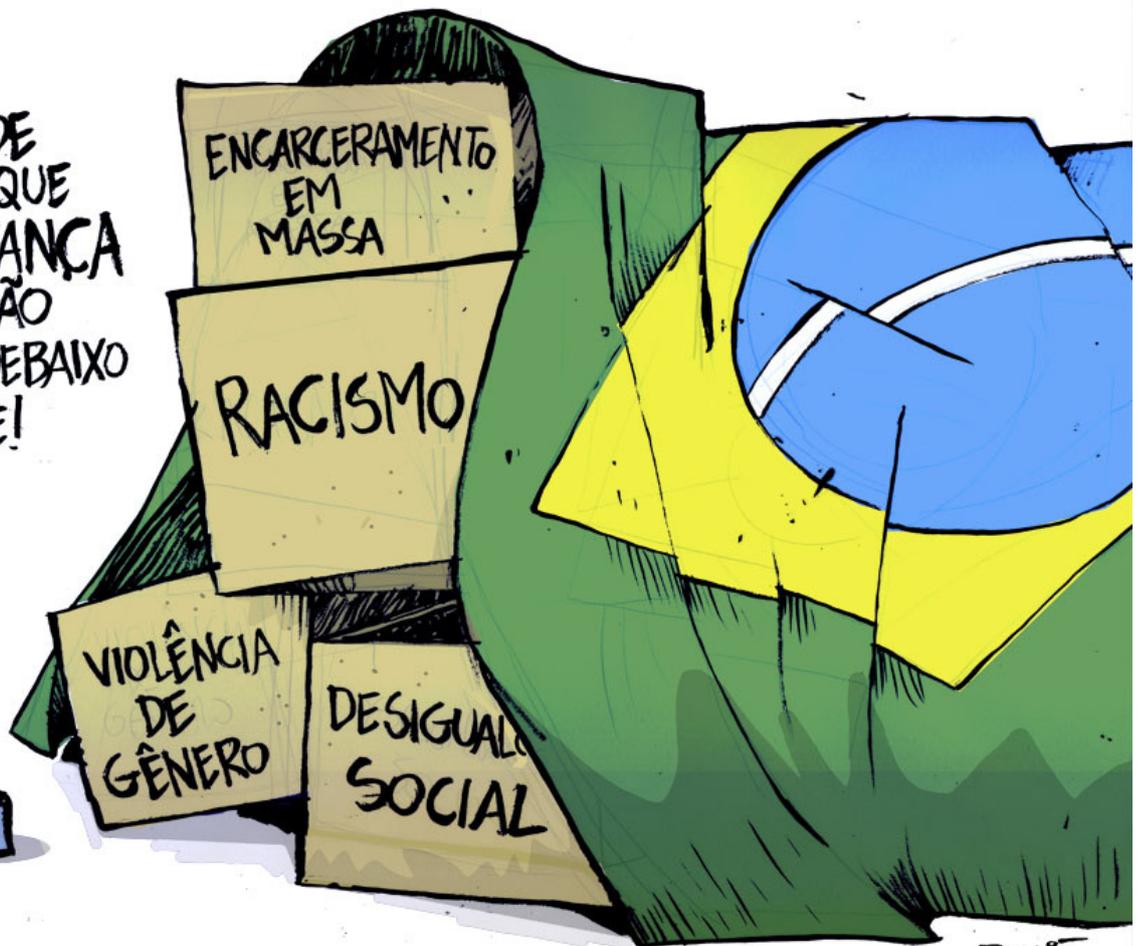
Eliomar de Lima

<http://blogdoeliomar.com.br/2019/07/20/bolsonaro-e-os-paraiba/>



<https://www.gayecuador.net/hijo-homosexual-prefiero-este-muerto-candidato-presidencia-brasil/jair-bolsonaro-gays-charge/>

AVISA O
POVO AÍ DE
CIMA DE QUE
NOSSA HERANÇA
MALDITA NÃO
CABE MAIS DEBAIXO
DO TAPETE!



JUNIAO.
www.junaio.com.br

<https://medium.com/@vasconcelosrita/mais-bras%C3%ADlia-menos-brasil-54ca79ee4cdc>

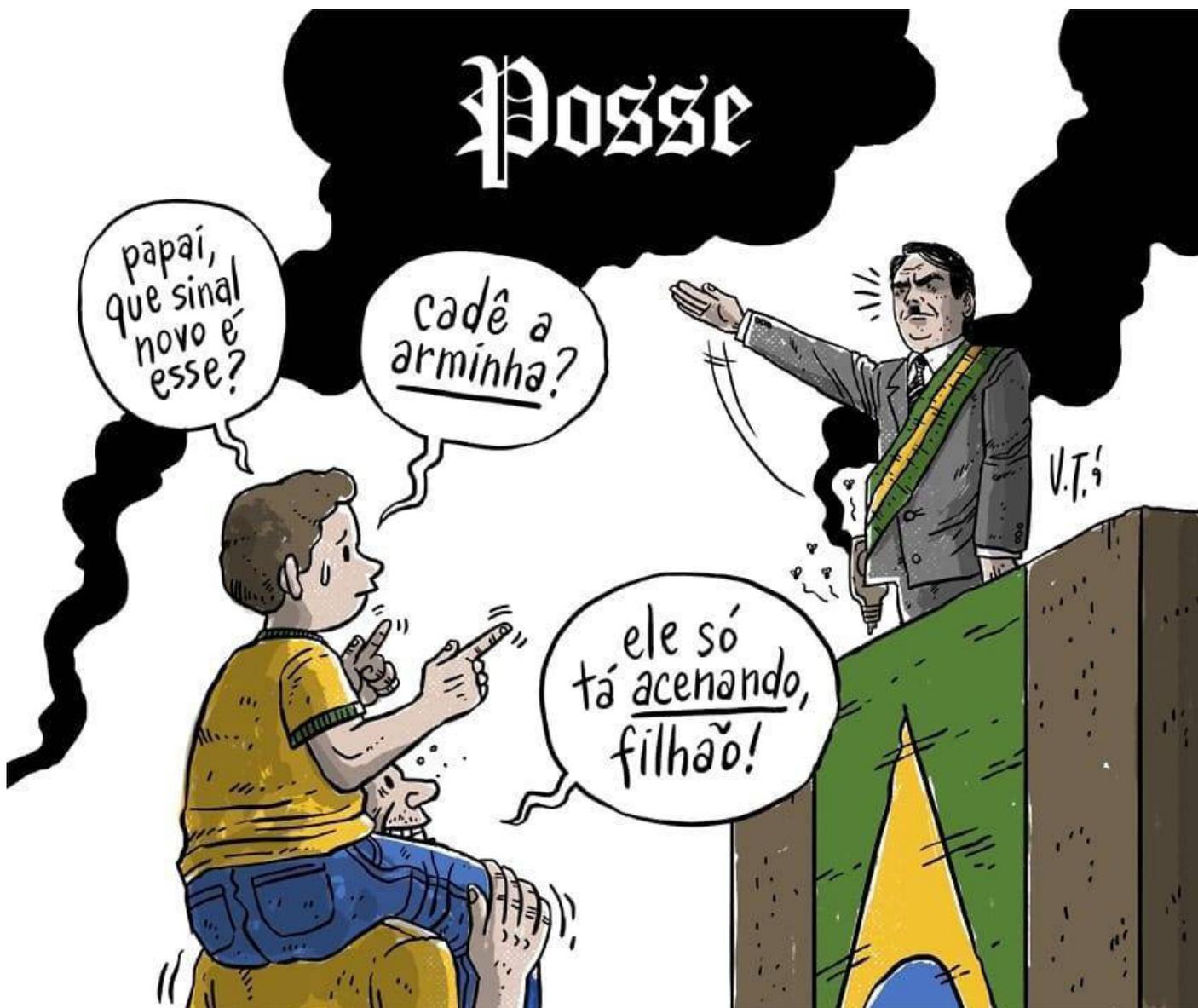
O QUE VOCÊ
QUER DE PRESENTE
NO ANO NOVO?

UM
FUTURO
MELHOR!!



Facebook

<https://www.facebook.com/marianacontipsol/photos/a.303049296528726/1104661766367471/?type=3>



<https://blogdopaulinho.com.br/2019/05/27/manifestacoes-profissionais-e-agenda-esquerdista-marcam-protestos-a-favor-de-bolsonaro/>

LIXO...

SABIA
QUE O BRASIL
É O 4º PAÍS QUE
MAIS PRODUZ
LIXO NO MUNDO?

SE LEVASSEM
EM CONSIDERAÇÃO
AS POSTAGENS QUE
O PESSOAL FAZ NAS
REDES SOCIAIS...

TENHO
CERTeza DE QUE
SERÍAMOS O
PRIMEIRO!

